DELICTOS DA MOCIDADE

DELICTOS

DA

MOCIDADE

Primeiros attentados litterarios

DE

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

«Pois *ria-se* d'isso, que o caso é para chorar.»

(D. FRANCISCO MANOEL. *Feira dos Anexins.*)

PORTO

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

De Eduardo da Costa Santos & Sobrinho — Editores

4 — Rua de Santo Ildefonso — 12

MDCCCLXXXIX

AOS LEITORES

ÃO já escassas algumas producções litterarias do laureado escriptor o ex.mo sr. Camillo Castello-Branco, e outras muitas são desconhecidas.

Lembrei-me de promover a reproducção d'aquellas e d'estas para realisar um vehementissimo desejo de todos os que respeitam o proeminente vulto litterario do primeiro romancista portuguez, e servir a historia litteraria de Portugal em uma das suas phases mais brilhantes, como é a phase relativa ao principe da litteratura nacional.

DELICTOS DA MOCIDADE

Eduardo da Costa Santos, tambem havia em mim o de contribuir para se completar, quanto fosse possivel, a collecção das producções litterarias do meu prezado amigo, a fim de que nós possamos e egualmente possam aquelles por vir lêr e aprender como se realisou a evolução da superior intelligencia do escriptor mais genuinamente portuguez.

Como sabia, porém, da já muito manifestada repugnancia que o meu querido amigo tinha em consentir na reproducção dos seus antigos escriptos, usei, até abusar talvez, da amisade com que me distingue, pedindo licença de os reimprimir para mim: — consentiu, tanta affeição me dá a sua nobilissima alma.

Vencida a indisposição, que assim vi sopeada por um genuino sentimento de amisade que me distingue, prosegui na pugna, para conseguir que se produzisse uma edição que satisfizesse os vividos desejos de todos os devotados admiradores de Camillo Castello Branco.

Houve porfiada lucta em que venci

com o estrago do compromisso de tomar a meu cargo a revisão e ordenação das publicações.

Que o encargo excede as minhas aptidões, não careço de que m'o digam, porque sobejamente o sei; e menos preciso de que m'o provem, porque eu mesmo o provarei.

Apesar de tudo isto acceitei-o, não para obsequiar quem tanto me favorecia, concedendo-me a mercê já recusada a outros; mas para servir a historia da litteratura nacional, e quem comprehende o muito que valem escriptos do proclamado MESTRE, secundando, simultaneamente, o louvavel empenho do benemerito editor, que me convidou a juntar algumas NOTAS respectivas aos escriptos que vai reproduzir.

Satisfiz ao desejo, e assim, observando tanto quanto fôr possivel a ordem chronologica, restringir-me-hei á stricta compilação e revisão para não escurecer merecimentos, fazendo as annotações a que me obriguei, e que me pareçam

interessar mais immediatamente o leitor.

Eis como tenho de intervir nos indicados termos n'esta publicação, e como e para que intervim pelos indicados motivos, que brigam vantajosamente com parte da carta que o meu presado amigo manda juntar e se segue.

Porto, 15 de Agosto de 1889.

J. A. de Freitas Fortuna.

Meu querido Freitas Fortuna.

QUANDO eu soube, pela sua confidencia, que o meu presado amigo premeditava colligir os meus ensaios de rapaz na dolorosa vida das lettras em Portugal, estremeci de pejo e ao mesmo tempo de reconhecimento á sua dedicação.

Motivava esta especie de pudor da intelligencia o vêr reproduzidos os escriptos que eu desejaria nunca fossem lembrados; porém, a esse sentimento um tanto vaidoso, prevalecia a gratidão que me impunha a sua ideia generosa.

Não devo, nem o meu amigo quereria, que eu viesse aqui desvendar e esclarecer os impulsos que o moveram n'essa tarefa, em que a sua alma apparece illuminando as escuridades d'onde eu permitto que se tirem para a rampa da critica esses informes e mesquinhos trabalhos de um espirito ainda balbuciante.

Passaria pelo animo do meu amigo completar a minha biographia litteraria, publicando esses livros tão distanciados dos ultimos que eu produzi tanto quanto a mocidade feliz se distanceia da velhice attribulada?

Foi esse o proposito?— Com certeza não foi. Qual elle fosse, não ha ahi leitor que o não veja, mal velado por qualquer honrosa e artificial explicação que o meu amigo lhe queira dar.

Não lerei nem permittirei que me leiam este livro, e os outros que depois vierem; não porque eu me envergonhe de ter sido um rapaz ignorante; mas porque teria de confranger dolorosamente o coração para lhe arrancar lagrimas, e choral-as sobre essas paginas, que são em grande parte a historia da minha mocidade.

Meu querido amigo, abraço-o extremosamente por vêr o seu nome vinculado ao meu quanto tenho sentido a sua alma abraçada ás minhas enormes desventuras.

Esta pagina ficará sendo a unica valiosa do meu livro: É de todas a que tem mais luz; e comtudo foi-me dictada nas trevas.

Do seu do coração

Camillo Castello Branco.

Bemfica, 22 de Junho de 1889.

OS PUNDONORES

DESAGGRAVADOS

POEMETO

EM DUAS PARTES

Offerecido

AOS ACADEMICOS PORTUENSES

(A primeira edição foi impressa na *Typographia da Revista* — Rua dos Ferradores n.° 31 — Porto — 1845).

ADVERTENCIA

POR dous motivos me deliberei a reimprimir os *Pundonores desaggravados:* primeiro, porque um grande numero dos senhores que se dignaram assignar no *Juizo Final* estou certo de que não lêo aquella pequena obra, sob o qual titulo eu me dava a conhecer nos prospectos; segundo, porque alguns erros de Imprensa, na publicação d'ella, houveram, os quaes agora, serão corrigidos.

N. B. Estive propenso a aproveitar a occasião para responder á judiciosa critica do homem, ou criança que se dignou empregar quanta Logica, Poetica, e Rhetorica tinha para censurar-me, quando publiquei (ou dei a quem publicou) o seguinte poema — mas, agora mesmo, sou instruido da pessoa que o fez..., e, graças ao senhor das descobertas, vou aproveitar, dormindo, alguns segundos que gastaria respondendo.

OS PUNDONORES

DESAGGRAVADOS

(Nota I)

Quo nunquam pereundi esset non dignior alter,
Esset si nunquam cuique perire datum.

SANTOS E SILVA.

CANÇÃO

Eu canto dous heroes, cujas façanhas
Virgilio não cantou, nem inda Homero:
Legitimos heroes que o Porto habitam,
Aonde excelsos feitos, sempiternos,
Excedem os n'outr'ora praticados
Em Frigia, ou em Carthago, em Roma ou Grecia;
E n'alto monumento
Seus nomes vou gravar com lettras d'ouro,
P'ra que não possa o tempo
Aos Lusos usurpar tão grão thesouro.

Caliope! se te apraz ver decantados,
Immortaes filhos do bellig'ro Marte (1),
Que sem auxilio teu ao Vate pobre
O estro desfallece, a voz definha,
P'ra podel-os louvar quaes devem sel-o,
Bafeja-me de lá accezo sopro.
E faz que a rouca lira
Affeita a despedir sons acanhados,
Conheça que não expira
Sem um dia os entoar tão sublimados.

Já te vejo, ó grata Musa! vir descendo,
Comtigo tambem vir o Grão-Mavorte;
Este corre a saudar egregia prole,
Que d'ardente Bellona origem tira;
E tu, c'o teu sorriso e mel nos beiços,
Vens os meus adoçar, mudar-me a falla:
E se cantar m'ordenas,
Não ouso mais louvor, render-te ó Diva! ....
Mudadas vejo as scenas.
A frouxa inspiração tornar-se altiva.

(1) Este verso, que na primeira impressão estava errado, foi intacto á critica dos meus correctores, censurando, os por natureza, certos.

PRIMEIRA PARTE

No templo de Minerva onde se libam,
Magnificos manjares, que a Deusa off'rece,
Mais de mil aprendizes se reunem.
Não ouso perfumar os mais zelosos,
Vituperios prestar aos que não estudam;
É outro meu farol, é outra a pista.
Louvar honra, valor, render gloria,
Essencias em varões tão pouco usadas,
É este o meu destino, e não é outro.

Dous illustres mancebos inda imberbes,
Mas com honra lá onde a barba nasce,
Travaram entre si verbal contenda,
Cuja causa foi occulta aos circumstantes;

Mas se houvermos de crêr a fallaz fama,
Um d'elles, que com vidro os olhos cobre,
Por outro foi chamado a altos gritos,
— Caixa d'oculos! — valha a sãa verdade!
«Despique!» elle gritou, «quero despique!
«Bengalas, punhaes, facas, pistolas,
«Agudas, obtuzas, carregadas,
«Espetos, aguilhões, settas, calhaos,
«Mortandade!... horror!... verta-se sangue!...
«Sejam estes quem decidam nossa sorte.»

Uma luva se vio cahir em terra,
Prestes braço se vio alevantal-a:
Convieram no lugar — Torre da Marca —
Quaes armas devem ser? — sejam bengalas,
E quatro horas da tarde as horas sejam —
Segunda feira o dia — Quem falta é fragil —
Tremi ao ver finar vidas tão caras!
Julguei ver a meus pés em postas feitos
Dous corpos tão gentis! caras tão bellas!
Assombrado fiquei, e quasi *absorto*
Da casa procurei o salvamento,
Temendo tambem ser compromettido;
E mais livre de temor, mais a meu salvo
Dous entes meditar, a quem natura
Tal genio concedeu, tal valentia!
Chega o doce Morfêo, prompto deponho
A mente fatigada em seu dominio.

Mas sonho infernal m'occupa a mente:
Ouvi, caro leitor, qu'elle é medonho!
Caliginoso horror, espessa sombra
Á terra encobriu ethereos orbes;
Fuzilavam d'aqui sulfureos raios,
D'alli roucos trovões tremer faziam
Os polos que em seus eixos abalados
Pareciam confundir o céo co' a terra;
As vagas, transcurando seus limites,
Cobriram qual diluvio o mundo inteiro:
Apenas reservaram exiguo espaço.
— Amphititre — Plutão — Bellona e Marte —
As Furias infernaes, a Disconcordia
Fluctuantes chegaram ao aposento.—
Alli tomaram poizo. Eis que Mavorte
Com grande magestade assim começa:
«Companheiros, vereis dous filhos meus,
A quem fama reserva eterna tuba,
Quaes ferozes leões travarem briga —
Bem hajas, Disconcordia, amiga minha,
Que assim lhe inveteraste a mente insana
Do odio, do rancor, que em ti só brilham!»
Ao longe ressoou rouca trombeta:
Então que vi! ó ceus! dous campeões
Impavidos surgirem das ruinas,
Que as ondas empoladas conduziam.
Chegaram onde os deuses estavam juntos,
Continencias fizeram, e começaram
Quaes tigres, quaes leões, serpente ou lobo,

Horrisono combate a sôco apenas! —
Raios d'enxofre os olhos exhalavam,
Nuvens de fumo, as fauces inflammadas,
Os dentes lhe rangiam, em braza os beiços,
Musculos int'riçados vacillavam,
Os cabellos hirsutos, quaes sovelas,
Pareciam sustentar o mundo em pezo.
Ai de mim! que terror! não sei se o diga!...
Um membro colossal os ares vibrando,
Seu echo fez soar na Taprobana:
Aquelle que o levou, ó triste sorte!
Decepado ficou! e eu vi zunindo
A cabeça parar no céo terceiro!
Mas guarda-te, verdugo! lá vai bomba!
Outro murro desceu no ferreo dorso
D'aquelle que julgava a palma sua,
As costas transpozeram o duro peito;
Entranhas fumegantes, atro sangue
A terra ennegreceu, saltando ainda!
Fantastica illusão d'horror ó sonho!
Accordo, fallar quero... a voz me falta...
Eu cuido inda estar vendo os dous que vira,
N'outr'ora contratando o tal duello,
Mas oculos não tinha o caixa d'oculos,
(Não percam, pelo nome, excelsos feitos!)

SEGUNDA E ULTIMA PARTE

Dirias tu, leitor, se isto sonháras,
Prognostico este ser do triste effeito
Dos fortes campeões em seu combate.
Veremos se é real tal vaticinio.
Chegou segunda feira, dia aprazado!
E se bem que eu tema estar presente
Ao desastre fatal que presuppunha,
Sujeito á vontade dos amigos,
Não pude recusar; coragem! vamos...
Coberto estava o solo do combate
D'immensos curiosos já saltando,
Por verem resonar altos soquetes.
Aulistas — aldeões — ricos — e pobres —
Rapazes — velhos — velhas — raparigas —
Ecclesiastico — civil — tropa — policia —
Tal era o ajuntamento extraordinario.

Quatro horas s'ouviram (hora aprazada);
Nenhum dos meus heroes inda apparecia!
O povo já julgava ter presente
A scena qu'em Lysia outr'ora fôra,
Quando o homem de botas de cortiça
Promette tranportar-se o largo Tejo!
Mas não! assim não foi; é honra! é honra!
D'oculos apparece N... excelso;
Guarda-chuva na mão, mas não bengala;
Com grande comitiva —irmão — amigos —
Soldados — regedor, e mais pertenças.
Não julgue timidez o loquaz povo
Ao vêl-o acompanhado de tal gente!
Este homem que tu vês, nunca foi fraco,
Tem doce coração, tem alma pura.
Da Prudencia sequaz tentar não ousa
Roubar á sociedade um digno membro;
Á vida tem amor, por si se julga,
Não ousa usurpar potencia a Deus.
Se as guardas chamou, é porque teme
As balisas exceder da sã virtude,
Pois teme lhe provoquem a ira, a raiva,
E lhe obriguem a manchar virginaes mãos;
Não chames pois cobarde ao meu N...,
Tem moral, tem virtude, é chefe d'obra!
Eis chega o outro heroe, A... chamado;
«Acudi! grita o povo, um já é morto!...»
Mas oh! que foi mentira; ambos estão vivos...
Chegaram vis-a-vis — «Diz o N...:

—Vossa mercê me offendeu com vis sarcasmos,
Chamou-me caixa d'oculos, et cetera,
Diga, Snr. regedor, é lei, é justo,
Q'assim elle me offenda impunemente?!
—Tem razão, é verdade, mas agora
Que se lh' hade fazer? serem amigos.
E que diz, Senhor A..., está convencido?
—Uma vez que o Senhor assim pertende
Não posso despresar seu bom conselho.
—Ora então, nada mais, é sucia, é sucia!
—Eis! (diz um bom ratão), venha um quartilho!...
Mas o povo que appetece vêr desgraças,
Sôcos, bofetões, mortes, clamores,
Tomou a convenção por cobardia.
Cala-te, insensato, eu vou provar-te,
Em como são heroes, não são cobardes,
Magnanino A..., N... prudente.
Os antigos só tinham por heroe
Aquelle mais guerreiro, mais valente,
Que paizes destruia, e que matava,
Sem comtudo morrer, immensos povos.
Sendo assim consistia o heroismo
Em mortes commetter, salvando a sua!
Mas tu não tens já visto immensos reis,
Sentados em seu throno mortos serem?
Perguntae a Pompêo qual foi seu termo,
A Scylla, a Cincinnato... heroes d'heroes?!
Logo, pois, quem mais vive é mais valente,
E quem crimes não faz não soffre penas;

Tal é a posição dos nossos fortes!
Eternos não serão, porque é do fado;
Mas ao menos viverão até que as forças
Por força do seu ser obrar não possam.
E se tu, caro leitor, não és contente,
C'o a logica que sigo, e briga queres,
Lá vae a minha luva, quero duello,
Bacamarte, punhal, pistola ou faca,
A escolha te concedo d'arma e hora,
P'ra mim a do lugar reservo apenas.

FIM.

O JUIZO FINAL

E

O SONHO DO INFERNO

POEMA EM 3 CANTOS

POR

C. F. B. C. BRANCO

(A primeira edição foi impressa na *Typographia da Revista* — Rua dos Ferradores n.º 31 — Porto — 1845).

EM TESTEMUNHO DE AMIZADE E GRATIDÃO

O. D. C.

Ao seu amigo

ALEXANDRE THOMAZ DE AZEVEDO

C. F. B. Castello-Branco.

DEDICATORIA

Amigo Azevedo.

SE te offereço esta obra não é porque te veja lançado no caminho do peccado, e procure, assim, atalhar-te a carreira; conheço que és christão velho; mas como estamos sujeitos a mudanças fisicas, e, cá para o nosso caso, moraes — como sabes — vou por isso mesmo escorar as boas bases que já tens; para que, se um dia um furibundo Aquilão ousar arrebatar-te, possas a pé firme resistir-lhe. E quando este meu fim seja superfluo, mais o estimo, porque então te considero inabalavel, e como tal digno d'amisade de Deus, do Mundo, e principalmente do teu ex-collega, mas não ex-amigo

C. F. B. C. Branco.

PROLOGO

QUANTOS haverá que, lendo o titulo d'este opusculo, soffram arrepios de cabellos!! na verdade; o titulo por si só é capaz de converter as almas mais damnadas! (e queira Deus que elle o faça, que pelo resto da obra estou bem certo que nada conseguirei...) Ora bem: algum dos meus leitores ha-de ter cabeça adequada para alguma das carapuças que fiz a meu modo; e que se segue d'aqui? é que vive em peccado mortal; e d'aqui que se segue? que está muito sujeito a ir para o inferno! Mas quão mais perniciosas não são as minhas circumstancias? O leitor, ainda que criminoso perante Deus (e em parte perante os homens), tem a seu favor a emenda; e que lhe traz a emenda? uma eternidade gloriosa, aprasivel, etc., etc.; mas eu é muito provavel que soffra dous infernos — um n'este mundo; e o outro consequencia d'este; n'este mundo, porque não tenho dinheiro; e o homem sem dinheiro não só deixa de

ser piedoso, esmoler para o seu proximo; mas até passa a usurpar o que é do proximo, e abalança-se a mil tentativas de *re manducatione:* ora o que faz isto vive continuamente em afflicções, em sobresaltos; e por fim morre em sobresaltos e afflicções; e d'aqui? parte direito como um raio ao mais fundo abysmo do inferno! E não é triste vêr assim perdida uma alma tão tricuspida, e fluctuante como a minha? é, dizeis vós; e digo-vos eu agora—pois se é, de vós depende a minha salvação; e como depende? o processo é muito facil.—Ordinariamente, os que assignam obras, todos são ricos—sendo ricos, como quero que sejam, tanto são com duzentos réis de mais como de menos; e eu como sou uma só cabeça (talvez que a não tenha, mas estou no meu direito) com muitos duzentos réis, já posso levantal-a; e para que a levanto eu? é para vêr o mendigo, e favorecel-o; o orfão, e favorecel-o; a viuva, e favorecel-a, etc., etc.; e assim é que eu ganho o céo; por consequencia—céo cá, e céo lá.—Mas não presuma algum mendigo por ouvir fallar d'estes meus votos, que eu estou deliberado a dar esmolas; porque então, advirto-o, que estas só serão dadas depois que tiver feito os meus gastos; ora agora das sobras podem ir dispondo desde já: digo isto, para que o meu leitor não me taxe de prodigo; e é verdade que o piedoso excessivo cá na ordem das cousas pouco

Vale.

O JUIZO FINAL

E

O SONHO DO INFERNO

(Nota II)

CANTO PRIMEIRO

«Et ecce eris tacens, et non poteris loqui, usque in diem, quo hæc fiant, pro eo quod non credidisti verbis meis, quæ implebuntur in tempore suo.»

S. Lucas. Cap. 1.º v. 20.

Deosas do Pindo, despertae meu estro
No lethargico assombro adormentado;
Dae-lhe ainda outra vez o prisco auxilio;
Dae-lhe um novo ser, que o ser perdeu
No golfo do pavor, no sonho horrivel.

Não exultes jámais gaudente lyra;
Cumpre-te expedir sons de tristeza,
Tremulos, qual pede o triste assumpto,
E qual vacilla minha mão tangente.

Possam teus eccos retinir no espaço,
Onde nascem as leis qu'as zonas regem:
Nos olympicos côros se confundam,
E ao Soberano Ser mil graças rendam.

Somem-se-me as ideas qual se exhaure
No abrazado terreno a lynfa esquiva;
A mesma frouxa luz que me allumia,
Perdendo seu fulgor, minh'alma atterra;
Meu tympano affeito á voz tremenda,
Os roucos alaridos inda sente;
Meu pádar que tocou o fel amargo
Do cyatho infernal tomado á força,
Não gosto outro manjar, é estranho a tudo;
Pestifero vapor m'assoma ao olfato;
E meus olhos cerrados inda vêem,
Ou vê a fantasia em seus delirios,
Entregue á voraz chamma o corpo exhangue,
E novo sangue, p'ra soffrer, o aviva.

Ó sentença final d'um Deus irado,
Do Báratro visão, extrema hora,
Desterro sempiterno, eterno fogo,
«Perpetua escuridão, perpetua chamma»,
Quem ousará traçar teu vero aspecto?!...
Só eu... eu só te vi... eu só me atrevo!...

Esqueçam fabulosos passatempos;
Nem se quer phantasie quem não te ha visto,
Retrato enganador, infantis crenças,
Com que pinta do inferno o todo... o nada...
Os arcanos do céo são revelados
Ao pio, santo, justo, ao que he do céo:
Mysterios infernaes ao que tem crimes,
(Quaes são os meus por desventura minha!)
Se a todos inspirado fosse o inferno,
Crimes não foram nem pinturas falsas.

Monarcas qu'habitaes altivo solio;
Pastores qu'habitaes choupana humilde;
Tu, rico, que dinheiro ás razas medes
Ou sejas avarento, ou sejas prodigo;
Pobres que mendigaes parco alimento;
Mancebos que seguis do instincto a pista;
Caducos que imitaes mancebo ardente,
Se em vós razão existe, ouvi meus versos.

O silencio da noite encantadora,
O brilho das estrellas coruscantes,
A meiga viração d'um vento affavel,
O placido tremer das tenras folhas,
O sinistro carpir d'aves nocturnas,

Induziram minh'alma, extasiada,
(Assegurando talvez porvir medonho !)
Á vasta indagação da Natureza.

Debalde ousas, mortal, co'a fragil mente
Arcanos pesquizar a ti vedados;
Inflammas-te no ardor d'um genio altivo
Na chamma abrazadora da cubiça,
E da propria fraqueza aborrecido,
Em vez de realçar a mão suprema
Te volves a descrer a Divindade,
Qu'a existencia te deu, e te concede,
Na sublime razão, potencia extrema ! ...
Humano entendimento, quanto és fraco !
Miserrima cegueira te confunde;
Um baldado pensar teus votos muda ! ...

Nest'alta reflexão preoccupado,
E ao brado seductor quasi propenso,
A noite s'augmentou; e as forças minhas
S'esvaíam pouco, e pouco a par da alma:
Quizera já por vezes desviar-me,
A fim de mitigar com brando somno
O insolito cansasso que sentia.

Estranha robustez m'estorva os passos,
Languido me entrego ao seu arbitrio,
E ao sereno Morfêo abandonado
Ao longo m'estirei da branda relva.
Se tu, caro leitor, attento, visses
Que os olhos se fechavam pouco a pouco,
Que a bocca se m'abria, e se fechava,
E momentos depois medonhos roncos,
Que chamas ressonar tambem ouvisses
Disseras qu'eu dormia! não te enganavas.

Eia! meu Deus que horror! ó céos, que é isto?
Qu'improviso vulcão o mundo engole!
Abatem-se da terra os sustentaculos,
Os pincaros mais altos se sepultam,
A lava que os derruba o céo percute;
A esphera cristalina se desloca;
Férvidas cinzas que da terra se alçam
Ethereo espaço em cerração convertem.

Rouquenha brada estripitosa tuba
D'um anjo que transluz envolto em trevas,
E ao terraqueo confim seu som propaga.

Dia d'assombro, dia de vingança,
— Ultima pena do mortal vaidoso! —
Marmoreos pedestaes s'evaporisam,
Os tímidos mortaes das campas surgem.
Articulam-se os ossos carcomidos,
Carnosa substancia se une a elles,
Um ser animador ao corpo s'une.
Que excelsa maravilha, que portento!
Jamais s'aproveitou do osso alheio,
Aquelle a quem faltou na vida o osso!
Aquelle a quem morreu sem ter orelhas
Sem ellas appar'ceu no final dia!
Aquelle que deixou na guerra o olho,
Não s'atreve a tomar o do visinho!

Reinava em toda a parte a concordancia,
A não fallar nos espantosos gritos,
Que lá d'um cemiterio os ares fendiam.
Crepitosos soquetes ululavam,
Já em craneos de carnes inda isentos,
Já em carnes que os craneos procuravam.
Famelica ambição, humana sorte!
Um ávido escrivão a causa fôra
Do terrivel motim; porque não q'rendo
Sua alma receber, foco de crimes,
Começou a agarrar nas almas d'outros;

Um puchava daqui «porque ella é minha»
Outro, «deixem-m'a já que me pertence» (1);
E não sei finalmente em que ficaram...

O sordido lascivo recusava
Comsigo conduzir os nescios olhos,
Que de seus males tinham sido origem.
O maledico infame se esforçava
P'ra da fauce extirpar a lingua acerba
— Do merito sublime atroz flagello —
O execrando ladrão gastava as plantas
Por se escapar ás mãos que o perseguiam
— Dos bens alheios ávidas harpias —
Pois delatores de seus crimes eram.
O sequioso avaro perguntava:
Se haviam reviver dois aureos cofres
«Que enterrados deixara por olvidio!?...»
Tal era a confissão que uns *tractantes* (2)
Tiveram p'ra acceitar as almas suas,
Que em vez de accommodal-as nas chamadas,
Glandulas que á pinha s'assemelham,
E que no cerebro piniaes se chamam,
Reuniram-se em montão as faculdades
Do vêr, ouvir, cheirar, sabor, e tacto

(1) Não se julgue por isto que a alma é algum farrapo.
(2) Homens de negocio na verdadeira accepção.

Nas torpes unhas, que os mirrados dedos
Da rapinante dextra em seu simo acolhem!
Á vista da espantosa anomalia
Attonito fiquei; inda hoje a mente
Se cansa em descobrir qual fosse a causa?!

Passava junto a mim grande transporte
D'airoso madamismo vocif'rando —
Algumas descortez m'appellidavam
Por d'ellas não fazer caso devido:
Outras minha fealdade admirando
S'eu p'ra ellas olhava, o rosto escondem.
Ainda ahi, ó vaidade tens dominio!
Vaidade feminil, contagio chronico!
Ahi, onde já sôa a voz tremenda
Da perpetua ventura, ou pena eterna!!

Ao longe vem um filho d'Esculapio,
Mil homens após elle em altos berros:
«Ó tu, que tão depressa nos mataste,
«Adiantando assim nossos soffreres,
«Condemnado serás eternamente...
«Tantos igneos espetos t'atravessem
«Quantas foram as vezes que embebeste
«Co'a mortif'ra lanceta a veloz morte
«No povo que, illudido, t'acceitava.»

Onde irá esse congresso de demonios
Munidos de tições d'enxofre acesos?
Taberneiros — Alfaiates — Sapateiros,
Um momento depois com elles vinham.
Procural-os então preciso fôra
Pois tinham concertado em serem moucos;
E se bem que já tinham revivido
Não quizeram sahir das sepulturas.
Suava um taberneiro, e quiz sentar-se —
Eis lhe diz um diabo «não consinto;
Inda mesmo que suasses agua tanta
Qual podesse apagar o fogo eterno,
Nunca tanta seria como aquella,
Que empregaste em fazer christão teu vinho.»

De poetas appar'ceu a vasta chusma
De revolta com elles, mil demonios;
Um d'estes lhe dizia «Tu que te chamas
— Das Apollineas virgens casto alumno —
— Interprete de Deus que o Pindo adora —
Que a Jupiter chamavas Deus d'Olympo
E não sabias ao céo, chamar-lhe céo;
Que chamavas Plutão o deus do orco,
Tantalo, Ixion, Sisypho e Ticio
Tartaro, Acheron, o Stix, o Lethes
Cerbero, ou Trifauce Eaco, e Minos
Radamanto — Caron — Cocyto — e outros

Nomes com qu'enchias mil volumes
E por elles — *dés vintens* — te dava o povo,
É bem que vás saber s'accaso existem
Os diversos lugares que imaginaste,
Nada contribuirás pela passagem:
Não temos ambição; irás gratuito.
Por fim chegando Orphêo, quiz libertal-o
Como vate mais illustre, e mais antigo:
O diabo proseguiu «Sejaes bem vindo,
Torna a experimentar a vêr se podes,
Como dizem fizeste, entrar no inferno,
Arrebatar Plutão ao som da harpa!»
Lá vai o pobre Orphêo — Virgilio — Homero —
Pindaro — Euripides — Ovidio — Horacio;...
Mas ah! sorte fatal — lá vai Bocage
Ao compasso d'açoutes entoando
«Pavorosa illusão da eternidade»
Filosophos chegaram sophismando,
Já com seus silogismos bem fundados,
Tirando conclusões, uma após outra
Já criterios batendo, já fallacias;
Nem ao menos um *nego* ou *distingo* —
Lhe retruca o demonio «— vamos — vamos,
— Não fique da fornada a melhor brôa.»
Impavido Astrologo gritando
Não quer seja chegado o final dia —
Seus calculos são firmes não enganão,
Saturno inda não fez seus movimentos —
Circulos — semicirculos — compassos,

Espheras — espheroides — telescopios
Colloca em movimento. O demo diz-lhe:
«Louco! que imaginaste tantos céos
E em cada um dos céos espheras tantas,
Não deixaste p'ra gora apenas uma?
Um tropico não tens, ou um zodiaco
Um circulo concentrico, ou excentrico,
Que do Estygio furor livrar-te possa?

Martin—Judas—Pilatos—e Mafoma,
Luthero, e outros mais a par d'Herodes,
Infame turbilhão de seus sectarios,
Cubriram qual diluvio o terreo espaço.
Diabolicas legiões á voz de Satan
Ferozes lhe circumdam a rectaguarda,
E com igneos farpões os vão picando
Até os engolfar no negro abysmo.

Soou inda outra vez a tuba angelica
Espessa escuridade a terra tolda (1):
O circuito parou do sol languente,
As nitidas estrellas se encubriram;
Natureza morreu; silencio mudo
Á fatal confusão succede agora.

---

(1) Já se vê que escurecendo tudo, nada podia vêr mais do que se passou.

Não t'assombres, leitor, se dizer m'ouves,
Q'um tartareo dragão m'offerece o dorso!
Não recuso montar, julgando nelle
O quadrupede allado que nascera
Do sangue de Meduza serpentifera,
(Tal era a escuridão, tal era o mêdo,
Que famoso ginete em serpe troco!)

Qual furibundo, trisulcado raio,
Que do Scytico polo despedido
Unisono bramio no polo antartico,
Tal foi a rapidez com que eu transposto,
O portico infernal d'encontro arrójo.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

CANTO SEGUNDO

Hisunt: quibus procella tenebrarum
Servata est in æternum.

EPIST. BEAT. JUDÆ, N. 13.

TREME a penna a mão treme, a luz se apaga (1),
A tinta que era negra branca existe!
A penna que até aqui estava tão boa,
A vejo romboidal; não tem aparo!
A lyra que gritava tanto ha pouco,
Se as cordas lhe afino, as cordas quebram!
Terrivel posição! que ousado aspira,
Infame conspirar-se contra um vate!!?
Um vate que os umbraes 'té-qui não vistos
Do Estyge penetrou muito a seu salvo!?
Se espirito és vivente eu te exorciso,
S'és algum satanaz eu já me benzo;

---

(1) É porque isto foi feito á noite; e a luz com razão se apagava por não ter azeite.

Ao signal da cruz santa Deus nos livre
Do perverso inimigo que nos tenta;
Do Spirito, Padre, e Filho os nomes sejam,
Quem paz nos dê; e bem assim nos livre
Dos visinhos da porta, e d'algibeira...

Meu Deus! que feio spectro, que demonio!
Que pertendes de mim, negro caxorro?
Lançava pelos olhos negros sapos
Pela bôcca lançava sevandijas,
Santopeias pelas ventas asquerosas,
Atros escorpiões pelos ouvidos,
E por outros buracos vomitava,
Aranhas, lacráos, moscas brejeiras.
Em fim mais animaes comsigo vinham,
Do que teve o pai Noé na lignea arca.
Sem mais nem menos tamborete pucha;
Da tricornea cabeça o gorro tira;
E o rispido cabello apartando
Dos rubros olhos qu'abrazados ardem;
Sorvendo pelas ventas hediondas
Monstruosa pitada assim começa:
«Ó tu, que contra mim ergues teu braço,
Do Báratro contando os soffrimentos,
Dissuadindo assim os criminosos
Satelites fieis de meus dictames,
Desiste d'essa empresa abominavel,
Eterna gratidão meu peito nutre;

Comtigo hei-de andar sempre em quanto vivo,
Depois de morto habitar comtigo,
Se no inferno existir tu fôres,
P'ra dita nossa, e do nosso reino.»

Indeciso fiquei; sobresaltado,
Já co' pavor que seu fallar m'infunde,
Já co' terrivei pestilente cheiro,
Qu'em crassa nuvem m'espargiu na casa.
Fugite partes a gritar começo,
E o feio seductor s'entrega á fuga
Deixando em brazas a cadeira aonde
Infernal sêsso incortez pozera.
Não ha já que temer; da guarda o anjo
Rutilante apparece, e me conforta
—«O mêdo atterrador, eia, remove;
Terás a defender-te a mão suprema;
E eu que te guardo em teu soccorro velo—
Recorre a libertar d'infames garras
Desgraçados christãos, que o démo seguem:
N'este mundo terás a paga d'elles (1)
Se compensar tal protecção souberem;
No céo receberás de heroe a palma,
Pois a merece quem seu peito arvora
Na defensão de uma lei tão justa.»
Dest'arte terminou o seu discurso,

(1) E é da que vou fazendo mais conta.

O anjo que exhalando mil vapores
Odorif'ros transtorna em grato aroma,
Fétida nuvem que o nojento bicho,
Por despedida, em signal, deixara.
Um moderno vigor recobra a mente
E placido prosigo meu destino.

Recorda-te, leitor, que eu fui levado
No cerro do dragão ao negro abysmo:
— De tudo quanto vi te darei parte
S'o animo t'ajudar p'ra tanto ouvires.

Circumdado d'outeiros sulfurinos
E d'arvores immensas venenosas,
Na parte mais profunda existe o inferno.
Nas nitrosas montanhas carregavam
Diabolicas esquadras grandes fardos
(É provavel que fosse para o gasto
Transcendente ao solito dispendio).
Apenas que tal vi entezo a brida
Do ligeiro corcel que me levava
A fim de pesquizar com mais pachorra
Os feios caracteres que apresentavam
Os démos empregados no serviço —
Se assim posso dizer — extra-infernal —
Inutil foi meu qu'rer; quando mal cuido
Já estava do averno a porta entrando.

Vais ver, meu leitor, quão fabulosos,
Os quadros infernaes por hi se pintam.
Contam que na entrada um cão existe
D'aspecto carrancudo, fera garra,
Qu'empolga co'a dentuça as pernas frôxas
Do triste, condemnado passageiro,
Ao tempo que transpõe o turvo Estyge
Que do velho Charonte a barca move.
Patranhas, bom christão; do inferno á porta
Existem formidaveis sapos conchos
Que pela bôcca uns sapinhos lançam,
Differentes dos nossos por ter azas,
Que d'alto adêjo vem bater no rosto;
Acolhimento, na verdade estranho!
Mas tendo cada terra sua usança,
Sempre é uso do inferno o tal dos sapos!!
Sobre os gonzos rodou a ferrea porta,
E o drago infernal dentro m'impelle
Transfigurado em Satanaz medonho;
Obriga-me a beber de tetro copo
Atro licôr que o paladar m'abraza:
—«Esgota-o, eu t'ordeno, se ver queres
Immutaveis castigos sempiternos,
Que algum dia supportal-os cumpre,
Se d'hoje ávante conservares teus crimes...
Segue-me, do que vires, t'irei contando.—»
Custou-me acreditar que um demonio
Quizesse taes conselhos ministrar-me!

Terrifica masmorra vi primeira,
Onde igneos thronos scintillando ardiam
—Estes que tu vês solios ardentes
Simulam dos monarcas aureas sédes;
Esses que em seu cume em vão clamam,
São reis, que aviltando o jús dos povos,
Em vez de filhos lhe chamaram escravos.
As chammas que da bôcca lhe rebentam
São decretos atrozes que dictaram.
Vê aquelle que da bôcca a custo expelle
O cofre da maldade, e dos prazeres,
—O negro coração em postas feito—
Qu'aos pés dos seus Mentor's vês estirados.
Spargindo flechas a pupila estoura,
Vehic'lo do prazer, do torpe gosto
Com cujo exemplo depravou seus povos.
Carnivoro dragão lh'enrosca o braço,
Simulacro fatal do regio sceptro,
Roendo-lhe as entranhas faz bradal-o
Como a seus povos deplorar fizera.»
Dest'arte eu lhe fallei «Jámais receio
Que taes castigos, e taes penas soffram
Os Monarcas que regem Lusitania:
São elles indiff'rentes ao que eu faço
Indiff'rentes tambem são seus ministros
Quando minhas acções não desabonem
O bem da patria reunida nelles.»
—Quanto t'enganas insensato moço!
Olha est'outro monarca sendo alvo

Das settas que lh'arrojam seus ministros.
O peito lhe traspassam, e se embebem
Do mortifero sangue que reflexo
Na flecha ensopada vem d'encontro
Ao sangue dos ministros ajuntar-se;
Foi esse um rei bondoso, e desleixado (1)
Que as redeas entregou a dois egoistas.
Barões, condes, marquezes, duques foram,
Tyrannos para o povo ao mesmo tempo
Que elevavam seu ser do povo á custa.
Ei-los agora do seu rei verdugos,
E o proprio rei dos seus vassalos victima.
Passamos mais ávante; e ver já podes
Que a estancia mais nobre do inferno
Aos grandes — aos heroes é dedicada; —
A caverna primeira elles occupam,
Attento o lugar primo que tiveram,
Das delicias no mar, nos vãos prazeres
Na segunda verás o insano avaro,
Pelo num'ro contando de reaes,
Que profundou n'afferrolhado cofre,
O numero d'archotes inflammados
Qu'eternamente abrazal-o hão-de.
Verás outro beber ouro fundido
Que no momento de morrer bebêra
— Ultimo, terno adeus, aos seus thesouros.

---

(1) Não conheci quem elle era.

Alli achas tambem o fatuo altivo,
Da vil soberba o detestavel filho;
Monstro execrando que na garra cinge
Férvido freio crepitando em chispas...
Inda assim mesmo penetral-o ousa!...

Observa o jogador que, condemnado,
Castigos soffre... as mais crueis penas.
Olha a esposa, os filhos, os parentes,
Que mil blasfemias, mil sarcasmos torpes
Ao pai, ao esposo, desesperado, enviam.
Com os dentes em fogo lh'esfarrapam
As frôxas carnes que outra vez s'avivam.
«Eia! (lhe grita a esposa) Infame esposo,
Tu me viste á lascivia render culto,
E em vez de castigar minhas torpêzas
Afervoraste meu impudico voto;
Porque o teu vicio exigia outros
Que sustental-o, como eu fiz, podessem!»
Gritam os filhos, «ó malvado pai,
Tu nos mandaste usurpar o alheio
E com ávidas mãos, das nossas debeis
Mas criminosas usurpaste o furto!
O fogo da paixão, do jogo o vicio,
Á razão s'esquiva, se a razão lhe falla.»

Na terceira caverna vou mostrar-te
O sordido glotão de lautas mezas.
Opiparos banquetes foram seu idolo
E co'elles esquecendo seus deveres,
Entregue á inercia, aguardava a hora
D'intumecer o desmedido ventre.
Olha-o agora que raivoso brame
E da barriga arrancando o estomago
Pela cabeça, furioso, o enfia (1).
Olha aquelle outro que ao travez d'um espêto,
Qual recheada perdiz, chamusca a cutis.
Qual cosinheiro um demonio apara
Em negra taça a escorrente banha,
Que da gordura abundante emana,
E nas feridas outra vez lh'a lança.

Tambem o preguiçoso aqui reside,
Continuo movimento elle executa,
Em todos os sentidos geometricos,
Á custa de taponas que lh'atiçam (2).
Ora sobe, ora desce altas columnas
De cortantes navalhas conformadas;
Aqui lhe cae um braço, elle atraz torna

---

(1) Quiz conhecer quem fosse o tal glotão; mas como tinha o estomago enfiado na cabeça, não me foi possivel ver-lhe a cara.

(2) Este verbo atiçar soffre agora nova accepção, mas, seguindo as maximas do A. da *Pedreida,* estou no meu direito.

O membro procurar; cae-lhe a cabeça
Em busca d'ella de gritar não cessa,
E achando-a, com dôr, olha p'ra ella
E arquejando por entre choros clama
«Cabeça minha regalada, e louca
Quem d'entre o mundo te roubou tão cedo?...»

O invejoso tambem n'esta s'encontra
Caverna das do inferno a mais horrivel.
Repara como Deus tem comparado
Em justa opposição do mundo a lide
Com a lide infernal. O invejoso,
Inda mesmo engolfado em seus thesouros
Arrepela-se em ver brilhar o alheio—
Palido sempre, o que é ventura ignora;
Cavadas orbitas os olhos somem
E a pupila só se enxerga a furto
Quando torcida, qual tenaz magnete,
Riquezas que não goza atrahir julga,
Não satisfeito aqui com seus supplicios
Outorga as magoas que opprimem outros,
—Se na terra envidou os bens alheios
No inferno cubice alheias penas.—

O quarto abysmo se t'offerece á vista;
O mais mavioso dos infernaes abysmos.
Aqui as namoradas se reunem:

E sendo os crimes seus pouco pesados
São leves igualmente as suas penas.
Alli vês tres madamas namorando;
E como lá na terra é seu costume
Alvo lenço passarem pelas ventas
Esfregam-se aqui com um sedeiro (1),
Alli vês outras tres cartas dictando
Pr'o querido amante qu'ancioso espera,
Amante lá na terra meigo e bello,
E agora transformado em sardão feio
Que expandindo as garras triplicadas
A carta lhe recebe, e trinca os dedos,
Imitando assim os taes apertos
Que em taes occasiões dar-se costumam;
E se acaso, peccador, (diz o ratão),
Tens na terra namoro, e temes penas
Que te um dia hão de punir, quaes punem estes,
Posso-te assev'rar que a mesma cara
E o mesmo corpo que gozares na terra
Aqui ha-de appar'cer, pois tanto basta
P'ra os crimes teus punir, e os crimes della;
Visto isto (disse-lhe eu) dizer tu queres,
Que tão feio sou eu, e tão disforme,
Que não é necessario ter mudança
P'ra poder affligir tristes madamas
Se por desgraça habitar com ellas?

---

(1) Sedeiro é um instrumento formado de aguilhões, que se emprega para estremar a estopa do linho.

Aqui tambem habitam — mas á porta —
Adulteras lascivas, e nefandas.
D'uma parte o marido a dilacera
Da outra o amante a despedaça —
«Que crimes commetteu (então eu disse),
O esposo que não julga haver perfidia
Na furtiva mulher que o enganava
P'ra soffrer tanto como soffre a esposa?
S'innocente viveu, que culpa teve,
Ou quem pode prever puros mysterios,
Mysterios da mulher á astucia entregues?
— Muito embora (replíca), innocente
Esse marido desgraçado fosse,
Não só pertence a elle, que bondoso
Á mulher concedeu ornar-lhe a fronte;
Mas respeita ainda áquelle a quem fortuna
Concede divinal, fiel esposa,
Com grosso taco de cascudo sôbro
Nas tenras costas augmentar mil calos,
Que lembrar possam n'um porvir aziago,
Se a seducção lh'acommetter os votos
Da pura castidade, e fé jurada . . .
Se tal não praticou esse marido
Faltou á santa lei que a rasão manda.
E mesmo que tal lei não vigorasse,
Como ousaria penetrar no olympo,
Com os pendões que a testa lh'ornam,
Aonde as portas são d'extremo apêrto?!...

Remove algum pavôr que tens ganhado
Nos quatro calabouços que tens visto:
A mente afina, e novo ar respira,
Pois que vais visitar o que te falta
Ultimo, e quinto dos cocytios antros.

Cheio d'hypocritas o inferno existe;
Mas sendo só por si crime bastante
O d'estes engenhosos fraudulentos,
Aquelles que apesar da hypocrisia
Mais crimes não tiveram d'alta monta,
Livres do resto tem asylo á parte:
Mas seus castigos quanto são penosos!
Em grandes caldeirões d'enxofre cheios,
Com ferro de mistura derretido,
Nadam, bracejam, e debalde estendem
O sêco braço p'ra encontrar amarra.
Outros pendentes co' a cabeça a fundo,
Qual morto porco p'ra esgotar o sangue,
O nariz mettem no fervente chumbo,
Co'a lingua tambem venenoso liquido
Que lhe percorre n'um momento as fibras.

De criticos tambem é esta a séde;
Criticos que a furto mordem, e fogem,
E agora sobre si revertem os dentes;
Mordem-se, esfarrapam-se, terrincam-se,

Arrebunham-se, tremem, arrepelam-se;
E após tanto supplicio é d'etiqueta,
Que apenas no inferno o pé poserem
A base do nariz quebrada seja —
«Louvado seja Deus, (então eu disse)
Um que eu lá conheço não precisa
Soffrer tantas angustias dolorosas,
Pois já na terra o possue quebrado (1),
E tal favor á natureza deve.
Resta-te ainda penetrar no fundo,
Chamado abysmo dos abysmos todos;
Alli é dos ladrões special pôsto
Onde incluidos os seguintes se acham,
Sapateiros, Marchantes, Alfaiates,
(Exceptuando algum que me pertença...
Bem pode ser porque nada somos!)
Negociantes......................
....
Ó desgraça, miseria, infortunio!
Agora que o melhor, e mais preciso
Passava a ser patente, acordo... ólho...
As vacillantes mãos ao céo levanto
Graças lhe rendo com fervor extremo,
P'ra que se digne o perdão render-me;
E muito mais lh'imploro agora,
Que seu auxilio aos meus versos mande,

(1) Tem allusão particular.

Para que possam conduzir ao gremio,
Os peccadores que no êrro vivem ;
E p'ra que possam conduzir ao gremio
Da minha bolsa os argentinos pintos.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

CANTO TERCEIRO

> **Malos male perdet, et vineam suam locabit aliis agricolis qui redant ei fructum in temporibus suis.**
>
> S. MATH. 21.

FASTOS do mundo, ardilosos fastos,
Parae um pouco na veloz carreira.
Retrocedei, ó ambulantes cegos,
Da trilha infesta onde a mão do crime
Lançou barreiras, collocou ballizas
N'um dos extremos que no inferno emboca.
Vinde a mim todos, e segui meus passos
Quaes ovelhinhas que á porfia em grupo
O bode seguem commandante em chefe
Da vasta cohorte das felpudas tropas.
Vinde a mim todos, como outr'ora foram
Após Moysés de Israel os filhos,
Vereis em mim da sãa razão o foco;
Um novo Ethna espalhando á larga,

Por entre os labios do pudor emblemas (1)
Balsamico licor, vivificante,
Que o paladar já insensivel fere.

Vem tu de Pyrro, ó sectario insano,
Que da propria existencia és ambiguo;
Provar-te quero co' rigor da arte,
Existe um inferno, que um céo existe,
Existem penas p'ra expiar os crimes,
Tambem ha penas que *ab eterno* duram,
Que existem glorias da virtude em paga.

Existe, ou não existe eternidade?
É facil de provar; pois sendo a alma (2)
Perenne, immortal, sempiterna,
Precisa d'um lugar aonde habite,
Quando se escape da corporea séde.
Agora direis vós: «se é invisivel,
Repugna, attendendo ás leis geraes,

---

(1) Esta equiparencia dos labios com o pudòr é um rico pensamento!... e não sendo rico, pelo menos é novo.
(2) Isto agora é Logica.

Que um espirito seja impenetravel... »
Uma simples razão vencer-te pode:
Não só lugar occupam substancias
De natureza solida, massiça;
Quanto de gaz nos botequins encontras
Em frascos, ou botelhas alojados?...
Espirito e gaz é tudo o mesmo,
O mesmo é dizer alma gazoza,
Ou alma esp'ritual; d'aqui concluo
A acima posta, inabalavel these:
— Precisa d'um lugar aonde habite —
Se ainda negares, quem quizer te ature.
Se me concedes eternidade exista,
Não quero mais p'ra poder vencer-te
Em tudo mais que t'aprouver morder-me.

Se o Sabio Creador d'ambas as vidas (1),
Eterna uma, e mortal a outra,
Á alma destinou lugar's diversos,
Um nesta vida, outro lugar na eterna,
Diversas hão-de ser as circumstancias,
Ou fins diversos que o Creador emprega;
Porque a serem monotonas, iguaes
As penas e o prazer das vidas ambas
Passava a ser superflua tal ordem

(1) Isto agora é Logica.

E de superfluo o Creador taxado.
Mas se Deus é preciso em suas obras,
Tal semelhança presistir não pode (1).
É aqui aonde existe o embaraço
P'ra 'quelles que embaraço lh'imaginam,
E contra a convicção fallam, sustentam,
Em favor do prazer, contra a virtude.

Bem como o estudante negligente (2),
Quando na aula quer faltar um dia,
(Porque a ignavia lhe escurece o zelo
De ser fiel aos pais, ser prompto aos mestres)
Começa a procurar causas d'invento,
Por quanto das reaes, mau grado, faltam
Que direito lhe dêem p'ra escapar-se.
Imagina que a cabeça tem dorida,
Que o peito lhe dóe, que lança sangue,
E d'isto convencido outra vez lança
No oppresso cabeçal grave cabeça;
Tal é o filho do prazer mundano,
Argumenta comsigo, e conclue,
Do modo que lhe apraz, e diz impavido (3):
«Sou fertil de razão, a razão manda
Os deleites gozar; pois compassivo,

(1) Aqui acaba a Logica.
(2) Cabula — nome technico.
(3) Isto é Logica; mas é lá com elles.

Tolerante, benevolo, munifico
Pr'as creaturas é forçoso seja
O Creador que nos formou sensiveis
Aos attractivos, em cujo centro estamos»
E vá eu que de logica sou chefe,
Taes homens amoldar, homens de pedra,
Que só com pedras na cabeça louca,
Eu os fizera procurar o rego,
Do mesmo modo que ao bravo touro
Co' aguilhada se faz vir á sôga.
Já convencido eu, de mais, te julgo,
Se por fortuna perceber podeste
Os raciocinios que empreguei tão solidos (1)
Provei-te pois, que um inferno existe,
Existe céo, e muitas mais pertenças
Que não permittem discussão mais longa.

Cumpre-me agora procurar os meios
Abrir caminhos, fornecer-vos luzes,
P'ra que possaes investir ufanos
Celicas portas que Sam Pedro fecha.

---

(1) **Talvez que algum dos meus leitores não entenda que modo é este de provar!... N'esta minha logica encontra-se a metaphora personalisada; e de mais, como leigo, é-nos prohibido entrar muito por estas cousas de Religião. — Assim diz o Concilio de Lyon «*Anathema cit,* etc., etc. — quem quizer vá lá vêr.**

São a Avareza, a Ambição, Luxuria,
Fontes primevas, donde os crimes brotam:
É o avarento de si mesmo escravo,
Escravo é do mundo porque teme
Que o mundo lhe descubra o seu regime.
Vela de noite p'ra guardar os cofres,
Que já ganhados contra o peito afferra;
Vela de dia imaginando tramas
Que lhe prosperem pr'augmentar thesouros.
Frio, e febre ao mesmo tempo soffre;
Tolera febre em consumir o alheio,
Supporta o frio na perdição do proprio.
Em susto sempre excogita aonde
Ha-de enterrar os mal ganhados pintos.
É martyr do diabo em toda a vida,
E eternamente do diabo é martyr.
E de que modo preservar-te podes,
Ó avarento, de soffreres taes penas!?...
Não to exponho, tu sabêl-o deves,
E o coração, que é mais fiel, t'o diga.

O ambicioso, sequiosa féra,
Perde a saude, a fazenda, a honra:
Nas fontes todas, sem reserva, bebe
Sejam saudaveis, ou mortif'ras aguas.
Á redea solta, mil caminhos busca,
E os buzios olhos lá na meta fixa
Onde pendentes em resequidos dedos

Aurif'ra bolsa seu remedio encerra.
Tantos estôrvos no caminho encontra,
Até chegar ao desejado cume,
Tantos os riscos a que está subjeito
Após transpôr a desejada raia.

Nem da terra os sob'ranos estão isentos
Da garra atroz da ambição horrenda;
Não foi Tiberio esse rei potente,
A quem o mundo obedeceu inteiro?!
Viveu contente, e morreu com gloria?!
Crueis remorsos lhe ralaram alma,
E mais ralada foi viver no inferno.

Ora pois, caro leitor, no que tens lido
Não encontras canções, ou frioleiras,
Que á vista do incrédulo s'off'ressem
Attento lê minhas lições saudaveis,
E d'ellas colhe o saudavel succo.
Não duvides do inferno — eternas penas
— Castigo eterno onde as almas soffrem —
Ou seja fogo seu cruel supplicio,
Ou agua seja seu castigo eterno
— ETERNIDADE — esta palavra basta
P'ra amedrontar corações de pedra.

Para taes dores evitar ha meios
Suaves de seguir, e infalliveis,
— Só os não acha quem não quer achál-os —
Essa lei santa pelos ceos ditada,
Lei natural que o coração nos dicta (1)
— O coração que é sacrario d'ella —
É só bastante p'ra nos dar ventura.
Ante os olhos traz sempre essa hora extrema
Da exacta conta que prestar tu deves:
Verás um Deus a quem nada é occulto,
Porque em teus olhos elle lê teus crimes.
Verás um tribunal onde se pesam
Co' mesmo pêzo, com igual balança
Os crimes do pastor, do rei as culpas.
Desgraçado mortal, terás pretextos
Que dar a um Deus, mais que a linha, recto?
É n'este dia, ó mortal, é n'este,
O fausto termo, ou fatal principio
Do pranto, magoa, afflicção, miseria!...
P'ra ti mesmo serás cruel verdugo,
Serás accusador das proprias culpas;
Só a innocencia te dará auxilio.

---

(1) Lei natural, não é lei da natureza; é uma lei, que á maneira de fermento, empregou o fazedor do homem quando lhe formou o coração; mas por eu fallar em fermento não cuide alguem que o coração foi feito em alguma maceira, ou que o author do homem era algum padeiro.

Corre pois, com calor, á sãa virtude (1)
Bom fructo colherás de teus trabalhos;
Teus suspiros serão nos ceos ouvidos,
Tuas lagrimas ao ceo serão levadas (2)
Teus gemidos por Deus serão acceitos.
Penitencia, irmãos, só penitencia,
Pode expiar os já passados crimes.
Não custam tanto neste mundo as dôres,
Que em mil annos tolerar-se podem,
Quanto é amargo um minuto apenas
Lá no inferno, sem cessar, soffrido.
Podem as dôres cá do mundo, leves,
Ter um momento de prazer ao menos,
Pode o amante que deixou a bella,
P'ra ter allivio da paixão tyranna,
Volver as trombas por onde mais lh'aprouve; (3)
Mas no inferno, ó meu Deus, é triste
Que se não possa escutar as doces
Expressões mulherís, que põe de parte
Todas as penas, os martyrios todos!...

---

(1) Com calor — quer dizer — correr até suar.

(2) Isto de levar lagrimas ao céo parece, á primeira vista, um absurdo; pois não é: porque eu considero-as reduzidas a vapores pelo augmento de temperatura: pode ser que ainda isto cause duvida, mas sera áquelles a quem faltar os necessarios conhecimentos. «Esta falta de idêas fysicas, e mecanicas é terrivel falta!» = palavras d'um crente. =

(3) Trombas sinonymo de focinho, e termo d'alguma maneira incivil, porque só é applicado aos porcos; mas como d'ordinario, o amante quando se arrenega costuma dizer, a amante «Está de trombas», razão porque não quiz eu supprimir um termo respeitavel; e muito principalmente porque d'elle fazem uso as Senhoras.

Rasgai, pois do peccado as negras vestes
Á força de suspiros, pranto, magoa,
A fim de que possaes no final dia
Ao rigoroso juiz mostrar sem mancha,
A alma que sem mancha recebeste.

Alli accusarás, se assim quizeres,
Aquelle que pedindo-te dinheiro,
Caloteiro, não quiz restituir-to (1).
Vêl-o-has ser citado promptamente,
Não ante um juiz chamado eleito
Que réplica, ou tréplica concede;
Mas sim ante um juiz que logo ordena
Eterna escuridão, fogo infinito.
Se quizeres tambem dizer que a amante
Trahiu o teu amor... mas não... não digas
Amal-as cumpre no inferno mesmo.

Não ouso proclamar tuas virtudes,
Ó homem, que desprezas as delicias
Ephemeras, quaes são do mundo as lides,
E cuidas na pesquiza de caminhos
P'ra no Olympo gosar delicias sempre;

---

(1) Que será de mim se isto é verdade! com tudo recommendo aos meus crédores que reservem para lá a exigencia de suas quantias.

Mas um conselho por barato preço,
Convem-me dar-te, e acceital-o deves:
Não adormeças em scismar no ceo,
Tambem t'entrega á leitura sancta
D'este meu livro, e d'alguns que eu possa
P'ra mutuo bem, e das familias nossas,
Por tão commodo preço, offertar-te;
N'elle achas tu a sãa moral, sublime,
Mas disfarçada, porque assim o exige
Minha modestia da instrucção ao lado.
N'elle tu achas apollineo bafo
Ou mesmo Apollo em pessoa feito.

Vae-se gastando, ó leitor, o éstro;
No meu regaço está dormindo a musa
Despertal-a eu vou, ó musa, ó deosa
Acorda, acorda que definha o Vate...
Mas... não me falla!... morreria acaso?!
Ai! que morreu, que me resta agora?!
Largar a penna, e carpir-lhe a morte. (1)

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO CANTO

(1) Se ella não morre mais me estenderia, e então seria o meu poema o *Rex Poemorum* — á letra — o rei dos poemas.

DECLARAÇÃO

DANDO *eu a lêr o meu poema a uma pessoa intelligente, ouvi dizer-lhe que «alguem reputaria os meus versos meramente ironicos, e por isso mesmo anti-religiosos» — nada tem d'anti-religião — e tanto não tem que eu confesso ser Catholico Apostolico Romano, o que se póde vêr na minha certidão d'idade L.º 3.º fl. 5 verso.*

COMMUNICADO

COMMUNICADO

(Nota III)

> Quando a minha vida está á disposição de um agente do poder, como posso eu considerar-me livre?
>
> (*Romaniales*—Direito Pub.)

PRIMEIRO que o homem chegue ao estado de despota, tem de luctar com as repugnancias da consciencia, e suffocar-lhe as vozes, que proclamam os direitos do individuo. O despotismo não tem direitos:—tem a força bruta; e mal d'aquelle que não póde contrapôr-lhe o ferro com o ferro, o cacete com o cacete, e o sentimento brutal com a degradação do raciocinio. Depois que o vislumbre de humanidade se apagou no coração, quebrados estão os vinculos so-

6

ciaes, e rotos os laços de parentesco com os outros homens:—a sensibilidade torna-se de ferro—o semblante de horror; e de affronta as vozes, o ar, as ideias, e o nome. Ninguem ha que não sinta a aspereza do despotismo, ao riçar-se por esse cadaver despojado de moralidades, de impressões dolorosas, e de consciencia do bem:—ahi não ha mais que vituperios, calumnias, e um fragmento do mundo irracional, que nos ensina a conhecer as galas da razão.

Póde ser despota o mendigo, porque o é o salteador; póde sêl-o o pastor entre os seus companheiros, porque o é o irmão entre seus irmãos; mas o mandatario do poder—o agente da authoridade, quando o seja, é tres vezes terrivel, infesto, e contagioso na sociedade. Posto que a rasão—de nobre se confrange, e torce, quando tem de luzir nas trevas, que alimentam o homem ruim para os outros;—posto que as vozes do offendido morrem á porta do offensor, como vagido de creança por entre o alarme de

uma turba, que se dilacera—a minha queixa, seja esse vagido, a minha razão, torça-se com a justiça, e não passem estas palavras de um devaneio para mim, e de objecto de escarneo para a pessoa de quem ellas pendem.

Eu devia ter consultado os fastos do despotismo para me convencer, que, tarde ou cêdo, seria victima do snr. José Cabral—governador civil de Villa Real. Devia recordar-me, que me tinha chegado á bandeira dos livres, para temer o ferrête de escravo, e o maior peso da oppressão...

Todavia, não sei que presentimento me trahiu! Vi offendidos vil e despoticamente os meus cumplices em opinião, e uma vez pungido pela magua d'elles, bradei ao oppressor *Quousque tandem Catilina!*... Este pensamento que se achava traduzido em uma unica correspondencia minha, impressa no *Nacional*, bastante foi para que o dedo de s. ex.ª me apontasse a sepultura, e os seus orgãos procurassem um cadaver para ella!

Da porta do governador civil no dia 17 do corrente, pelas 10 horas da manhã, sahiu um homem armado de cacete: espancou-me, deitou-me por terra, e, recolhido outra vez á casa donde sahira, appareceu com uma espingarda, e com um desgarre insultuoso, á porta de s. ex.ª Entregue ás mãos do assassino, ainda agora tremo da posição em que estive, quando sei evidentemente que José Cabral tinha dito ao caceteiro:—*mata-o!*— e porque? José Cabral confessa *que á sua ordem fui eu espancado,* e dá a rasão d'este delicto, porque *eu lhe não tirára o chapéo, tendo-o visto á sua janella.*

Risum teneatis, amici?

Ha casos, que o requinte da desvergonha chega a tal ponto, que as considerações sobre os seus actos se turvam, e confundem na intelligencia de quem as medita!!! Pois s. ex.ª manda espancar um homem, porque lhe não tira o chapéo! José Cabral arroga-se o direito de senhorio de Veneza, em terra que o conhece, e a um individuo, que jámais lhe

explora os escaninhos dos seus brazões, inda no cahos, e as phases da sua vida? Por ventura devo culto ao despota, porque vejo um cacete, que póde espancarme? Como authoridade que direito tem sobre o meu chapéo?! (Carta Constitucional. Artigo 145 § 1.º) «Ninguem é obrigado a fazer ou deixar de fazer senão aquillo que a lei manda.» E a lei não legisla sobre chapéos. Respeito as authoridades, e conheço que tenho cumprido este dever, quando negocios de estado me pedem este ou aquelle acto; mas devo por isso descobrir-me, quando, mau grado meu, encaro o homem que detésto?!

E assim vingada foi a susceptibilidade de s. ex.ª;—assim os encarregados pela Soberana conciliam as opiniões, e deslembram as injurias;—assim novos crimes preparam novas dissenções, se d'esta arte a liberdade se identifica com as disposições do protocolo.

Seria bom, porém, que o governador civil de Villa Real, entrasse no conheci-

mento da seguinte verdade: — *Que as nossas injustiças quasi sempre são julgadas pelos homens.*

Camillo Castello Branco.

Villa Real, 23 de Agosto (1847).

PRINCIPIOS

PARA UMA CONSEQUENCIA

PRINCIPIOS

PARA UMA CONSEQUENCIA

(Nota IV)

I

A HISTORIA de nossos dias deve ser interessante no futuro, quer seja lida pelo estrangeiro, sentado sobre o mausoleu de nossos reis, quer pelo nosso vindouro, mais degenerado que nós. Um grande edificio visto a desabar em pedaços, ou a crepitar entre chammas, tem muito que vêr, e a construcção lenta, e vagarosa de Roma não maravilhou tanto como as suas lavaredas a refractarem-se no rosto de Nero. Deve ser, por tanto, solemne a historia da nossa

decomposição — embora a penna trema na mão do historiador, como deve acontecer ao homem, que dispõe do seu enterro, já cavado por uma thysica, que lhe suffoca o pulmão.

Depois de quinze seculos firmados sobre as ruinas de uma grande gente, já não sabemos, ao certo, como reboaram os ultimos brados de animação, que, *Rodrigo,* collocando nas vascas da morte, vozeava entre os godos debilitados, e trepidos ao *allah* dos agarenos: já não sabemos onde estalou o ultimo frankisk provado nas forjas do *Recaredo,* nem nos consta onde se apagou o derradeiro almenar das atalaias godas. Dizem que dous traidores abriram as portas do imperio ás phalanges dos netos d'Agar, e ajoelharam aos estandartes do *Propheta.* Isto é saber muito pouco.

Não falta quem hoje faça do latim barbaro a pedra philosophal, e desencante d'ahi calculos — quando lhe não chamam verdades — e os amoldem pelo aferidor dos deveres, para deduzirem que

tal cousa assim foi, porque assim devia succeder. Calculos é que nós não queremos, meditados sobre as nossas ultimas paginas; o nosso principio não é tão obscuro como o fazem; e o nosso fim não é problematico:—é um tecido homogeneo de desmoralisações do qual mão diabolica talhou a escarrada tunica, que ha-de envolver estes restos aviltados—e tão aviltados, que nem já fazem recordar a sua passada inteireza, e opulencia. O ferrête ignominioso, que nos cuspiram, ha-de ficar por de cima de nossas louzas: inda por cima d'estas, haverá a chronica; o encerramento não lh'o fará um portuguez... e que importa? A terra nos seja leve!

As armas de Portugal cobriram a sepultura do joven rei nos arraiaes d'Alcacer-Quibir. Fôra elle o ultimo a quem a aureola da gloria portugueza illuminára:—foi de mais! fulminou-o, fanatisou-se; e, se os frades lhe inventassem um sonho, e um Christo a nomeal-o seu lugar-tenente na conquista d'almas

para o reino do céo,—a igreja lhe rezára hoje como a um martyr da cruz...

Petalas de flores que um volcão de vento desfolhou e arrebatou de mimoso jardim, essas reliquias dispersas de portuguezes, que falsearam o alfange do africano n'essa jornada de sangue,—ao dobrarem o estreito de *Gibraltar,* bem entenderam que a fronte altiva da sua patria se torcia para o lodo com o promontorio sacro para os baldões do mar! O ecco profundo e melancolico da sua grandeza ouviam-no elles nos mares que vinham cortando no sussurrar das ondas, que se espreguiçavam na praia—fartas de se abrirem á quilha dos portuguezes.

E, com effeito, déram-se treguas eternas aos mares do Gama, encravaram-se os obuzes das nossas fronteiras, rasgaram-se os timbres dos joeis de nossos cavalleiros, e conciliamos os nossos inimigos d'*Aljubarrota* com um throno, com a gloria, e com a perda incalculavel de nossos direitos.

Tinhamos cahido na desgraça de Deus: começou-se a decomposição, e os fragmentos destacados do grande centro — uns derivaram-se pela placida torrente de nossa indolencia podre, — outros sumiam-se na terra dos sepulchros como cadaver d'algum homem, que sobrevivera ainda ao momento da crise.

As raças degeneram; mas não se extinguem.. É verdade que o instincto hereditario perde muito no equilibrio dos costumes, todavia o que quer que seja — bom ou mau — póde muito em nós, e obriga-nos a um desejo que se assemelha com o anhelar amargurado e inutil do escravo pelo chão secco, calvo, e infructuoso do seu sertão.

Foi o que vimos nos portuguezes de 1640.

Ainda então vimos esses choques de armas — fugazes como a lufada da viração no mar em calmaria; — vagos e rapidos como o clarão de uma luz a expirar: eram accessos ephemeros, insolitos, e protegidos pela passageira sombra da ca-

duca gloria. Montes Claros, Badajoz, e Amexial o comprovam.

O cavalleiro, porém, que partira a espada na ferrea viseira do inimigo, não tresnoitava á porta do alfageme para forjar outra espada de têmpera polida, e acerada. Dormia contente com o acerto do seu braço, e achava que tinha cumprido os deveres do inquilino, que os de proprietario já elle não conhecia, com a perda dos direitos.

A desmoralisação gerou-se da enervação das forças, e o gabinete dos reis era theatro d'ella. Affonso VI se tivesse um contraste como Fernando, e se tivesse peccado apenas com o adúlterio d'outra Leonor Telles, não perderia a corôa. No tempo d'aquelle já se não calavam os crimes por amor da honra, nem se capeavam os reis para obstar á insinuação corruptora do estrangeiro.

Os netos do mestre de Aviz cortejavam as damas já banidas do prostibulo do seu monarcha, e cada qual tinha entendido, que a boa vida se cultivava na

copia dos prazeres positivos, e não nas idealidades e superstições cavalheirosas e romanticas. É a sentença que as gerações, desde então, aprendem na grande pia baptismal, allumiada com as tochas da civilisação... As dissoluções da côrte eram norma para as orgias da nobreza. Os brazões da fidalguia eram incombustiveis nos autos da inquisição; e o rapto declarado, traiçoeiro, e vil da mulher de Affonso VI, conduzida pelo frade ao thalamo vergonhoso de Pedro II, não foi processado nos subterraneos de S. Domingos. Os apostolos do Calvario estavam civilisados: eram conniventes na desmoronação do edificio social, e foventes no choque que lhe arremeçava a alavanca da corrupção mandada pelo braço ferreo de um monarcha...

Estava decidido:—as badaladas da tribu moribunda já tinham soado;—a eiva putrida tinha invenenado a medulla da familia portugueza, e se algum membro d'ella remedava ainda um feito de cem annos atraz, esse era um retalho novo

e despresado, que pertenceu a uma veste rota, descorada, e confundida nos andrajos do adeleiro.

Abriu-se o theatro da impostura. Os reis debutaram, e os subditos, n'esta parte somente, acharam facilidade, e igualdade de direitos para commungarem da realeza.

Cada qual quinhoou, e parodiou a seu modo o primeiro impostor, e este primeiro serviu de paracleto para todos os outros. Não havia verdade; o crime era protegido pela mentira peor que elle, a confiança era uma chimera, e como houvesse lei não o sabemos nós (!)

Passados 196 annos á jornada de D. Sebastião, Lisboa inda trajava as galas materiaes — os palacios, os templos e as torres, e os estaleiros, que ostentavam a passada grandeza, como os capacetes, as cimitarras, as lanças e os elmos d'um guerreiro, pendentes d'um tronco esfolhado, velho, e carcomido.

Um terremoto, porém, sorve nas lugubres fauces esses restos monumentaes

e apresenta ao portuguez atrophiado no extasio da sua miseria o quadro de dissolução debuxado com negras côres pela tela da natureza no velho emporio da sua terra.

Do meio das ruinas, e dos gritos, que se perdiam no estrupído das quédas rangidas dos edificios, levantou-se um homem, que parecia um Deus, a apontar para a nova Lisboa, que magicamente rebentava das fendas da terra, e se levantava arrogante sobre os seus velhos trajos.

Este homem era o marquez de Pombal.

II

O marquez de Pombal, visto de perto, era o primor da creação—o archetypo do homem perfeito; todavia, de longe, e visto atravez da lente da experiencia—estava na esphera d'um homem—não dizemos extraordinario, porque os não ha;—mas de extraordinaria fortuna. Não tinha elle a corça de Sertorio, nem inspiração do céo: e, se algum tempo foram mysteriosas as minas inexgotaveis de seus magicos recursos, hoje—na estação das intelligencias—qualquer fôra um adivinho, mais explicito que Daniel...

Pombal era um enxerto no tronco dos reis. Rebentou vergontea cheia de viço,

e ufania: enroscou-se primeiro na arvore, que lhe déra o impulso, e depois — tragou-lhe a seiva e desmedulou-a, a troco da sombra, que lhe dava com a frondosa copa, que vingou. O nobre, abraçado com os seus brazões, era arrastado pela torrente do exterminio ás agonias das masmorras; o povo amargava a perda de seus privilegios, e via os seus preciosos direitos caçados e abolidos; e o frade, que orgulhosamente desprezava a sombra alheia, viu-se confrangido a mendigal-a, sem que, por isso, deixasse de murmurar as paginas da sua caduca soberania e os protestos de uma vingança, que não passou do embrião.

Eis aqui o Deus que se levantou do presepio das ruinas do terremoto: era como qualquer tyranno.

Quando, na praça da Junqueira, quatro cavallos ferozes desmembravam um italiano, e as carnes semi-vivas lhe morriam no fogo — a dynastia Pombal estava inaugurada.

João Baptista Pelle foi convencido de

regicida; e no processo monstro que precedeu a barbara condemnação o italiano não passava de um inoffensivo adversario do marquez!

A mão do alfange sempre negra e pesada como o pulso, que subscrevia as sentenças de morte, era mais certeira que o ferro dos conspiradores; e o marquez, perspicaz como Cromwell, tinha um tympano afinadissimo para o cicio das praticas timidas e nocturnas para prever os tiros dos Tavoras.

O estadista descuidou-se; desvairou no topo da ladeira, que tinha vencido, e quando, mais rapido que subira, rolava pelas escabrosidades da sua obra, topou fria e enteiriçada a mão, que lhe prodigalisava assignaturas. As imprecações dos homens, ou espectros, sahidos dos subterraneos, eram mais retumbantes que os trons das salvas e o tanger funebre do bronze pela morte do rei. Da sepultura, que lhe abriam, rebentava um pavoroso rugir de victimas, que pareciam tombarlhe a lousa sepulcral e bradar vingança

sobre a mão gelada, que sentenciara a vida dos emparedados e a perda da subsistencia. As turbas ignaras e brutas — como lhe chamaes — não cahiam sobre a prêsa, que lhe pertencia, como um tigre furioso: — ajoelharam humildes e vis, nas escadas do throno corrompido, e felicitaram-se de vêr o seu idolo traidor rojar para o fingido desterro uma grita de maldições! Era cobarde este povo!

Pombal, de duas uma: — ou gemer morte de infernaes torturas, vergado sobre o cepo dos Tavoras; ou — subir, cheio de bençãos e louros para a apotheose dos Deuses! O tyranno fascinára um partido que se revolvia no ouro do soborno; e, se o marquez tivesse de subir ao cadafalso, seria mister pesar a diamantes o braço de um carrasco. É a garantia dos tyrannos poderosos...

Já não havia mysterio nos milagrosos feitos do ministro. A plebe dos lupanares — essa mesma, inerme do escalpello da critica assisada, pesou a miseria de

muitas familias com os thesouros do despota, e julgou equivalente o valor do roubo ao prejuizo do roubado.

Maria I e Pedro III tinham visto germinar e desabrochar no pó o grão, que produzira o immenso cabedal do homem detestado pela maioria: viam tambem rasos com o chão edificios comprados por sangue em cem batalhas pelejadas de mouros, e castellãos; e tambem viam os magnificos palacios do conde de Oeiras, que pareciam mandal-os escarnecer da impotencia do fraco, e da pusillanimidade do grande, desarmado pelo sophisma da igualdade.

E, ainda assim, o aviltado gemia, e o engrandecido retouçava-se, com o despejo da impunidade, na sua grandeza, e compunha hymnos ironicos á misericordia dos reis, e nenias de escarneo e affronta á vontade dos subditos... Imital-o... quem?!—tu, sim...—é muito cedo...

Miguel de Vasconcellos—137 annos antes, fôra cravado de punhaladas pe-

rante a vice-rainha; o *Conti*, e o Castello-Melhor, pouco depois, eram arrancados do gabinete de Affonso VI para o exilio perpetuo; e o marquez de Pombal, reclinado nos molles estofos do seu leito, recebia da mão de Maria I uma commenda da ordem de S. Thiago! Eis aqui uma progressiva mollesa na tolerancia do povo, e uma cousa sem nome na misericordia dos reis!

Não sabemos se n'esses dias as palavras dos monarchas eram ferreamente insinuantes; se os seus olhares eram de encanto e petrificação; e se o sangue a ferver nos vasos communs d'um paiz — era refrigerado por uma nova theoria de governo, contada ao povo em fórma de homilia!... Certo que era: — perto ficam esses tempos.

Muito somos nós ainda! Forte batia então o pulso de Portugal: eram tremendas as vinganças juradas sobre quatro mil cadaveres, contados pelas ossadas das masmorras, e mesmo assim, o verdugo dormia tranquillo o somno de *Mario!*

A *piedosa* soberana, entretida com o crivo do confessionario, não sentia, que o desgosto a languescer os braços d'um povo, cego de obediencia, e novo nos vexames do despotismo—era a traça a corroer o manto real, e a nova architectura da realesa despotica a desabar espantosamente.

Maria I archejava os derradeiros soluços da vida, quando a cabeça de Luiz XVI rolava na esteira do patibulo, levantado pela febre furiosa d'um povo sedento de direitos e vinganças premeditadas.

Os reis resentidos conciliaram-se para revindicar um ultraje que atacava o seu confrade: é por isso que Portugal marchava apoz as outras nações, como velho estropeado a mancar no seguimento de seus filhos moços e robustos. A Grã-Bretanha soára o rugido da guerra: Portugal devia echoar esse grito e perfilar-se, humilde, pela subjeição, e orgulhoso pela honra que lhe dava o commando do *Nelson* almirante.

Com este nome, não podemos resistir

á vontade de visitar o gabinete dos nossos velhos alliados. Vamo-nos desenfadar um pouco com os heroes da *Magna Carta;* e procurar a primeira bocca da sua rede de pescaria, que nos veio á foz do Tejo.

III

Não é anatomisando o cadaver das velhas tradições de um povo, que na ponta do escalpello se descobre o germen da fortuna d'esse povo: tal descoberta cabe ao tempo e ás fatalidades; e a vida do homem é tão annexa a ellas como a vida das nações.

É, pois, evidentissimo signal de pouco senso campearmos de adivinhos com profecias traduzidas na educação intellectual do seculo, e nas disposições moraes dos homens.

Se uma intelligencia de nossos dias — no tempo em que as familias se organisavam para trabalharem nos alicerces

das potencias que hoje se pavoneam — tivesse a cargo agourar dos futuros que se derivariam d'esses começos, teria cahido no mar dos absurdos, bem desculpaveis aos olhos do fatalista!

Quem, mettido a propheta entre um povo, que adorava o seu rei Arthur, na figura de um corvo, poderia arriscar um bom juizo em abono de taes intelligencias?! Quem, estudando esse povo—pobre, e por pobre — miseravel corsario, poderia agourar fortuitas riquezas, conquistadas pela incerta fortuna d'aventureiros!?

Maldito aquelle que ousasse, no berço das monarchias typicas, escutar-lhes as pulsações, e conceder de barato igual capacidade de engrandecimento para cada uma d'ellas!—Aquelle pulsar febricitante do dictador d'Almacave, que firmava um throno sobre o orgulho dos arabes, não corria parelhas com o scismar d'um senhor de piratas, que infestava os mares em horas de fortuna. A lei que o conquistador promulgava applicada ás terras

da conquista, não cravadas ainda do pendão da victoria, tinha um bojo de esperanças, que devia dilatar-se com a expansão dos triumphos! premeditados e não — casuaes.

Os horisontes do terreno para a gloria eram remotissimos, e um passo dado para elles, era justificado com um instincto de raça — com um direito de restauração, e com uma rixa inveterada entre godo e mouro.

Um povo, que se ergue sobre um ponto solido no meio das aguas, e que reconhece em si a debilidade physica, para ampliar os curtos limites, que lhe marcam as areias da praia, ou tem de adormecer ao som das vagas, em sonhos de força—da pequenez, ou de votar a alma ao demonio das tormentas, para ir pisar um palmo de terra, que negreja lá mui longe, onde o céo faz uma curvatura, que parece tocar o ultimo grau do eixo do mundo... —raras vezes, em peito de selvagens, pula um sentimento de ambição tão voraz!...............

Imaginemo-nos, por um momento, sahidos do seio bruto de uma ilha — sedentos de dominios, porque nada temos a dominar — famintos de opulencia, porque ninguem como pobres nos conhece. Os limites da nossa insignificancia circumscrevem-nos as vagas, e é n'ellas que vamos sondar o segredo da grandeza. Entre nós não ha solo de conquista: — terrivel preceito dos mares é esse que nos coage a amortecer os fervidos baldões do genio, que seria um continuado reflexo do heroico rapto das *sabinas!* É no amargor d'estas meditações infructuosas, que nossos olhos, possessos de satanico ardor, desvairados no circulo dos horisontes, se cravam nas flamulas de alguma cousa agitada sobre o oceano. O nosso espirito é fecundo, o nosso anhelar é mais amplo que as nossas balisas, e iremos construir uma cousa que escarneça da curta esphera que a natureza talhou ao nosso espirito. E, com effeito, nós somos como os outros homens que amoldaram as maravilhas da

creação com as pequenas necessidades da vida: mas somos mais que os outros homens: — iremos de encontro ao engrandecimento que elles se adquiriram durante o nosso esperar de seculos; e compensar-nos-hão com o producto da sua actividade. Entre nós não haverá direitos — cada um de nós vinga a sua inercia de tanto tempo, e escripturar-nos-hemos ao inferno, onde os grandes genios são abalisados. — Gloria a Satanaz!...

Rainha dos mares, ditosa esposa do occeano, velha alliada da minha terra, em fim — Inglaterra de meus dias — eu te saudo!

Povo escolhido por Deus, as tuas missões sobre a terra, não eram as do pescador. Abriu-te a mão dos destinos o caminho da provação, e nas restingas dos estreitos ensaiaste o teu valor, em seguida do mareante, que se temia de ti, como d'um pirata exterminador. O teu noviciado foi rico de esperanças, e, depois que o teu nome voou tanto como

a tua gloria, sepultaste os rudimentos da tua sciencia, e firmaste um pharol d'eterno fogo a dardejar torrentes de luz por sobre alguns cantos do mundo menos alumiados!

É horrivel o estado violento do homem, que converte um raio de colera n'um riso de ironia! É forçoso amargar as contracções do odio, que em vão reclamam vingança, quando traçamos uma rapida chronica das infamias d'essa irrupção do inferno, vomitada pelo occeano, e encostada a um canto da Europa, como assassino, que, pela calada da noite, á fé de traidor, espera a victima, que elegeu de dia com a fronte descoberta!

Eu antes soffrerei vêr cahir sobre mim a ultima telha do meu paço, do que affastar-me d'amisade do governo britannico — assim dizia um monarcha portuguez do seculo passado!

Em 1294 el-rei D. Diniz sympathisa com Eduardo I, e subscreve o primeiro instrumento de generosa amisade, que serviu de autographo para 115, que se

lavraram progressivamente até á convenção de Gôa em 1635. N'aquella época, em que os estaleiros da pobre ilha dos bretões dava sahida a vinte mal equipados navios de guerra, parece que uma criminosa e anti-politica generosidade constituia essas relações d'accordo e amisade, entre uma nação, que toldava os mares de grossas armadas, e uma tribu que nas grandes revoluções da Europa, mal podia sustentar fóra do seu limitado terreno seis regimentos de infanteria! Explica-se por uma sympathia inexplicavel este rasgo de generosidade, creado talvez pela influencia romantica, que os cavalleiros da *Tavola-redonda* tinham ingerido no gabinete de nossos reis supersticiosos e cavalleirosos.

Ao passo que as suggestões do Vaticano atiravam com os nossos fanatisados cavalleiros a cravar a cruz da redempção em terra de turcos, os anglo-saxonios exprimiam a sua respeitavel civilisação, com o direito de venda, que

o pae tinha sobre o filho, escravisado ao irlandez! Eis a mais vergonhosa pagina dos fastos da immoralidade. Em 1102 um concilio, celebrado em Londres, prohibe que os inglezes exportem seus filhos, como animaes, que se vendem=*ut nemo homines, ut bruta, animalia venumdet.* (1)

Avaliae d'aqui a força physica e moral d'um povo, que, n'um angulo da Europa, sabe arteiramente falsar os raios do zelo religioso n'uma idade em que o mundo se revolvia com as novas e violentas concepções do christianismo!

(1) É para notar a desfaçatez com que lord Howard de Walden, em 1838, em uma nota enviada ao ex.^mo visconde de Sá — presidente de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros — estigmatisa o trafico da escravatura, como que fazendo recahir o cruel invento d'esta mercadoria, sobre as potencias, que elle se propõe admoestar. Desde 1700 a 1786, no reinado da rainha Isabel, seis centos mil escravos foram arrastados da sua patria ás possessões britannicas. Quando Pitt se propoz advogar a causa dos negros, os negociantes de Liverpool e Bristol, em 1788, representaram ao parlamento contra a humanidade anti-politica de Pitt, e fundavam as suas *justas reclamações* na enorme perda que teriam na prohibição de acquirirem trinta mil negros annualmente, vinte mil dos quaes exportavam vantajosamente. Já depois que Guilherme IV decretou a completa alforria dos escravos nos dominios britannicos, compensando seus donos com 200 milhões de cruzados, ainda assim, o espirito diabolico d'estes avarentos instinctivamente os arrojava ás avenidas dos sertões!

Seria um vil absurdo suspeitar d'infieis os nossos vigilantes monarchas, em suas inconsideradas ou bondosas condescendencias com esse povo insular, que nenhum receio apparente difundia. Os corsarios de Plymouth sabiam dar aos seus vasos traiçoeiros a exterioridade de navios mercantes; e a bandeira tricolor, que içavam ao descobrirem nossas frotas, era o mesmo, que dizer: — «*deixae-nos seguir a trilha, que vos não obstrue o caminho da gloria: — nós vos respeitamos como a hommens fortes, indifferentes aos recursos dos fracos.*»

Estava consignado no livro das maravilhas, que o reptil inglez, metamorphoseado nas cinzas de algumas gerações, se ergueria monstro, com a febre de leão, e com o caracter dos tyrannos, que desarmam seu inimigo com uma vista envesgada, torva e magnetica. A Europa acordou d'um somno de indolencia para encarar a adaga do assassino, a sondar o espirito, que se agitava menos timido que maravilhado.

Já o navio portuguez era assaltado pelo pirata, que arremessou a mascara da hypocrisia ás ruinas das tradições da sua origem; os restauradores de 1640 ouviam, como de um oraculo, os artigos de paz que a Gran-Bretanha lhes dictava em guerra d'hollandezes; e, pouco depois, Portugal, acurvado ao carrasco de Carlos I, felicitava o seu novo amigo com o tratado de *Westminster*.

IV

Nós vemos em Inglaterra o reflexo material de um seductor, que, saciado dos voluptuosos galanteios de dama, que já idolatrou, converte, alfim, em odiosos estimulos os carinhos, que já a não lisongeiam:—não despresa, todavia, algum gesto de safado encanto, que a infeliz lhe offerece, porque n'elle vae ainda alguma cousa de util e proveitoso.

Portugal é essa dama, que envelheceu na posse d'um amante ingrato; e que—no inverno da vida—prodigalisa ao fementido os thesouros da sua decrepitude, para que o heroe de sua conquista lhe não escarre na face onde murcharam as

bellezas. Foi mulher, que, em banquete de esposados, motejou os ademans de airosos infanções, que lhe mendigavam uma olhadura de amor, uma reflexão affectuosa, e, ao menos, uma indifferença que não descahisse em aborrido desprezo. Isso é que ella não fez. Deixou-se tocar da eloquencia do mais sagaz commensal, e gloriou-se de dar preferencia a um amador corrompido de delicias traiçoeiras, que lhe compensava o sacrificio, abominando velhas alliadas e amigas, que, enferretadas da deshonra, lá se ficaram carpindo os effeitos do seu crer de innocencia e cegueira d'amisade. Eis-aqui—do reduzir grandes cousas em pequeno ponto, resulta ás vezes a fiel pintura do que ellas são no vasto mundo da idealidade.

A herculea Albion—a nova Carthago, não se peja de abrir ao mundo o grande livro que lhe herdou o genio das producções que carecem nome em linguagem de homens. Não queremos, portanto, ser acoimados por palavrear de

octiva: hê-mos ver essas paginas, que marcam a crise por que vai correndo a barbaridade, e que devem expirar, e desapparecer da terra logo que os homens emanciparem a civilisação, que grangeam a despeito dos tyrannos.

Quer-nos parecer, ás vezes, que a justiça de Deus é maleavel como a justiça dos homens...—blasphemia.:. foi um lapso, que deve ficar á conta d'um erro d'entendimento. Homens rectos, não vibreis em nome do Crucificado, maldições eternas sobre o fazedor d'estas linhas—chamae-lhes absurdos, e deixae o misero na franqueza de seus juizos. Este mundo é um crysol de puridade:—bemaventurados aquelles que gemem, porque serão consolados:—malditos os oppressores porque estes serão opprimidos. Já o leitor nos vê encaminhados para a razão, e logo estaremos contrictos da blasphemia, se fôr da vontade do Altissimo.

Bemaventurados cinco mil entes, que morderam a terra de Bengala; e, n'aquelle

retorcer de vista de moribundos, viram por derradeiro a patria que já não era sua: — e tambem, pelo mesmo jaez, bem-aventurados quinze mil marinheiros que juncaram de cadaveres as praias de *Quiberon!* Ditosos no céo os moradores de *Franklin*, que, em banquete de anthropophagos fartaram a voracidade dos selvagens do lago *Ontario!* Venturosa no mundo invisivel a heroina de *New-York* que foi martyr sacrificada á opulencia das creaturas do Senhor! E aquelles, que foram arrastados a affrontar a independencia do seu visinho, e que deixaram de ser allemães para se tornarem executores da alta justiça de Inglaterra, — e aquelles que morreram no porto de Genova quando mercadejavam os misteres de seu trafico — todos serão bemaventurados no reino da gloria! Vós, Senhor, o dissestes. Bemaventurados o pacificador da *Vendée* — o imperador Leopoldo — Paulo I e Gomes Freire, porque é para todos a vontade divina, que manda franquear as portas do céo aos opprimidos

na terra. Grande Deus! se não tivesses incluido no protocollo de vossos sabios artigos — aquelle que recompensa a amargurosa existencia dos opprimidos, certo não valia a pena o martyrio, porque a gloria d'elle é um ferrete de opprobrio, vergonha, deshonra, aviltamento — e uma campa cuspida de affrontas por labios do oppressor! Gloria a Deus!

Na atmosphera da Europa está um abutre a pairar que apavora as nações. Se alguma vez curvou o rosto como de principio para a terra, os monarchas se prostraram debaixo d'elle como o rebanho de Moysés ás taboas da lei. Uma vez que a terra gemeu o peso do monstro, elle deixou vestigios nas margens do *Rheno,* nas planicies da Allemanha, na Italia, na Iberia, na assomada dos Alpes, e Perineus;... e Portugal? — esse nunca deixou de ser grande e generoso. Desde muito que tomou cargo da nutrição do abutre, que apenas estende o colo á balsa do sustento, e, ao retiral-o, nem sequer roçou na aresta dos torreões dos reaes

edificios! Isto é amor de abutre, e narseja incauta no restolho.

O leão de S. Marcos dormia somno solto acalentado pelo borborinho das ondas, que respeitosamente lhe lambiam a cauda. Nem a liga de *cambraya* lhe suffocou os rugidos, nem o systema de tyrannia dos doges — o veneno a dilacerar-lhe as entranhas — lhe trouxe uma morte prompta. A aguia dos Cesares despenhou-se uma vez do corucheu de seu monumento; e, ao passar do mundo real para a historia, deixou-nos uma lição. Foi n'ella que um homem divino estudou a força intima das nações despoticas: laborou um filtro energico em devoral-as, jurou uma vingança feroz como a de um corso expatriado, e foi depois vêr as pyramides, de cujo topo trinta seculos o observavam. O heroe olhou de braços cruzados para o vertice que redemoinhava as convulsões da Europa, e provou em *Honscoote* que era possivel exterminar do mappa europeu essa nodoa negra, mantida pela genero-

sidade bruta de algumas nações, que medravam na ignorancia e apegavam as carcomidas herdades dos seus passados.

A Belgica e Hollanda evacuaram as tribus usurpadoras que se riam, ebrias de gloria satanica, á sombra do estandarte da conquista, e o inglez já convencido da sua nullidade em encontros de combates fragorosos e estudados, bradou, com a eloquencia da desesperação, pela amiga peninsula, que testemunhava friamente a sua raiva.

«A todo custo desligarei Portugal da «Gran-Bretanha, aliás é infructuoso meu «plano de cerrar o continente a esta po- «tencia, e ao terminal-a de uma vez». Assim dizia Napoleão, convencido no intimo de sua alma grande, — que a civilisação, qual torrente electrica, tinha repercutido e allumiado a intelligencia commum do povo vergado sob o absolutismo de seculos, e nunca extincto feudalismo!

É necessario fazer justiça ás nações. Ninguem póde calcular seguramente a

época em que foi gerado o embrião do progresso de um povo. As boas qualidades, que se aprendem no berço, e que nos foram transmittidas pelos evos são as causas de nossos erros! — parece um absurdo — mas não, se considerarmos que a moral d'uma nação varia muito da sciencia dos deveres d'um homem em particular. Um certo dever de cega obediencia ás leis, á magestade, e a tudo aquillo que adoramos como emanação, e arbitrio do céo, tem sido quasi sempre, e ha-de sel-o, a barreira invencivel á felicidade, que prevemos, e inda mesmo áquella que, por sublime, não podemos calcular.

Cada homem se tivesse a força physica de uma nação seria um Deus, mesmo que despota fosse; porque a razão e a experiencia, lhe mostrariam a marcha que seguem as nações até ao ponto culminal de seus fins, que é — o seu melhor estado garantido pela sabedoria do throno.

Poucos annos vão, que o facho civi-

lisador, agitado nas mãos do heroe de Marengo, achou em terra de portuguezes um sopro furioso, que nos vae custando cem annos de martyrio, se é que depois d'elles nos espera o perdão. Alguem devemos condemnar n'este padrão vergonhoso, erguido á memoria do nosso atrazo: — o povo, ou o rei.

V

Longe vai o echo do primeiro golpe, que rompeu o fosso cavado em baixo d'este baluarte mal seguro, onde vivemos e trememos. Pode-se dizer que os seculos passados, dormindo o somno ebrio da sua ventura, foram surdos ao estrepito da picareta que dessaibrava a rigidez de seus alicerces; — cegos á mão arteira que guiava o rastilho á cava, cuja explosão sabe Deus quando rebentará, e mudos á eloquencia fementida que a Europa nos vendia a pretexto de civilisação, e a cambio de condescendencias. Era necessario que o pensamento unico dos portuguezes «guerra e trium-

pho» se distrahisse, e esquecesse no fim de uma larga paz, e ruina de fortuna, bem ou mal adquirida — para depois haver olhos reflectidos, ouvidos apurados e linguagem de indignação — a ver o inimigo, que despejadamente se declarava ouvir-lhe os gabos da sua astucia — e a maldizer-lhe a traição.

E que importá ao general uma alcunha de ardiloso e traiçoeiro, com tanto que lhe chameis victorioso? Que importa ao inglez a nomeada mais vergonhosa que lhe chameis, se elle ri de vós, sentado no melhor eido do vosso lar? Procurae vingança do vosso tyranno, quando o virdes a revolver-se no lodaçal da miseria com remordimento de remorso, que então é pena vêl-o chorar; mas em quanto o virdes nutrido de pompa e orgulhoso de suas crueldades, o improperio que lhe mandardes, vos trará um sorriso feroz e uma visagem de escarneo.

Eramos livres... — ninguem ousára pisar chão portuguez, que não marcasse

de sangue os seus vestigios; é verdade. A bossa da guerra predominava-nos; a da intelligencia á força se decompunha no craneo, onde só se revolviam os effluvios de guerra e sangue.

Quem se atirasse com lança em riste a nossos campos encontrava um rodella a pender d'um braço de ferro; mas quem nos quizesse vencer, trahir e levar de boamente, alijava em nossos cáes um embaixador que era lustroso no escuro gabinete da nossa diplomacia, e victorioso em questões de boa fé, onde a intelligencia, em casos d'estes, depõe contra aquelles que a proclamam...

Se essas nações da Europa, que em conselho de familia tem inventariado esta terra, de que somos foreiros em tempos velhos, adoptassem um systema de conquista muda, qual o da Gran-Bretanha, por certo, que á boa paz, sem effusão de sangue, e clarins de combate teriam lançado mão ferrenha das herdades de nossos evos, e nós hoje seriamos uns polyglotas em pequeno espaço de

terra,...—e quem sabe se contentes no nosso captiveiro! Todavia o estridor das armas entre nação e nação era o idoneo depoimento do seu atrazo, e, se algum—entre os potentados belligerantes, assumia um caracter pacifico—esse era o caracter civilisado—o vencedor, e aquelle que aproveitava os espolios da guerra, como escripturas de contracto, e prolegomenos de completa victoria no porvir.

....

E foi assim.

Inglaterra campeava entre as nações como aventureiro sagaz que, em casa de ricos e sinceros lavradores, pede a mão da criança para lhe lêr a sina. Descreve-lhe as felicidades do futuro nas formulas da cutis, e, finalmente, abre o bojudo sacco, onde avultada esmola cahe da mão do menino, lisongeado do seu oraculo. Nós eramos tão fortes como sinceros. D. João I—o rei cavalleiro—abria o coração aos agouros, que cria symbolisados na pedra bruta, e explica-

dos nos labios do adivinho. Homens avezados a correrias, e ao agreste dos arraiaes, onde uma vez baixára ao ardor da peleja o Christo com a sua cruz, quando viam ao fulgor de seus salões d'armas e despedidas, o bretão airoso, o dizidor, olhavam-no de espanto, como nós hoje, os homens da civilisação, olhamos o guerreiro vestido de ferro no palco dos theatros. No crêr inculto dos admiradores não havia o genio da critica a disputar a bruta sinceridade; e como no peito do cortezão não brilhava o cabo do punhal a mover desconfiança e duello, claro estava que o homem inerme era um ente nullo em recontros d'armas, e incapaz de uma offensa. Levantado, porém, um portuguez dos que hoje cingem ao peito os espartilhos em lugar do arnez, á beira do homem simulado, tredo, desarmado e inoffensivo, diria de prompto, que as armas estavam-lhe no coração ervadas e mortiferas como a traição, a mentira e a hypocrisia. — E qual das duas: — a arte de conhecer os homens,

e cuspir-lhes as ciladas; ou a capacidade de os vencer se nos desafiarem a briga? — opino pela primeira: eis-aqui a compensação...

Não podia acontecer d'outra maneira. Mais tarde, quando os portuguezes sophismavam a sua fraqueza com os enredos de diplomacia, pois que o conhecimento d'esta era o horoscopo da civilisação, os seus adversarios aquietavam a lide das armas, e davam-lhes ensejo de relerem reflectidamente as actas das suas velhas convenções e amigaveis juramentos com as nações ingratas á innocencia. Descobriram de seu vagar que o fio da teia, que lhe estava urdida fôra ha muito desenrolado na lançadeira, e que o morrão do incendio, a reviver na mão dos traidores, nem as armas nem a dissimulação eram capazes de abafal-o. Este mesmo conhecimento, se bem que desgraçado, era a epigraphe de um compendio de civilisação escripto entre nós, e para nós; todavia, elle não foi apegado: — rebentou do chão safaro e bravio;

veio o nordeste... ressequio-o, e tisnou-o!

Miseravel terra a nossa! — tão pobre de advogados de seus bens no tribunal da Europa, nunca vós a viste! Esse homem, que vós chamaes grande, a quem perdoaes no grosso volume de suas maldades tantas paginas negras, que ahi se lêem, para proclamar uma — uma só que se propõe instantaneamente affrontar as caballas inglezas do nosso commercio: — esse homem, o marquez de Pombal, que, de repetido, é hoje o predilecto dos politicos de momento que se derivam cegos e empiricos na torrente das pluralidades... esse homem, amante de celebridade, inda se ergueu um dia sobre os cadaveres de seus conterraneos, para vosear um berro de espanto, que não passou d'um ecco frouxo e perdido na foz do Tamisa, onde muitos se perderam do *Colbert* portuguez. Vel-o-heis, depois, trancar os portos aos colonos da America ingleza, que forcejavam a ferro e fogo, desligar-se da prepotencia de In-

glaterra e volver ás leis, e aos costumes que observavam antes da escravidão. Vel-o-heis, depois, sacrificar o bem commum a uma sanha particular, que era só d'elle; do bom exito da qual se restauraram os antigos direitos d'Albion.

Por necessidade tinhamos de retocar a memoria do nosso *Pitt*, a quem, no decurso do nosso escripto, rasgaramos sobre a campa uma pagina do seu prestigio; porque hoje, com escassas excepções, não ha ahi quem se não authorise com aquelle estadista para compor um epigramma aos inglezes.

Seriamos demasiado severos em nosso conceito, e quiçá atrevidos em desdourar o monumento moral que a maioria da nação conserva pelo homem tradicional. Pois que os Sillas e os Marios serão eternos como os homens, não achamos que aquella ultima seja causa sufficiente para pôr em holocausto uma opinião, que estimamos, não por ser nossa, mas porque é mais uma no grande mar d'ellas, que se encrespa entre os amplos li-

mites de um governo livre em seu programma. E como temos de o ser, ainda mais no que vamos escrever, convencidos, porém, da nossa insignificancia, e até da nenhuma nomeada que por ahi travemos no coliseu onde pugnam as intelligencias, a nosso vêr todas victoriosas—desde já recorremos a todos os artigos e paragraphos da Carta do protocolo, e a tudo quanto, em direito, nos garanta consciencia firme da nossa liberdade.

D. João VI, esse homem que devêra ter nascido debaixo do colmado d'um lavrador, e d'ahi passar com a sua legitima ao claustro d'um mosteiro—appareceu entre nós como representante moral de Sancho II, sem que possamos de rigor classificar na escala que a historia confere a este pobre rei—em luctas de conquista—e em nobreza de combates. Não lhe daremos tambem a actividade d'esses reis que deram assumpto para as catastrophes:—Fernando era um fraco no ataque das paixões voluptuosas, mas um

espirituoso investigador do progresso moral de seus reinos:—Affonso VI era um dissoluto nas paixões incontinentes; mas um cauto mantenedor da independencia dos seus. Diremos que a corôa portugueza ornou a fronte do rei-frade porque a força da dymnastia inaufferivel lá lh'a collocou. Fartaram-se de fulgir os rubis d'essa corôa ao clarão das tochas no côro de Mafra; e quando na grande eschola dos direitos do homem—inaugurada pelo apostolo da liberdade—se matriculavam os principes do mundo, no gabinete portuguez entoavam-se os psalmos de David e retumbavam os sons melodiosos do orgão monastico.

Direis vós, absolutistas, nos archaismos da vossa linguagem, que «mal pôdia um rei livre confederar-se ao braço que sacudia o jugo da vassallagem.» Não era vassallagem, era a podridão do servilismo á persuasão do estrangeiro, que cerrava os portos ao maravilhoso reagente que vinha a transformar a vida d'esta terra, e a crear n'ella a idade das

luzes, que vós sopraes com o halito infecto de vossas doutrinas. Não era a vassallagem... era a faisca do raio a acalorar-nos o embrião da independencia, que, por fim e extemporaneamente desbotoou uma flôr definhada, que vós quereis esmagar com o pé bruto e amaldiçoado do despotismo. Não era a vassallagem... era esta cegueira estupida de subditos que se curvavam...

E já então a consciencia do povo era um taboleiro, onde jogavam parceiros que perdiam, ganhavam e se enraivavam, ociosos de seus interesses. Já então se não podia, em nome do povo, sentenciar um facto, porque a opinião do povo jogava com circumstancias, que se estribavam na sua ignorancia. A sombra da realeza era um phantasma, que fugia deante d'uns, e uma realidade terrivel, que affrontava outros, embuçada no manto das velhas realezas, roto com os eulos da obediencia.

«Amae quem eu amo — diria o monarcha n'um tom apocalyptico — porque

o meu espirito é o espirito de vós todos; e só a mim, por vós todos, o rei dos reis conferiu o methodo de fazer inteira a nossa ventura.» E a Grã-Bretanha era um idolo da grutesca mesquita do idiota, que, no seio da sua amiga, entra os portos da America, e offerece-lhe, brioso, a terra da promissão!

Que dura verdade! A hydra de Lerna resfolegando nos braços de Satanaz, embraçou com a cauda a cintura do malfadado missionario da liberdade, ao passo que a peninsula vil, e a unica no crime da lesa-sociedade, afagava as cerdas do monstro, que lhe espargia de baba mephitica os brasões, os portos, os cofres e as esperanças!

Inglaterra venceu; as bandeiras do seu triumpho foram asteadas sobre um tumulo na ilha de Santa Helena.

VI

No seio de uma nação desamparada por seu monarcha, accendeu-se o cadinho da critica; — lançaram-se ao fogo as reliquias da idade passada, e purificaram-se as mimosas esperanças do nascimento do espirito. Arduos trabalhos, e o conhecimento intimo da apathia dos thronos, que dirieis o traidor de um nobre exercito, ensaiado para as crusadas do reino intellectual, foram as felizes inspirações, que produziram um grito compacto, livre, e cheio de recordações gloriosas. O povo mostrou que a sua felicidade era elle que a nutria no coração, na força e na vontade, — que esse esperar indolente

no chuveiro celeste do throno — era suicidio moral de symptomas terriveis, e imperdoavel no tribunal da posteridade.

Em nome do povo e de Deus, os arautos proclamaram a liberdade, e o povo a saudou em seu berço, embalada sobre as cinzas dos perjuros, que se levavam em fumo para as idades do cego crêr e do estupido adorar. Foi um anhelar, que se desvaneceu em ephemeros prazeres; morreu ao despontar essa aurora que bracejaria verdes corôas para muitos triumphos; morreu—porque a Inglaterra atirou-se com o corpo e pensamento contra as nossas tenras instituições, e esmagou-as.

João VI é o interprete da sua alliada. Á maneira de um pae que ameaça o poder da filha para que se corrompa, e a prostitue a um amigo, elle arroga-se o direito de rei, para nos condemnar ferreamente a reparar o velho edificio que desbaratamos contra os interesses da Grã-Bretanha. Não era possivel. As revoluções do genio agitavam-se espontaneamente; e

João vi, quando passara da arvore dos reis ao catalogo dos finados, abraçava-se com as columnas do decrepito monumento que os seculos lhe herdaram, como para entrar com ellas na lucta da morte e na paz da sepultura.

Sobre o sarcophago do rei levanta-se um representante da nação fiel e estabelece os direitos de D. Maria da Gloria. O juramento de os manter estava escripto na *Carta,* que *Carlos Stuart* offerece ás turbas espantadas da relaxação de caracter que uma potencia, ainda ha pouco tão casada com o despotismo, apresenta agora na total inversão de seus principios.

O absolutismo raivoso da transição inesperada, esconjura e maldiz a traidora nação, que vilmente escarra na vontade do rei, que lhe abrira os seus thesouros em recompensa de um certo apoio ao seu systema.

O liberal, porém, agourava tristes agouros explicados no gabinete execrando da Inglaterra.

Quem devia de garantir-nos o suor de nosso trabalho no escalvar de uma touça espinhosa, silvestre e baldia, para lhe lançarmos a semente da civilisação? — a Inglaterra! — oh maldita ella, que atropelou o ovario de nossas flores e nos minou a seara, para nos trocar a semente em asperidão de cardos e abrolhos! Maldita ella, tres vezes, que assentou nas escadas do patibulo o carrasco cansado de estrangular os roteadores do nosso jardim! Maldita ella da maldição de Deus e dos homens, que soprou a ira do usurpador a ceifar tanta vida desbotada na peleja das fanaticas tradições, e na desmoronação dos medonhos padrões da tyrannia!

Ahi estão os direitos de D. Maria II cassados por aquelles que os promulgaram; o manto real a pender dos hombros de um monarcha, cuja cabeça estivera a preço entre aquelles que hoje lh'a sanccionam coroada: e os martyres, que tinham crido no prospecto de seus confederados, vão ser espesinhados e ave-

xados á vista de seus amigos impassiveis. É verdade—foram cinco annos de supplicio para aquelles que mendigavam, em terra estranha, abrigo de desterrados: foram cinco annos de torturas de carceres e arrancos de cadafalso!

Foi n'uma manhã de paraizo que um novo sol aqueceu a vida gelada dos trahidos — desesperados de vencer.

Foi na descida de um anjo á terra que um homem se elevou ao céo, para estender olhos de commiseração sobre uma tribu errante no orbe por fugir ao ferrete do captiveiro. Esse homem—o restaurador—junta os membros fraccionados de uma pequena hoste, e levanta no rochedo da Terceira o capitolio dos liberaes. É lá que o inglez lhe arremessa o pelouro, e arrogantemente aponta as aguas que vai rasgando, como sepultura aberta para os inimigos de D. Miguel.

O sangue dos liberaes espadana aos astros debaixo das baterias da *Villa da Praia;* e *Saldanha,* prisioneiro de guerra, aguarda resignado a clemencia de Jorge IV

para quinhentos homens que acompanha.

O usurpador exulta como demonio entre as maldições dos condemnados, quando se julga o protegido de Inglaterra: mas D. Maria II desprofana o throno portuguez, e D. Miguel, foge á vingança dos livres, a bordo da esquadra da Grã-Bretanha.

Nós partimos, escrevendo as primeiras linhas d'este discurso, da decadencia material das nossas cousas, e classificamol-a de material, porque a moral era ainda uma pequenina nuvem a dissipar-se e a concentrar-se nos horisontes — visivel a muito poucos, ou nenhuns, pois que então a politica era verbo de que não resavam os vocabularios. Vimos que a opulencia creava mimos e brios nos peitos dos guerreiros; mas não lhes inspirava a reflexão, que preside aos combates do genio fogoso com o instincto ra-

cional. Vimos esse continuado cravar de pendões em terras perfilhadas, com o fim unico do engrandecimento, desacompanhado da educação, que seria melhor meio de segurar a conquista, e distrahir os costumes, que são os primeiros a conspirar entre povos subjugados á violencia da usurpação. De braços crusados e ar meditativo, quiz eu mostrar-vos a patria d'uns pobres investigadores, que no dia natalicio de nossos reis, e no anniversario de nossas victorias, vinham cá levantar o obolo da taça generosa, quando o nosso enthusiasmo alardeava riquezas, e nomeava amigos aquelles que se mordiam de inveja da nossa grandeza.

Quando todos eramos um *Pedro Cem* com a nossa opulencia, pouco se nos dava confial-a ao prodigo e á creança, comtanto que fosse um rei:—julgáramos inexgotaveis o feudo da Africa, da Asia, e as perolas do *Amazonas*, que se desprendiam das tralhas da rede. Vimos o prodigo e a creança converter em areias

os homens que morreram com o segredo de manter o adquirido, e de infundir o respeito timido entre aquelles que mais adoravam a gloria de nos pertencer, dos que temiam as frotas medonhas que lhe fundeavamos defronte das fortalezas.

Descahimos, depois, n'um periodo em que a reforma do genio e dos costumes operou mudança tal na face da terra portugueza, que chegamos a tocar-lhe o esqueleto que tivera sido cadaver a corromper-se insensivelmente. E quando toda a nossa fortuna era posta em sequestro pelo preço da nossa civilisação, ainda assim, quizemos galvanisar este cadaver, mas já era tarde! Fôra uma lava que rolara pelo pendor do Vesuvio, para jámais subir ao cume d'onde descêra.

Começaram os monarchas a ser homens; e logo que um só homem podia muito nas monarchias, como dizia Pombal, tambem se poderá dizer, que esta unica mudança era bastante para fazer ruinas uma monarchia de bronze: — é

porque um rei ambiciona ser bom rei; e um particular aspira a ser monarcha...

Não nos maravilhou que em seguida apparecesse um inglez em nossas praças, e désse uma risada por nós, que estavamos ao soalheiro a lêr chronicas, e a procurar appellidos para arvores genealogicas. Não nos irritou quando vimos o estrangeiro a contar-nos ironicamente o modo por que decahimos, e arguir-nos de pessimos artistas em invento de machinas para a nossa conservação. Lançavamos uns a outros os nossos olhares de admiração, como quem approva a subtileza das artes, que produzem riquezas sem lança, escudo e guerra. Vimos que a Europa barafustava em novas concepções, e que por cá tudo era secular como a cruz amarella dos nossos templos e a memoria de nossa primitiva intrepidez... Alguma coisa estudamos do exterior. Entendemos que a igualdade era o principio social, que fazia dos pobres remediados, e dos ricos contentes com o achado de seus avós:—que o poder

directo do rei sobre a cabeça do vassallo, era um mau systema em paiz onde as tres classes sociaes se disputavam prerogativas e isempções.

Quizemos derrubar esse systema de sangue; não pudemos, porque não aprouve assim a uma nação, que se nos dizia ligada por amisade provecta e interesses reciprocos. Depois a mesma nação mandou-nos operar livremente, e ao lançarmos a primeira pedra de uma memoria que deviamos entregar ao futuro, a nação amiga levantou a mesma pedra e esmagou sob ella os estatutos, que nos vendera para regimen.

Parece que fica esboçado um epilogo do que dissemos. Vamos ao presente.

Para sondarmos se já esfriou a torrente metallica a despenhar-se do pico de cada nação, força é lêrmos, accordes entre si, os sentimentos de todos os estados, vagos em suas experiencias, que dizemos — progresso. E necessario que um pensamento universal nasça no coração das nações, e que seja escripto de boa-

mente no coração de cada homem, e nos marmores como contracto de paz eterna.

Então sim — a civilisação está comnosco e porventura nós com ella. Os genios, porém, conspiram-se diariamente, e não sabemos ainda que rudimentos nos cumpre estudar para entender os grandes expositores que cada homem tem na mente á maneira de germen.

Se é facto que o cunho da perfeição do homem ha-de começar pelo throno ou pelo quer que é a represental-o, facto é que erradamente encetamos a via do melhoramento. Perdidos no labyrintho, todos queremos o fio conductor, que ordinariamente confina com a morte antes de encontrar sahida.

De que vos serve, pois, baratos calculadores de politica, dar o nome ás cousas do futuro?

Como podeis determinar forças plasticas a destruir o choque das nações, e condemnar um proscripto á perpetua proscripção, e um reinante á eterna conservação do seu reinado?!

Quem conhece de quanta expansão é susceptivel uma potencia barbara—Inglaterra, por exemplo—não carece dar tratos á philosophia e á conjectura para lhe reconhecer o juiz terrivel, que póde exercer sobre uma nação rôta e mendiga—Portugal, por exemplo.

Quando os principes do mundo se conciliarem n'uma acta solemne de seus futuros, successões e haveres, ainda assim quem poderá jurar nas palavras d'elles?!

É-vos possivel conceber o homem destacado da ambição e amor de poderio? Não. Quereis reclamar direitos no limiar do gabinete d'um rei, que chamaes o cidadão?—acercae-vos do seu throno, e vêde se elle ameaça ruina... —pedi-lhe que vos conte como a mão do temor lhe vibra as cordas do peito, a mão do sceptro e os brilhantes da corôa!

Rainha dos portuguezes! Vinte annos do mundo não são vinte de experiencia, com que vos falla um novo

amador da vossa gloria: são vinte minutos, meditados sobre o resumo da historia do mundo:

Rainha dos portuguezes!

— Quem sabe se eu terei de vos chorar!?

Responda-me o gigante, que encosta um dos braços ao vosso throno, e ergue com o outro o *proscripto,* que sustenta do seu pão, e das suas doutrinas......

....

Villa Real, Novembro de 1847.

SENTIMENTO

SENTIMENTO

(Nota V)

RAIAVA a aurora do dia 16 de Novembro de 1847, quando um barco de carreira, afretado no caes da Regoa, escorregava na placida corrente do rio Douro.

O céo estava sereno, e a luz escassa da estrella d'alva, que aclarava as cumiadas das montanhas do Douro, era saudada pelos viageiros, que, no convez do pequeno barco, fixavam uns olhares de melancolica saudade n'esses edificios das encostas, porque eram essas as suas

casas, e ahi ficavam seus berços, onde a mesma velhice deixa mysterios d'alma para embalar. Havia muito de pittoresco n'esse quadro silencioso de familias, que pensavam varias ideias, todas nascidas da terra natalicia, que ao longe alvorecia. O pae que curava da subsistencia da próle—a taes horas espreguiçando-se em leito de innocencia, ou sonhando doces enlevos da vida desprêsa de cuidados—mandava um beijo mudo á face do filho, que, ao despontar do sol, buscaria o progenitor para lhe suavisar as asperezas da vida, com o osculo filial. O esposo escutava nos ouvidos intimos da alma as preces da esposa que ajoelhava fervorosa á Virgem da Boa Viagem. E a amante... essa sorvia tristezas no ruido das aguas, que susurravam atravez dos troncos dos salgueiros das margens negras como sentimento de ciume, caladas como voz de saudades, e sombrias como a devesa dos cemiterios.

Corria fria a manhã: os viageiros cravaram em terra um derradeiro olhar tur-

vo de lagrimas, porque a tolda do barco se fechava, e a poetica visão do seu paiz trocava-se por uma candeia, cujo pallido clarão reverberava em alguns rostos de mulheres, onde a formosura, sombreada do pallor da timidez, creava um d'estes paineis, que mudamente nos dizem a historia do coração, lavrada pelo buril das paixões. Quem sabe? talvez que, ainda virgens de sensações dolorosas, esses signaes de magoa, que lhe assomam á face, sejam as vozes d'um agouro funebre, que lhe cala acerbo nas cavidades do peito! Quem sabe? talvez que o temor da morte a cavar-lhes a sepultura no olheiro da catadupa, lhe esculpisse no rosto a amarellidão da agonia, arfada nos presentimentos propheticos da vida! Deus dos afflictos, acompanhae-as!

E o rugido da torrente a despenhar-se nas rochas do pontão, já eccoava pelas quebradas da serra horrivel, como tropel de inimigos, que se acercam da fortaleza defendida por poucos, duvidosos de salvamento. O terror se apossára dos

animos mulheris, que mandavam aos labios frementes orações e suspiros.

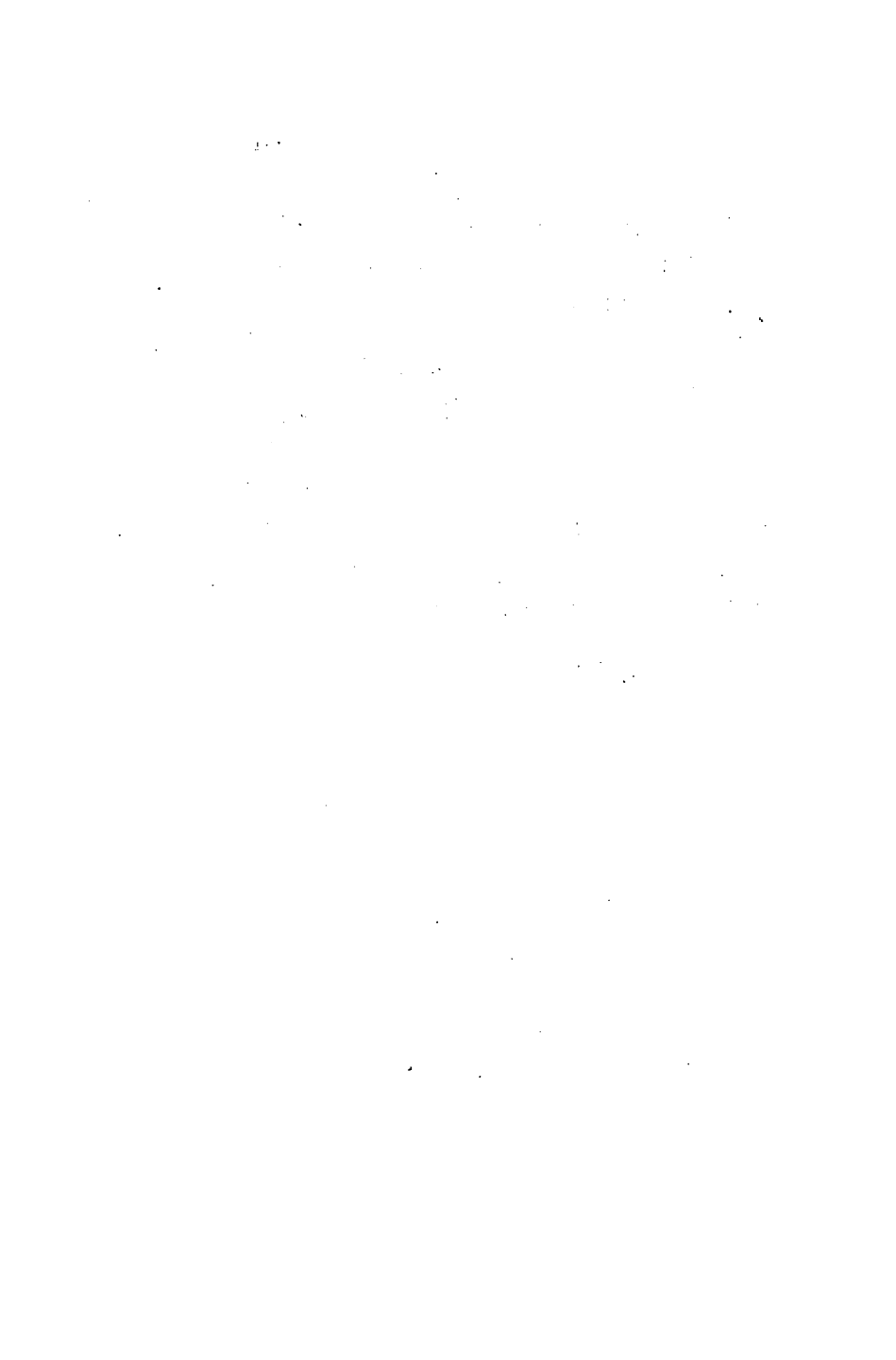
Mais perto do precipicio, o arraes murmurava palavras de duvida, que eram golpes a retalharem o pequenino espirito d'essas infelizes que pediam consolo, animo e esperança. Está perto o pontão: o seu estrupido retumba pavoroso... o barco vae galgar o abysmo que tem contado os seculos pelos milhares das victimas, que devorou... Quarenta pessoas enviam supplicas ao Todo Poderoso.

Perdidos!—foi uma voz que se ouviu —um raio que fulminou o esperar em Deus!

Do esperar ao desesperar, foi o tempo que vae da desesperação á morte... O barco rolou no dorso do cachão: estourou na balsa da torrente precipitada... alguns gritos... alguns nomes—esposa... filho... pae...—e depois... nada!

Quarenta pessoas submergiram: e os seus cadaveres conhecem-se atravessados nas raizes das margens. Ahi deve

o filho, o irmão e a esposa procurar o adeus das pessoas, que lhe foram mais caras no mundo — em algum signal que as agonias do passamento lhe esculpissem na pallidez das faces; e — depois do pranto — levantar um grito de maldição para esta terra de portuguezes, que prodigalisa em revoluções o cabedal mesquinho e tão preciso para o roteamento d'estas voragens, que tornam o rio Douro uma enfiada de sepulturas.

Villa Real, 17 de Novembro de 1847.

UMA NOITE NO CEMITERIO

UMA NOITE NO CEMITERIO

SAUDADE

(Fragmento de um Memorandum)

(Nota VI)

I

É MEIA noite. Ao som das doze badaladas, tangidas no velho campanario de S. Diniz, minha alma calou-me nas veias em effluvios de terror e santidade, e depositou-me nos labios tremulos uma oração para o Senhor.

E a minha oração era como a vida purificada na particula, que o homem tem de Deus, e na lagrima do céo, estremada de muitas lagrimas da terra.

O meu viver era todo espiritual, e comparei-me ao espirito do justo que, soprado da terra — ás portas do céo — escuta ainda o borborinho cá de baixo e já ouve o cantar dos anjos aos pés do Altissimo. O meu viver material parecia-me a sumir-se lento e suave pelas fisgas dos sepulchros, entre os quaes eu ajoelhava, como o delirante, que pede ao Creador alma e luz para o finado, que não sente os joelhos do filho, dobrados sobre a lagea silenciosa...............

....

E o extasis desvaneceu-se, porque era de homem, ligado com as paixões dos homens, e eu era o unico cadaver, animado, entre tantos cadaveres.

Voz de vivo, que falla com os mortos — a minha voz era sombria e soturna. Minhas mãos, primeiro erguidas sobre a fronte, e cingidas ao peito, depois, interpretavam a agonia despedaçadora, que me repassava as fibras do coração. A minha vida já não era um exclusivo do céo; era sentimento puro, que nasce em

terra impura, e que mal posso dizer-vos, se na região da bemaventurança é pungente e doloroso como cá n'este continuo esperar e desesperar...

Saudade!

Saudade! O teu manto estende uma dobra sobre as cans do pae, que crava olhos de lagrimas nos horisontes do mar por onde viu fugir-lhe o filho em busca de haveres e ambição. Outra sobre as rosas, que desfolhaste da face da donzella, que regaria de pranto a longitude, que a separa d'um ente que lhe é caro. Outra no soffrer incomprehensivel da esposa, que se arrasta ás filas de uma hoste de sangue, onde o consorte barateia a vida em leilão de caprichos dos grandes!

Saudade do tumulo, em noite de cemiterio, em coração d'amigo, que chora a perda d'outro—tu és terrivel, pesada, e atraiçôas a suavidade de teu nome!

Homem—tiveste um amigo: em horas de prazer rias com elle... em horas de martyrio offerecias-lhe o coração para

um espinho da sua corôa, e para uma gota do seu veneno... pedistes ambos ao céo uma campa para ambos, um abraço inteiriçado para o tumulo, e depois... esse amigo cahiu-te nos braços... dos braços á sepultura... da sepultura á eternidade... e não te estorceste de afflicção debruçado sobre uma pedra?!... Desculpa-me esta lagrima; desculpa-a ao joven, que não pôde ainda esfriar a sensibilidade como a pedra d'aquella cruz...

II

Isto debaixo de meus joelhos—tão frio—tão mudo—e tão negro é uma pedra que esmagou uma flôr—é um marco levantado entre a vida e o nada—padrão erguido ao crime de Caim—sentença escripta por Deus na primeira folha da grande novella do mundo—encerramento da historia de um homem ...—o terrado d'uma sepultura!

Amigo, amigo!—e és tu, que me ouves estas fallas, erguido ante mim, phantasma ou realidade, risonho agora como n'aquelles dias em que o prazer e a vida te sorriam; logo triste e livido como quando perpassavas o inglorio theatro da tua

infancia e marchavas ao degoladouro, como rez encerrada para o açougue dos reis e dos poderosos!

Haverá descanso debaixo d'essa pedra que nos divide? Não ha ahi convulsões horriveis de morto, que quer roçar pela face do vivo com a fimbria do seu habito? Não sae d'ahi uma sombra a turvar os luzentes salões do poderoso, que desafia o alarido dos alegres para suffocar o grito penetrante dos tristes? A esta hora não descahiu da cabeceira do monarcha o craneo do soldado esquecido, e rolou pelos tapetes dourados do chão?

E a minha voz eccoou e escoou-se nas quebradas das montanhas, e os ouvidos da minha alma parece que ouviram um som cavo e medonho a reboar das campas:

—Maldição sobre ti, que assim perturbas a paz de nossas cinzas!...

III

E eu recolhi-me em espirito, possesso de um terror santo, que prende a voz na garganta, e entorna pelas faces duas lagrimas, espremidas pela mão crua do sentimento.

E em verdade vos digo, que comecei de scismar umas ideias, que todo me tomavam em languidez. O meu estado era um devaneio morno, semelhante ao pesadêlo do inferno, que repousa alguns instantes, apoz um incendido combate de dôres:

Porque a saudade tem horas de lucta desesperada, como a torrente do inverno que em curvas e bramidos se retorce no alveo d'um leito acanhado;

Porque a saudade tem horas de placidez, como a torrente do inverno, que em levadas e murmurios se desenrola na ampla almargem d'uma campina.

Deus! que nobre e soffredor fizeste o coração do homem!

E que é o homem com a nobreza do seu coração? É como a terra brejosa e baldia, que tem no seio lobrego um thesouro sonhado e não visto! — É como a vastidão de um deserto onde a ave do céo cançou de voar, sem topar a grimpa de um raminho para pousar.

Homem! tu não atinarás com a tua grandeza, em quanto não coares no filtro dos trabalhos alguma cousa que has de divino!

E quando esconderes a face entre as mãos, e cerrares ouvidos para não ouvir, que correram tempos que o homem matava o homem em disputa do óbolo da gloria, então serás grande — como deve ser um homem!

Quando travares da chronica d'estes dias de barbarie e sevares com ella as

lavaredas do mascarrado edificio social — então alcunhar-te d'ambição será um vilipendio, chamar-te homicida será uma injuria e sarcasmo, que não levantarás com o sangue do teu offensor, mas com o exemplo da tua grandeza... Então, sim, tu serás um homem.

Mas a ambição, o homicidio, a traição e o punhal serão vozes nunca ouvidas, e se alguem as vozear serão tidas em conta de proprio menoscabo e degradação da especie!

IV

Oh Christo! Porque não deitaste ao chão espinhoso do teu Gethsemani a semente que devia regenerar em nossos dias estas creaturas, que amoldaste por ti!?

Porque fizeste de teus filhos escravos e senhores, e queres que o poderoso cuspa para baixo o fel do desprezo sobre o fraco que te brada—*hossana!?*

É porque tres partes de teus filhos, com um pé sobre a tua cruz, e com a mão armada de ferro, condemnaste-los a servirem de crisol de purificação para uma parte de teus filhos. É porque o codigo do Sinay, reescripto nas fragas

do Golgotha com o teu sangue, é um livro cuspido das maldiçõe s dos que desesperam de ti.

A estes, oh Christo! fulmina-lhes o raio da tua vingança, e áquelles estende-lhes o braço, e livra-os do calcar dos seus tyrannos! . . . .

. . . .

Porque peno eu tanto em minha alma com este pensar?!

É porque soffro tristezas tão intimas que não ha lêr-m'as na amarellidão extemporanea do rosto: e, se alguma coragem já tive para esta casta de padecimentos, perdi-a, conforme se me perderam os amigos debaixo da enxada do coveiro!

Eu chóro, amigo, com uma familia que te chora com pranto tão dorido e com arfar d'agonia tão desesperado, que é crime não chorar com ella.

Tu eras um ramo desmedullado de um tronco, que vegetára, e bracejára troncos, no tempo em que esta terra de Portugal era indigena de heroes.

Tu achavas que a vida te era horto de espinhos que medravam sob o clima ardente de um paiz, cujas entranhas se retalhavam sobre o eculeo do egoismo sordido, vil e ignominioso.

E deixaste-te arrastar pela mão ferrenha da fatalidade, que te pôz em frente o irmão em trajes hostis, e te metteu no punho o ferro matador, que, á sombra do throno, devia ranger pelos ossos do homem escravisado como tu, e ebrio de suggestões como tu o estavas.

E o homem mordeu a terra que pisava, e tu cahiste sobre a victima, e sobre ti baqueou o cadaver d'outro homem, e sobre este vi um montão de cadaveres que se estertoravam, e espadanavam sangue na face da mãe, da irmã e da viuva...

Oh! Maldição! Maldição!...

V

A hora dos sepulchros ergueu-se da terra.

A estrella da manhã alveja os horisontes.

Finados! As lagrimas dos tristes não se casam com o dia. Temo o riso aviltador dos homens. A horas mortas eu serei comvosco.

Villa Real, 1847.

NOTA

—

Bem sei que a chamada *philosophia* de alguns condemnará de pueril esta minha confissão: que importa? Eu tenho certos actos da minha vida, que são meus, e para mim exclusivamente, e dos quaes não presto contas.

José Antonio T. C. de Mello e Nisa, sargento de infanteria 13, foi moço com quem tratei uma amisade que não parecia do seculo em que vivemos, que tão egoista elle corre. Morto em fogo n'um recontro das tropas do Porto, sob o commando do barão de Castro-Daire, eu chorei a falta d'um joven, cuja sepultura é hoje um goivo, que se ergue entre os muitos espinhos da minha vida. A horas mortas, quando rapazes da minha creação

percorrem as ruas de Villa Real, contentes do seu viver e folgazãos em seus descantes, alguem, que olhar a morte como um remedio para os males da vida, encontrará um seu commensal no banquete dos padecimentos, no lugubre dos cemiterios, e embebido na cova muda d'um amigo que se perdeu... Inda mal que eu lamento sósinho na solidão, se bem que muitos nos intitulamos amigos d'esse desgraçado que se finou... E agora— que se me dá de vossos risos?

ALGUMAS FLORES

PARA UM TRIUMPHO

ALGUMAS FLORES

PARA UM TRIUMPHO

> **Bem puderas, ó sol, da vista destes**
> **Teus raios apartar aquelle dia...**
> **. . . . .**
> **Vós, ó concavos valles, que pudestes**
> **A voz extrema ouvir da bocca fria,**
> **O nome... que lhe ouvistes,**
> **Por muito grande espaço repetistes.**
>
> **(CAM. *Lus.* C. 3.º)**

O POVO tinha estudado os seus direitos no quadro de sua miseria; tinha lido a sua miseria no escarneo de seus oppressores, e traduzira a sua força na espada de seus tyrannos.

Estava emancipado de uma vida ralada de soffrimentos—existencia conhecida por aviltada, vergonhosa e passiva.

Porque até alli a lagrima na face do

homem vexado — era o riso motejador nos labios d'outro homem; e o suspiro doloroso a fugir-lhe do peito — era a gargalhada infernal a suffocar-lhe o resentimento.

Mas o grito desesperado devia estalar como o trovão, e como o trovão devia ter um som electrico a percutir na alma de uma grande familia, dispersa pelo terror do despotismo.

Foi um grito compacto e unisono, porque vimos uma nação em peso pedir justiça a Deus, força ao ferro e coragem ao coração.

Foi uma nação em peso que subiu ao Palatino e chorou de alegria com esperança de liberdade... — era um reino inteiro, guiado sob a tutela d'alguns homens, que fundaram a primeira pedra do heroico baluarte dos livres...

Oh! — nobre tu eras, terra de Portugal! — que dobra de prepotencia cahiu sobre teus brazões! — que voz nefanda te apregoou em leilão d'escravos!

I

Era em noite de Janeiro de 1847.

As ruas de Villa Real estavam cobertas de neve; o rio *Corgo* revolvia-se em bramidos fóra de seu leito, vomitando ás margens troncos annosos, estalados ao furor da tempestade: e o vento redemoinhava desde os picos despinhados do *Marão,* e vinha em sibilantes tufões estoirar pelas cumiadas dos edificios — e mais longe, — rugir no ferro do sanguinario chefe de vandalos, que aguardava a hora do expiaculo nas alturas de Constantim.

Era o visconde de Vinhaes — o general da Rainha dos portuguezes, que d'esse

ponto—como abutre a pairar sobre a avesinha incauta, se preparava para colher com a ponta da espada, no sangue de portuguezes, um louro para o seu triumpho.

Portuguezes eram esses infelizes, que então pernoitavam em Villa Real, porque conquistavam a sua liberdade pelas trevas de noites tormentosas, pelos gelos, chuvas, neves, coriscos, sangue, esperanças.

Eram portuguezes, porque estavam mal cobertos d'andrajos, que distingue escravos de *senhores,* e descalços e famintos, e fartos de chorar sobre o pão amargo do seu trabalho.

Elles seguiam um homem que o sopro empéstado do Tamisa cá nos arrojára... um homem que fallou ao povo credulo, innocente e agrilhoado, e lhe disse — *«eu vos darei vida menos cruel.»*

O Mac-Donnell..................
....

II

Eram duas horas da noite, e esse povo infeliz, e quiçá *atraiçoado*, que dormitava um somno de sobresaltos e terrores — esse povo que scismava na sua remissão, ou que enxugava a ultima lagrima — vertida longe de uma familia, cortada de fome e de miseria — esse povo, tão nobre mesmo nos devaneios de sua cega crença... exposto á inclemencia do céo, que dorme ao som do grito dos desesperados... — lá marcha horrorisado, com o estranho clangor da trombeta, que annuncia a visinhança de um inimigo barbaro, inexoravel e sedento de vidas indefezas...

Lá vem por entre as tempestades, como o condemnado de Jerusalem, o intrepido guerreiro, que protestou juncar as ruas de Villa Real de cadaveres, e moribundos, a arquejar sob as ferraduras de seu cavallo!

Lá vem o nobre visconde lêr-nos os direitos da côrte sobre as entranhas palpitantes de um povo, que affrontou pela primeira vez os grilhões do seu captiveiro!

Bem vindo sejas, interprete da côrte!

Foge, povo, que devoraste amargamente a triaga da tyrannia, que, por entre baionetas, baixou do banquete dos reis ao lar da tua cabana.

Foge, povo, que tiraste da mão de teus filhos — migalha de pão, que deixa cahir no cofre de teus oppressores!

Foge, povo, porque gritaste com força e justiça, quando viste a lousa levantada e as garras da fome empolgadas em teus filhos!

Foge, povo, que a espada do bravo se encontrará com a estrella da manhã sobre a tua cabeça!

E o povo, com o sangue gelado nas veias, inteiriçado por sobre a neve, ao impeto de um vento penetrante — fugia desgarrado por esses montes desconhecidos — abatido pela fome, e aguilhoado por memorias, que só concebe um esposo, um pae, um irmão, e o homem que precisa viver...

Lá ias tu, infeliz Pacheco, esquecido de tua passada grandeza, embebido apenas no abandono, na saudade da misera filha, que, em mesquinho albergue, que mão bemfeitora te construiu n'aquella aldeia, supplíca á Virgem dos desamparados pela conservação de teus dias!

Como tu amavas essa filha!... Oh! que as lagrimas d'ella se deslisavam nas tuas cans intempestivas, quando a fome te arrancava suspiros apertados, convulsos e ardentes!

Tu lhe repetias, n'esses momentos negros em que sobre tua mesa não havia uma fatia de pão, — as moralidades que te deram onze annos de desterro, e fome, e amarguras.

E a fome tão tyranna te rouba aos braços d'essa filha, para te arrastar a esse grupo de infelizes, que ahi vão, por noite, rojando uma vida de paroxismos, na frente da phalange, apostada no jogo de vossas vidas . . . !

A Virgem te proteja, infeliz Pacheco!

III

E o fraco velho succumbia com a perda do seu cançado vigôr, e escorregava por esses algares vidrados de gelo, e hirtos de espinhos silvestres.

E o franzininho vestido que o cobria ahi fica pedaços n'esses ramos brancos de crespas touças, porque elle caminhava o caminho da sepultura, e agourava uma morte tão cheia de torturas, como as escabrosidades da estrada que o guiava para o supplicio!

E o tropel dos cavallos já soava em seus ouvidos, e a morte com uma perspectiva horrorosa o viria encontrar debruçado sobre aquelle comoro, prostrado,

sem uma esperança de salvação... sem um braço que o defenda... sem uma lagrima que peça ao assassino a vida que não é d'elle... a vida de sua filha! Mas a lagrima do ancião não casava com o ferro do bandido, porque esse ferro tinha nascido para o sangue, e fôra explorado na mina inesgotavel dos direitos de uma côrte...

Ergue o teu ferro, soldado, e embebe-o no peito d'esse portuguez que te ergue os cançados braços a pedir compaixão... embebe-o, que assim t'o manda teu chefe!

E o craneo do desgraçado velho estalou ao peso da espada; e a espada tres vezes lhe trespassou o peito, e lhe esperou no aço as derradeiras convulsões da vida!

Eis-ahi um cadaver!

Já n'esse coração não palpita o sentimento generoso: já n'essas faces não correrá a lagrima da fome, nem essas cans sentirão o pranto ardente de uma filha extremosa!

Filha, que o amavas do coração, vem ás faldas do *Mezio* beijar os membros mutilados de teu pae! — cessem os teus responsos, que a Virgem não te ouviu!

Um *padre-nosso* para teu pae, orphã, que a sua alma pede tuas orações!

IV

Victoria, portuguezes! — Victoria por ti, nobre general!... Vem escrever o teu titulo de conde com o sangue d'esta victima!

E o bronze dos campanarios tangia lugubre por essas egrejas, porque esse dia foi de sangue, e de eterna memoria para os vindouros...

Porque a baïoneta do soldado foi cravar-se no lavrador pacifico, que arava a riqueza do grande em propriedade sua, e matava a fome de sua familia com historias da prepotencia, que tinha visto, e não aprendido de seus antepassados...

E a nuvem da destruição rolou tão

forte como o braço que lhe transmittira a força, e em cada cadaver julgarieis cravado o cunho real que passára pelas mãos de um João IV, Pedro II, João V e Pedro IV!...

Eram prêsas da côrte.....—Desterrado seja quem não emmudeceu á vista d'ellas e não beijou o ferro que as immolou, porque na lamina d'esse ferro reflectiam os brilhantes de uma corôa!..........

....

E não havia um ministro do altar que viesse entoar o psalmo do sepulchro sobre os membros quartejados do Pacheco!

E não houvera quem désse uma sepultura ao morto desabrigado, ou uma campa em terra sagrada!

E o dia passára... Padre! não encontrem os bichos da noite este cadaver... dá-lhe uma sepultura na tua egreja, que é mãe commum...

E o bonzo, possesso de diabolico fanatismo, deixou descahir a cabeça com o peso do seu estupido rito—e dormiu ainda essa noite no seu leito de torpezas,

porque o Vaticano lhe prohibira levantar do chão gelado um cadaver, que não tinha pendente do pescoço o rosario do christão!

Maldito sejas tu, padre, que assim representas uma pagina da chronica dos tempos barbaros!...—Estavas reservado para hoje...............................

V

Rompia a aurora do outro dia.

E viu-se um homem pegar, pela primeira vez, da enxada do cavador, e abrir no atrio de um templo uma cova.

E pouco depois cahiu n'ella um cadaver, envolto em um lençol, e ninguem reconheceu as feições do morto, porque estavam desfiguradas pelos golpes.

E quando a ultima pá de terra rasava com o chão um sarcophago caritativo e um nome deslembrado—ouviu-se um grito fremente, e como sahido de peito que estalou debaixo de uma barra de ferro.

Era a filha do Pacheco!

E, abraçada com os retalhos do vestido de seu pae, não se lhe viu uma lagrima, nem mais um grito.

Espalhou uma vista errante, espantada e orlada de tiras sanguineas em torno da sepultura do ancião...—beijou a terra que o cobria...—ainda outro grito... e desappareceu!

E nos cumes das serras viu-se depois uma mulher que cantava, chorava e remedava os silvos e os tregeitos das aves que respondiam a suas vozes.

Era douda: e, se alguem a via, apontava-a, com sentidas lagrimas, e dizia:

—«Eis ali a filha do Pacheco!»

Villa Real — Setembro de 1847.

A

JULIO DO CARVALHAL SARMENTO
E PIMENTEL

A

JULIO DO CARVALHAL SARMENTO E PIMENTEL

A terra lhe seja leve!

Soldado valente, lá estoura o fuzil,
A sorte da guerra te ameaça, soldado!
Não rompas ávante, se tens uma esposa
Que chora por ti no throno enlutado!

—Esposa! oh!—que tenho!—e filhos tão caros,
—N'est'alma a pungir-me com meigos vagidos;
—Mas tenho uma patria, que geme entre ferros,
—E invoca seus filhos, já d'ella esquecidos.

— Esposa, e meus filhos, e patria, que são,
— Debaixo de ferros horrendos, fataes?
— Os gritos da patria são mais retumbantes,
— Que chorem meus filhos, que a patria é bem mais! —

E as balas cruzadas sibilam de perto
Ao nobre guerreiro, que avança açodado!
«Atraz, que tens filhos, soldado valente,
«A sorte da guerra te ameaça, soldado!

E as balas passaram zumbindo medonhas,
E um riso d'heroe lhes paga o respeito:
As balas d'escravos são frias, e froixas,
Dureza só tem um livre no peito!

E o livre, outra vez, na face os vergões
De escravo, lá marcha ao lar, semi-vivo!
«Soldado, que tens, que triste te arrastas?»
— Soldado não sou... já marcho captivo! —

Captivo, por certo, que afagos da esposa
E beijos dos filhos não servem de nada!
Raivoso, qual tigre, nas mãos inda livres,
Com estalo terrivel, succumbe-lhe a espada.

E lagrimas sempre, nas faces pallor,
Palavras carpidas dos labios soltava:
Os filhos, que o viam, tristonhos chorando;
A esposa, que o via, perdida chorava!

E a campa se abria por mão myst'riosa,
Que algemas lhe lima, que o prendem á vida:
E um baque na campa se ouviu horroroso,
Qual ferro que quebra d'escravos co'a lida!

Tyrannos, tyrannos, já tendes um menos:
Na paz dos sepulchros um livre descança!
Não tendes, que os filhos na campa do pai,
Se bem que algemados, lhe juram vingança!

Villa Real, 6 de outubro de 1847.

UM DIA DEPOIS DE VAL-PASSOS

UM DIA DEPOIS DE VAL-PASSOS

(Fragmento de um Memorandum)

. . . .
Se temeres do atroz cacete
Cacetada, que te parta,
Cidadão, mostra-lhe a Carta . . .

DO AUCTOR.

TINHAM corrido quinze annos depois que Pedro IV voára do rochedo da Terceira para poisar nas praias do Mindello.

A semente da liberdade desembryonára-se viçosa n'aquellas areias refezadas de despotismo; e, em breve, nos troncos robustos d'essa nova herdade se entalharam letras que rezavam: — «Seremos livres a troco de nosso sangue».

E, de feito, correu ahi sangue de mais para fartar a voracidade de qualquer ty-

ranno que hypothecasse a alma ao demonio, como garantia de um pacto contractado pela força que o inferno póde dar a um verdugo, e pelo gemido que o ultimo membro da sociedade póde gemer no fio do cutelo!

Guerrearam-se luctas tão fortes quaes vós as concebeis, homens que ha poucos dias entrastes no campo da batalha a brandir o ferro na mão direita, e a esconder com a esquerda o ferrete de escravos, que vos cuspira na fronte a obra diabolica de uma só noite...

E no fim d'aquellas luctas, e á sombra do pendão da victoria fez-se a resenha dos cadaveres, onde se cravára esse pendão: e julgou-se que o throno de D. Maria da Gloria equivalia a cem mil cadaveres de portuguezes, a cem mil véos funebres ensopados de lagrimas de outras tantas viuvas, e a gemidos sem numero de muitos orphãos, que tinham, ao menos, a *liberdade* de mendigar a migalha de pão a quem saboreava os ricos espolios da guerra.

Caro, á fé de minha alma, ficou tal throno! — mas os mortos sepultaram-se, as lagrimas esgotaram-se, e cada homem, que por cá ficou a passear n'este *paiz* ermo de *homens* e povoado de cruzes, tinha uma carta de alforria que lhe dera a sua rainha, por quem elles mais sangue para maior gloria, mais vidas em segurança do throno, e até a salvação dariam, se a alma fosse coisa que se mercadejasse no acto de atirar com o corpo á hoste cerrada de um despota!

Louvado seja o Senhor! — nem tanto lhe mereciamos! Barato foi o programma de liberdade mostrado aos portuguezes de 1833, que já nada eram a esses que sentiam no peito um coração de livres a bater nas laminas de ferro da couraça: uma intelligencia grande a ferver debaixo do murrião — e o punho do montante a tremer no ferro dos guantes: — estes eram os de Ourique, do Salado, de Aljubarrota, e os de Montes-Claros, e, emfim, aquelles que por ahi vedes retratados nas chronicas, que são outras

tantas taças de vituperios que eu hoje poria em um banquete de tyrannos, se a desgraça por cá os deparasse!

Deus é Deus, e Mafoma o seu propheta!—diria eu agora se fosse um escriptor da Mauritania: mas, como estamos em terra de christãos, antes direi: Deus é Deus, e os reis os *seus delegados!*

Quem me manda a mim fallar de despotismo e liberdade, como se isto fossem ideias com objecto real na natureza!? Eu não queria dizer isto... Foi um lapso, que dei n'esta imaginação, que tenho exaltadissima, e que me não deixou logo, no começo d'estas linhas, principiar de dizer que ia escrever uma historia, um conto, um artigo ou um romance historico acontecido em Portugal no mez de novembro de 46, que era o primeiro depois de treze annos que a Senhora D. Maria, 2.ª do nome, cá reinava constitucionalmente.

O principio d'esse reinado—bem o sabeis. Começou como todos os outros que sabem acquiescer á febre revolu-

cionaria de um povo que, depois de cinco annos de ferro, grita por um dia de sangue; mas os arautos do maternal coração da nossa redemptora apregoaram a *Carta*, e o povo comprou a Carta. Leu-a, e n'isso entreteve a sêde da vingança, ficou contente da leitura e achou ahi uma bulla de muitas indulgencias; muitos talvez então haveriam que chamassem a essa Carta um reportorio, sem o *Deus super omnia* no fim.

E d'esse folhetinho houveram muitas edições, variadas em variadissimos typos, nitidas, assetinadas, e algumas com o retrato do homem que a doára, e o unico talvez que a entendera!... O que importa isto aos pacientissimos leitores? tanto como a mim; mas quero eu dizer com isto que houve um homem que tambem comprou um folhetinho da primeira edição, porque—disse elle—«o sangue que eu derramei por esta *Carta* nas linhas do Porto, era que farte para escrever os 20:000 volumes que sahiram da imprensa».

E tanto, como este, podia dizel-o outro qualquer soldado que quinhoasse uma porção de desterro, fome e amarguras, e que valesse tanto como o tenente-coronel Victor de Val-Verde.

Este é o heroe do meu romance.

Era no tempo dos Cabraes... Assim é que eu devia começar o meu pobre romance, d'aqui a tres seculos, se por effeito da metempsychose apparecesse esta minha alma transmigrada no corpo de algum herdeiro d'esta terra! Assim é que eu devia começar—repito—porque, fixada a época por tal nome, não havia mister datas nem descripções de costumes: porque o reinado d'estes dois irmãos fazem de per si, e sem ajuda de nome adjectivo, um sentido perfeito e um periodo completo na historia d'um paiz.

E porque é que os Cabraes se erguem colossos na nossa historia moderna, como a pyramide de *Certio* entre as rui-

nas de Roma? (Por Deus, que é rica a comparação!) É porque já não corre um globulo de sangue nas veias d'aquelles que hoje arremedam a lingua do mestre d'Aviz, de Alvaro Paes e de Ruy Pereira:—d'aquelles que levantaram a viseira para reconhecerem se, em verdade, um cadaver corrido de estocadas e estendido nos ricos estrados do *palacio dos infantes*, era o de João Fernandes Andeiro!

Estou repêso d'essas palavras que ahi ficam, são palavras de sanguinario... de rebelde... de regicida; mas, como diz o sr. Castilho, «o punhal do poeta é como o do actor tragico, que, ao ameaçar o golpe, se engole pelo cabo dentro», não corre perigo de desordem, e mesmo porque o povo de hoje não ferve em pouca agua.

E o romance? é verdade que se me ia convertendo em alguma diatribe, digna da revindicta de um Parker e capaz de metter pelas fronteiras dentro o meu amigo Concha, com o seu infindo com-

boio de toucinho e *falacha!* Irra, que ainda não estou normal! — não sou para estas coisas! Ora pois: ahi vae, *corrente calamo.*

Era no começo do 6.º anno do reinado dos homens de Algodres.

No cimo dentado das montanhas viam-se vultos turvos e negros, que semelhavam as ameias de uma enfiada de castellos rôtos aqui e alli, e alvacentas como ellas se amostram, enxergadas de longe, ao anoitecer. E depois aquelles vultos precipitaram-se pelas escarpas da serrania e formaram uma cordilheira, que ora se distendia como o rôlo espumante de uma pinha de vagas que se revolvem no abysmo cavado pela rajada do nordeste. E aquellas fitas negras, que desciam para o sopé das montanhas, cingiam-se e angustiavam-se como dois athletas irmãos, que se armam de maças da lucta para se aniquilarem a troco do recreio que vão dar a um grande, que exulta com a trituração dos ossos de

seus escravos. E do centro d'esse circulo contraído levantaram-se lavaredas e retumbantes gritos.

Todos hão-de confessar que fiz agora uma bella metaphora, se disser que quiz figurar as massas populares a descerem do alto das montanhas para casa dos commissarios do *Cadastro*, e a incendiarem os papeis do systema, que serviram de pretexto para o — «morram os Cabraes»; — mas o povo não busca pretextos em suas iras. Ha uma realidade, convertida em justiça, que lhe dá forças, e o faz grande e temido: — é a tyrannia. E que é a tyrannia? é aquella faculdade nascida com os reis, e que tem a propriedade de se irradiar com *vis insita* por todos aquelles que dão a Satanaz metade da sua alma, e outra metade ao serviço dos reis. Lá em definições não sou muito forte.

E o rugido do leão do deserto mugiu um som desagradavel aos pés da piedosa Soberana; e a Soberana piedosa, movida por seu maternal coração, deu

com os Cabraes em vasa-barris—e elles deram-se ás de Villa-Diogo—como se alguem corresse atraz d'elles.

> Suspendei, suspendei, que a patria chora
> Quem, digno de pranto, assim se escapa!
> O tigre, que vos viu passar, rugiu;
> E o burro, que vos viu, fugiu da estaca!

Esta agora é melhor do que a outra! E digam lá que um homem, possuido de enthusiasmo cabralino, não é capaz de passar do mais rasteiro prosador ao mais sublimado poeta!

Tudo correu ás mil maravilhas. A irrupção popular, tão solemne e rapida, esfriou emfim, como a lava do Etna que rolou candente e férvida para depois se crystallisar em alcantís, que o reptil ousára pisar impunemente. Foram cinco annos consumidos no laboratorio das infamias; e bem sabeis que o veneno foi do filtro ingerido ás veias do povo, por magía de uma fada que muito podia...

É que o povo então já dormia
E com negras traições não sonhava,
E o throno de novo acatava,
E do throno aos pés não rugia.

Se rugisse, os grilhões não teria,
Nem temera por si mão tyranna
De valído, privado, ou soberana.
. . . .
É que o povo então já dormia!

Ha certas coisas que ditas em verso evitam muitas vezes uma suspensão de garantias!

Tudo o que fica dito remediava-se bem com esta simples oração:—Estamos na 6.ª noite do mez de outubro de 1846. E sabeis vós como eu explico esta noite facciosa, liberticida e cabralista? É como uma d'aquellas noites tetricas que viu passar clandestinamente o sicario que se acurvou sobre um homem justo, que orava e adormecera no perpeanho da cruz de seus avós, e lhe afo-

gára no coração um punhal, e lhe deu aos ouvidos uma gargalhada como o silvo da serpente que esmagou os ossos do tigre com o moer das suas roscas!

. . . .

. . . .

Ó Taveira! Estou aqui, estou a finarme na presiganga do Soromenho!

Nova personagem no meu romance. Este Taveira é um pobre official amnistiado; está na 4.ª secção e recebe pelos expostos. Era constitucional quando o Saldanha era realista. Em 28 emigrou para a Hespanha. Teve por lá muita fome e tambem a teve por cá no pequeno espaço de cinco annos que desfrutou as masmorras de Almeida, Extremoz e S. Julião, á ordem do tio da nossa rainha. Por isto, e porque elle vae agora dar uma relevante prova do seu patriotismo, espero, sr. redactor, que o tenha na devida consideração.

Já ali, não sei onde, que uma rapariga do Tyrol, por influencia magnetica, minuciosamente contára os tramites da

morte de Christo. A somnambula entrou na casa de Pilatos e não lhe esqueceu de dizer que vira ahi um armario, um immenso vaso de argilla. Diz cá o amnistiado Taveira que a argilla foi descoberta quinze annos depois. Apoiado! a rapariga estava agora obrigada a saber chimica!

Ó Taveira! faze um sacrificio a esta patria que é tão tua e tanto do teu coração! Queres tu que eu te magnetise para me contares alguma coisa digna de um romance patuleia?

— «Valeu.»

Eis-me um novo *Mesmer*, representado em nossa terra por aquelle ratão do Perdigão, que foi o cabo de guerra que, na Regoa, fez victoriosas as armas da rainha.

O magnetisado está a succumbir... Mais duas geringonças.

Vamos a perguntas. Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo! Taveira, eu te esconjuro para que, magneticamente fallando, me digas o que vês digno de um romance!

—«Vejo uma tribu erradia por esses mundos de Christo. Lá se agrupa n'aquella touça esteril; lá se esparge pela serrania crespa, e d'entre ella levanta-se um homem que diz:—«Vós sois filho do crime e eu sou o genio das iniquidades. Dae-vos a mim com o vosso viver de errantes, que eu vos terei debaixo da tutela d'este punhal.» E os nomadas vieram a elle; e accenderam-lhe fogo, porque o chefe tiritava de frio. E cada um dos servos petitava pelo seu eido, porque queria uma quentura em paga do seu trabalho. E o chefe voltou-se para dois que lhe eram visinhos e disse-lhes: «Nós somos tres para dominarmos o fogo d'esta fogueira. Assassinemos os outros e seremos unicos.» E fizeram-n'o.»

A fallarmos verdade, d'esta feita pouco percebi: isto é magnetismo de mais! Ólá, amigo Taveira, eu te esconjuro para que digas coisa que se entenda: pena de protocollo!

—«Vejo ao norte de Portugal coisas tristes de se vêrem e piedosas de se ou-

virem. Dois exercitos frente a frente. Um tem a consciencia da força e da verdade; o outro a da fraqueza e traição. Na vanguarda do primeiro vela o espirito placido de um general, que sorri para cem batalhas que lhe trouxeram as cans. Na do segundo vacilla covardemente um homem pallido, esguio e que traz no peito o cancro da traição, nas costas um *lobinho,* e na testa uma palavra—RENEGADO.»

Mau, que se entende horrivelmente! Taveira, que mais vês?

—«Vejo ferros e golpes; ouço brados e maldições... Tremo de t'o dizer... Vejo a traição triumphante... A liberdade calcada... Uma estatua á tyrannia, e uma mulher com um rir de diabo sentada no pedestal d'essa estatua... e...»

Cautela, ó Taveira, que lá partiu uma *nota* para o Psalmerston!... Que mais vês?

—«Vejo o futuro. A soberba Albion a retouçar-se no leito de Affonso Henriques, e a neta de D. João IV a borrifar-

lhe o seio de espiritos e a toucar-lhe os crespos de flôres.»

Ó Taveira, que me encravilhaste! *Sir Seymour,* perdão ao somnambulo!... *Pœnitet me* (ou *mihi)*!... Maldição sobre o mesmerismo que, por tal guisa, me ia compromettendo! Desperte-se o magnetisado...

Embalde lhe afasto as camadas aereas... quero restituir-lhe o calorico á peripheria, segundo a arte... a nada se move! Inspirae-me, ó numes! Prego-lhe um berro aos ouvidos:—*Os Cabraes no ministerio!* —e á voz de *Cabraes* o homem estremece horrivelmente, levanta as palpebras e apresenta um par de olhos vesgos, vidrados e flamivomos, e perfila-se commigo n'uma convulsão espantosa!

—«Que é?... que é?... os Cabraes... ministerio...»

Não é nada: deita-te n'essa cama; socega esse espirito rebelde á rainha e Carta, emquanto eu dou fim a este romance.

São 18 de novembro. Giram no céo de Val-Passos torvas e rapidas as nu-

vens. De hora a hora um raio descórado do sol expira nas baionetas rubras do sangue do povo. Lá em baixo, no campanario da freguezia, é tristissimo o dobre dos finados. O parocho entôa o *memento* a muitos mortos estendidos no terrado do vestibulo. N'aquellas aldeias de redor estrugem muitos gritos piedosos, muitas supplicas abafadas de—virgem que defende a sua virgindade—de proprietarios que defendem os seus haveres—e do homem que se prostra aos pés dos janisaros a pedir-lhes a vida, que é vida e pão de seus filhinhos.

Andam por lá as tropas fieis!—Torre e espada—valor—lealdade e merito, para vós, valentes batalhadores! Desertas as povoações de seus pacificos habitantes, o cordão do exterminio avança triumphante no saque e incendio das velhas moradas. Em algum pico mais elevado assoma o colono fugitivo para contemplar as columnas de fumo que se coam do colmado da sua cabana.

Perto das fronteiras dois homens iner-

mes, do alto de um rochedo, observam a horda medonha que se atira em correrias pelas serras em busca do homem do povo. São vistos. Um troço de cavallaria, por veredas oppostas, se acerca d'aquellas fragas. É lastimavel o transe dos dois infelizes. Alli—Deus e morte!

A scena, que lá se passa debaixo do céo, impassivel á justiça dos escravos, é terrivel, como a posição de dois homens que, ajoelhados á espada dos barbaros, appellam para as leis da guerra.

—«Não nos mateis, rapazes, nós somos prisioneiros!»

O tenente-coronel Victor—um dos supplicantes—é o primeiro que sente estalar-lhe o craneo ao gume de uma espada.

Sossobrou; mas não morreu, que grandes espiritos, e tardos em succumbir, lhe guardam a vida para os horrores de maior punição.

Caminho do supplicio lá vão os dois prisioneiros. Quem julgará da vida d'el-

les ou da compaixão dos barbaros?!— Ninguem!

. . . .

. . . .

Quem ha-de valer aos dois condemnados?!

Se alguem dissesse á rainha de Portugal que Victor de Val-Passos foi o primeiro homem que acclamou a legitimidade de seu pae nas provincias do norte; se alguem lhe dissesse que longos soffrimentos lhe resequiram a vida para commungar, depois, das amarguras que sorveram n'esse baluarte que lhe deu a corôa dentro dos muros do Porto, que circumscreviam todas as esperanças de seus valentes soldados e amigos...—se alguem lh'o dissesse—perdoar-lhe-hia ella?

. . . .

. . . .

Alarma-se a turba. Celeuma infernal —barbara vozeria retumba nas filas do subordinado exercito da côrte! É que os dois prisioneiros se aproximam do terreno que verão por derradeiro!...

O aspecto de Victor é horrivel com as listras de sangue coagulado que lhe pendem pelas faces. Os sarcasmos da soldadesca ferem-lhe aquella alma tão cortada de dôres, tão retalhada de angustias e tão ligada, no instante do passamento, com uma familia extremosa que a taes horas vaga na serra em busca de seu chefe.

A seu lado Ignacio de Val-d'Egas, que nunca o abandonára, ostenta aos matadores um espirito indigno d'elles. Altivo no seu olhar, christão em seus pensamentos, elle recorda ao seu companheiro que ha um Deus a julgal-os um momento depois. Das fileiras dos nobres defensores da Carta são estremados cinco arcabuzeiros. Á primeira descarga Ignacio de Val-d'Egas está com Deus. Cinco balas mais, cravadas no corpo de Victor, prostrado no chão, não foram efficazes a desprendel-o da vida. Ergue a fronte ensanguentada; estende olhos embaciados e mortaes para os seus inimigos... queria talvez dizer uma palavra... quando

outra bala, á queima-roupa, lhe fulmina a derradeira ideia e a extrema aspiração da vida.

Não o deixaram fallar!—que diria elle n'aquelle momento de transição?—talvez dissesse:

—«Servi-te 25 annos... e mataste-me quando te servia!»

Acabei por tristezas! Quem pudera trahir, uma vez ao menos, esta linguagem pesada, para mandar ao futuro da minha patria um riso sardonico!...

Villa Real—Janeiro de 1848.

NOTAS

DECLARAÇÃO PRÉVIA

JUNTANDO estes meus escriptos a outros produzidos pelo incontestavel e incontestado patriarcha da litteratura portugueza, tenho a noção da heresia que pratíco.

Não procuro desculpar-me nem peço indulgencia para as desataviadas Notas que se seguem n'este volume, e que se seguirão nos posteriores, porque o acto é voluntario; consigno apenas que a irreverencia tem como causas — unicamente — o desejo de ser agradavel ao editor da Collecção que o presente

livro inicia, e tambem o de expôr occorrencias que, sem duvida, interessam a quem consagra á Obra de Camillo Castello Branco o culto que se lhe deve:—isto deve forrar-me, salvo erro, ás inflexibilidades da critica austera, e cobrir-me com as condescendencias da critica benevola. Se me equivóco, soffrerei resignadamente o desar que vier como consequencia do torcido juizo.

Entrementes desvendarei algumas particularidades historicas, e pequeninas anecdotas, que esmaltam umas e outras explicam escriptos ainda ha pouco tempo desconhecidos, e tambem conhecidos, mas assombrados por falsas lendas, corrigindo porventura, onde fôr mister, varios descuidos que andam impressos.

Esses descuidos, que não avultarei até grandiosas proporções, e aquellas falsas lendas serão derrocadas umas e reparados outros pelas escorreitas informações do meu prezado amigo Camillo Castello Branco, de quem sou echo, apenas, com o proposito de reproduzir fielmente do que me tem sido revelado em longos periodos angustiosos, quando Camillo procura, nas recordações de ligei-

ras alegrias do passado menos atribulado, delir amarguras do presente doloroso.

Nas confidencias que ouvi, e das quaes estas NOTAS serão apoucadas parcellas, ha espinhos e, consequentemente, ha flôres: — assim como ha sorrisos tambem ha prantos que se amalgamam hoje em uma só mas immensa dôr para a qual não sei de expressão condigna!

Camillo Castello Branco póde dizer como Giusti: «*O que em mim parece rir, é chorar*» — e como Cowper, nas facecias de Gilpin, tambem podia asseverar: «*Quando escrevi as producções mais comicas, estava immerso em profunda melancolia.*»

Quem perguntar a Camillo Castello Branco, a este vulto de emmagrecidas proporções plasticas, que suppomos de amplissimas fórmas estatuarias; a este homem genial que se diz — CEGO —, e do qual se irradiam mil focos de luz a clarear toda a litteratura de Portugal; a este centro d'esses contrastes que se entrechocam, deixando no peito, que lhes é campo de batalha, profundissimos estragos de formidaveis combates; quem lhe perguntar

pelos contentamentos que lhe engendraram as suas mais aceradas jovialidades, saberá que póde contar por cada uma um pezar.

Quasi como Giordano Bruno: *In hilaritate tristis, in tristitia hilaris.*

Porto 31 de Dezembro de 1889.

J. A. de Freitas Fortuna.

NOTAS

Nota I

SERIA aqui bem cabido um esboço biographico do eminente escriptor, esboço que nos dissesse d'elle até á época dos seus primeiros trabalhos?

Talvez; mas com certeza era uma exorbitancia do plano d'estas Notas, cuja balisa me é fixada pelos textos que devo annotar.

Compellido, todavia, pela necessidade de começar pelo principio, se não pela urgencia de desenvencilhar casos enredados, e de esclarecer outros obscuros, direi o que se me antolha indispensavel com a tenção de não enfadar quem prescinda dos esclarecimentos, nem desmerecer da curiosidade que elles devem satisfazer a quem os desejar.

* * *

Camillo Castello Branco (primeiro visconde de Correia Botelho) nasceu em Lisboa a 16 de março de 1826, e foi, como que predestinadamente, baptisado na egreja dos Martyres: — alli devia ser o baptismo d'aquelle cuja verdura e madureza da vida haviam de padecer cruciantes martyrios.

Nove annos depois, pouco tempo após um dia em que o pae dera evidentes indicios de perturbações mentaes, Camillo, que não abrira os olhos a tempo de conhecer a carinhosa mãe; que não teve occasião de sentir junto do seu ainda inconsciente coração infantil o consciente e assombroso coração maternal, «entrava por noite alta na sala onde o pae estava amortalhado, sem mais companhia que quatro cirios de chamma azulada. Ajoelhou sem orar. Afastou da fronte do cadaver o capuz do habito, e beijou-lh'a. Poz-lhe tambem a bocca nas mãos glaciaes; sentiu um frio de que ainda o coração lhe guarda memoria: — o frio do ambiente dos mortos.

«Largo espaço contemplou a face do pae, aformoseada pelo resplendor da aurora do dia eterno; e assim ponderou as ultimas palavras que lhe ouvira, confiadas ao frivolo espirito dos seus nove annos: — Que será de ti, meu filho, sem ninguem que te ame!...» (1)

(1) Camillo Castello Branco: *Duas horas de leitura,* pag. 14.

O conselho de familia, talvez para lhe evidenciar sem delonga a previsão que irrompera do coração paterno como suprema angustia do angustioso momento da morte de um pae que deixa nos baldões sociaes a vida do filho, incumbiu-o ao cuidado de uma tia em Traz-os-Montes, embarcando-o no vapor «Jorge IV», que arribou a Vigo para não sossobrar em naufragio que a bordo parecia necessaria consequencia da tempestade que assaltára o navio, impedindo-lhe a entrada na barra do Porto: — formidaveis harmonias da desventura!

Veio de Vigo, com a criada que o acompanhava e mais romeiros, cumprir uma promessa feita durante a tormenta ao Bom Jesus do Monte.

Falle elle, já homem, do que então occorreu á creança; porque ninguem o diz mais exactamente e melhor: «Pensava eu se me não teria sido muito mais benigno o Senhor do Monte, deixando-me resvalar no abysmo, amortalhado em uma das suas ondas, menos amargas que as lagrimas que eu havia de derramar em naufragios de maiores agonias.

«Porque eu, aos dez annos, vinha de perder meu pae quando já não tinha mãe; sahia do aconchego da casa paternal desfeita como um ninho espedaçado por um furacão, e ia para uma terra desconhecida, enviado a parentes que nunca me tinham visto.

«Era por isso que eu, pensando na infelicidade da existencia, scismava se — Deus — me seria mais benigno deixando-me ir procurar as almas de meu pae e de minha mãe.

«Ha cem annos que este Senhor crucificado vê umas poucas de geraçoens prostradas deante do seu altar — uns a agradecer, outros a supplicar. Pois, talvez no transcurso de um seculo, nenhuma outra creança de dez annos repetisse deante d'esta sagrada Imagem as palavras de Job: QUARE DE VULVA EDUXISTI ME? — Porque me déste o nascimento?» (1)

Cumprido o voto, foi a seu destino, vivendo entristecido em Traz-os-Montes, segredando aos reconcavos da Serra do Mesio as amarguras do coração dilacerado pelas angustias da orphandade, que lhe eram aggravadas em muito pela soledade que lhe trucidava a alma em miseria de carinhos.

A enormissima dôr que o meu prezado amigo padeceu então, só póde avalial-a quem, como aquelle que isto escreve, no principio da vida sentiu o coração desamparado dos dois affectos que mais genuinamente revelam o amor de — Deus — ao homem, e que soffre n'um momento da existencia — quando os labios paternos se gelam na horrorosa impassibilidade da morte —, todas as agruras após desdobradas nos annos por vir.

Foi n'esta contristadora situação que os mezes e annos se arrastaram, até que deliberou ir a Lisboa apresentar-se ao conselho de familia para que lhe

(1) Camillo Castello Branco: *Bohemia do Espirito*, pag. 384 e 385.

désse rumo apropriado; mas a tia mandou criados em procura do sobrinho, que encontraram agasalhado em uma hospedaria na Serra do Marão.

Volveu contrariado, é evidente, mas volveu para Traz-os-Montes, onde se lhe estarreciam as expansões do animo generoso, e se lhe acabrunhavam as scintillações do talento latente e atrophiado no meio a que o arremessaram.

N'esta época, e como se não bastasse a orphandade, caía sobre o patrimonio paterno de Camillo um processo infame, auctorisado por uma lei ainda mais vil, que o esbulhou do saldo que uma lucta civil deixára nas arcas do pae. Foi como que um terceiro vagalhão do oceano de desventuras a que o destino o atirou, e que lhe passou por sobre a cabeça que devia erguer-se posteriormente, como protesto famoso, até ás regiões aonde vae o genio e as aguias não vão.

Camillo, espoliado das alegrias do coração, tambem devia ser espoliado da fortuna, para que, em tão brutal pujança de agonias e de desgraças, houvesse a torpe logica do infortunio: não é infeliz quem quer.

N'estas condições foram annos sobrepostos a annos até aos dezoito, em que, mais precatado, tencionou uma nova jornada que o levou á Capital, onde foi pedir ao tutor que vendesse as *inscripções* do cerceado patrimonio para se formar em direito com o producto dos titulos escapados á *razzia;* mas o conselho resolveu — previdentemente — mandal-o vestir por um algibebe accommodado em preços e que nunca teve pre-

tenções de ser precursor do Keil, para devolvêl-o enroupado á tia evidentemente descuidada.

O leitor, indiscutivelmente lucido, concluiu talvez que o meu querido Camillo se apresentou nú ao conselho de familia; mas eu dou-me pressa em arrancal-o do equivoco: — não aconteceu isto rigorosamente assim.

Camillo appareceu-lhe integralmente coberto, e ainda levava amarfanhadas em um lenço de usada chita duas camisas e umas piugas, realisando, um pouco luxuosamente valha a verdade, o processo do verdadeiro *yankee* em jornada; porque ostentava mais uma do que as duas camisas do rito: vaidade perdoavel em tenros annos.

O orphão voltou, pois, e foi para Villa-Real viver em companhia de sua irmã então casada com um medico distincto (1), irmão do reverendo Antonio José d'Azevedo, exemplar sacerdote, que foi modelo dos piedosos ecclesiasticos primorosamente descriptos no Livro Negro e nos Espinhos e Flores.

A vida, ao lado do venerando padre Antonio, foi santa e quietada como devia ser no santuario em que se exemplificava a vida christã: «Vivi dois annos com este prior. As nossas camas estavam no mesmo

(1) Francisco José d'Azevedo, pae do distincto medico o sr. dr. José d'Azevedo Castello Branco e do illustrado jurisconsulto o sr. dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, auctor de notaveis livros scientificos e de primorosas poesias.

quarto. Ensinava-me latim, e musica de canto... A minha corda vocal nunca pôde graduar-se. Inclassificavel. Cantando a escala, quando chegava ao *si*, esganitava-me n'uma engasgação!... Desistiu-se de parte a parte pelo que respeita ao lyrismo. No latim andei melhor. Antes de saber traduzir o Eutropio pronunciava correctissimamente a prosa e o verso. Padre Antonio fazia-me psalmear com elle os versiculos do Breviario, alternadamente. Rezavamos, ao romper d'alva, *matinas*, depois *laudes*, á noite *vesperas* e *completas*.

«Uma vidraça do nosso quarto não tinha portadas. Elle queria vêr o repontar da aurora. Quando a lua nascia por alta noite, eu acordava, ás vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de luar, rezando os doze mysterios por umas contas monasticas. Depois, chamava-me. Rezavamos *matinas* com luz artificial. Iamos para a egreja. Eu tangia a missa e acolythava, pingando mais somno que devotas lagrimas.

«De volta do presbyterio, faziamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre Garrett, os ANNAES DA PROPAGAÇÃO DA FÉ, as NOITES DE YOUNG, a MISCELLANEA CURIOSA E PROVEITOSA, OS LUSIADAS, O THEATRO DE LOS DIOSES, AS VIAGENS DE CYRO, as PEREGRINAÇÕES de Fernão Mendes Pinto, e a HISTORIA DE PORTUGAL por uma sociedade de inglezes.» (1)

---

(1) Camillo Castello Branco: *Seroens de S. Miguel de Seide*, tomo III, pag. 67 e seguintes.

Após o estudo, que deleitava o mestre e que não constrangia o discipulo, ia Camillo para o grande ar que aspirava a largos haustos nos espinhaços das serras, d'onde descia até aos valles catando passarinhada que a espingarda nunca victimou, seja isto dito em abono da sua boa indole ou descredito da pontaria.

Quando se tomava de cansaço, assentava-se em logar sombreado e recondito, que lhe vedasse aos olhos o largo horisonte onde só descortinava amarguras, e era assim, o menos exteriorisado possivel, que o espirito sonhador e avido de venturas intangiveis se desprendia de pungentes realidades, e que a alma adormecia acariciada pelas suavissimas melodias como as que inspiraram aos slavos os cantares de Vichegrad, e os poemas de Venceslav. Como lhe seria terrivel o acordar d'aquelles somnos!

Foi então e assim, que a creança viveu a melhor vida do seu espirito, em que se formaram as theses depois sustentadas nos seus esplendidos livros: — A DIVINDADE DE JESUS, LAGRIMAS ABENÇOADAS, LIVRO DE CONSOLAÇÃO, e as HORAS DE PAZ, producções que concretisam a sua intellectualidade scientemente e fundamentalmente religiosa, contrariamente a mentirosas manifestações que transviam a critica.

Phenomeno é este que nada tem de novo: o bispo Swift revelou algumas vezes tendencias irreligiosas, e se fôra mister exemplificação de mais alto porte encontrar-se-hia lendo: ITERUM ERGO NEGAVIT PETRUS.

Mas não se aligeire exageradamente este esboço,

por maneira que os traços fiquem indecisos onde elles devem ser accentuados para se haver perfil correcto do esboçado.

Um bellissimo livro, que se lê sempre attentamente, diz assim:

«É Camillo Castello Branco catholico? Não.

«Christão simplesmente? Ainda não.

«Mas crê em — Deus — e em uma vida melhor? Não, replicarão sem vacillar os superficiaes.

«Esperai um pouco, lhes tornarei. Laboraes talvez n'um erro. Julgaes o homem a vulto, e pela rama. Não vos déstes ainda ao trabalho de estudar as reticencias do seu espirito, de completar o que as suas palavras nem sempre dizem, mas deixam adivinhar, nem de traduzir livremente certas phrases livres da sua penna que sómente revelam, em ultima analyse, uma alma oscillante, torturada e nada mais; ao passo que vos tem escapado as confissões espiritualistas do crente nos momentos não tempestuosos, se não lucidamente calmos, que a sua razão ainda hoje experimenta e manifesta.

«Digam muito embora alguns que Camillo perdeu toda a crença, eu inclino-me a julgar contra esses que elle ainda crê, comquanto a luz firmamentaria d'esta crença divina seja tantas vezes eclipsada pelos fogos de Bengala de umas duvidas estonteadoras. Quem sabe perfeitamente o que se passa nos dominios d'uma alma? Quem póde lançar a sonda ao abysmo do subjectivo?...

«Camillo Castello Branco foi educado catholicamente. Por annos viveu em companhia de um tio virtuoso (1), que lhe foi mentor... As primicias da sua vocação de escriptor foram votadas á religião.

«Por essa época redigiu o CHRISTIANISMO; em seguida a CRUZ. Verteu posteriormente o GENIO DO CHRISTIANISMO, OS MARTYRES, JESUS CHRISTO PERANTE O SECULO, etc., monumentos christãos da litteratura franceza. Correu até por algum tempo que pretendia ordenar-se... (2)

«Chegaram-me, porém, aos ouvidos, não muito mais tarde, umas reboadas das peripecias primitivas da existencia de Camillo. Constou-me, por exemplo, que o escriptor incipiente, impressionado ao vivo pelas eternas verdades do christianismo, se mergulhava frequentemente nas meditações sérias da morte, e da eternidade, levando o realismo ascetico a ponto de fazer do seu cubiculo, alguma vez, uma especie de cella mortuaria forrada de crepe, em cujo fundo avultava uma caveira (3), o mais eloquente livro que tem sido redigido sobre o nada humano.

«Ao menos, é certo que este pensamento da morte

(1) Padre Antonio José d'Azevedo, cunhado da irmã de Camillo Castello Branco.

(2) É verdade: esteve prestes a tomar ordens menores, e até se preparou com os habitos talares.

(3) Lenda carecida de base. Caveira só teve uma, quando estudou anatomia.

lhe é familiar e ainda agradavel (1). Camillo Castello Branco usa annel no dedo indicador, mas esse annel representa — imaginem o quê? — um craneo de morto esculpido sobre um metal somenos. Conheço o annel desde que conheço Camillo. Quasi que já faz parte integrante d'aquella mão que sobre a tela da lingua patria tem bordado muitos dos seus mais esplendidos lavores. Nunca lhe perguntei a historia do tal adereço singularissimo da caveira; mas estou persuadido que era capaz de me responder: — Foi a minha noiva que m'o offereceu no dia das nossas nupcias... (2)

---

(1) A verdade está na primeira affirmação, embora seja immanente a lembrança do suicidio, que não importa a realisação.

George Sand asseverava que, por vezes, era tão exquisita a tentação de se annullar, que lhe dava ensejo de verificar uma especie de loucura.

Leitzmann, que publicou o *Jornal d'um melancolico,* suicidou-se em um accesso de profunda tristeza.

Chateaubriand, o auctor do *Itinéraire de Paris à Jerusalem,* que, na sua humildade christã, encontrou vaidade para suppôr que seria o ultimo francez que visitaria piedosamente os Logares Santos; e Lamartine, o poetico escriptor da *Voyage en Orient,* não viveram isentos d'aquella morbida manifestação de muitos homens geniaes.

Na Italia, segundo affirma Morselli *(Del suicidio),* são os homens de lettras, e os professores, que dão o maior contingente nos attentados contra a propria vida.

(2) O illustrado biographo prosegue alludindo a um symbolico matrimonio com a morte.

A historia do annel de aço forrado a ouro é singellissima, e offereço-a como complemento da noticia. — Camillo possuia um annel brazonado que era da familia, e que a ex.[ma] sr.[a] viscondessa de Correia Botelho entregou a um artista distincto para reparar. O artista perdeu-o, e a amantissima esposa do meu prezado amigo incumbiu-lhe o fabrico d'aquelle outro, que deu ao dilecto da sua nobilissima alma. Fique o annel sem lenda, embora, mas apure-se esta verdade que exponho.

«A pouco e pouco foram as crenças arrefecendo no espirito do meu biographado.... onde havia um dogma respeitado elle poz uma interrogação e deixou essa interrogação de pé, irrespondida e sardonica no deserto da sua fé primeira, tombada em ruinas.

«Na successão chronologica dos seus escriptos assiste-se á faina dolorosa d'aquella alma tantalisada pelas suggestões lucifericas de um sceptico crescente (3). O estylo emancipa-se-lhe gradualmente das ligaduras do comedimento que lhe vedavam a liberdade da linguagem; todas as represas cedem uma após outra, até que afinal a mão insoffrida atira para o lado com a ultima ponta do manto em que se embuçava ainda o pudor religioso do escriptor.

«Colleiam então atravez do livro, como atravez d'um incendio, faúlhas d'uma luz sinistra e falsa, que scintillam um momento e se apagam. São phrases soltas o mais das vezes, rapidas de ordinario, d'uma entonação mephistophelica, contra os dogmas do seu berço, contra todo o sobrenatural, contra o mesmo deismo puramente racional, que indignam a fé do crente, e esmagam o coração d'*um,* ao menos, dos tres amigos que elle diz possuir.

«Mas não serei eu que te condemne, meu inolvidavel amigo, por estas tuas phrases de noite em meio

---

(3) Camillo Castello Branco nunca foi um sceptico.

das tuas paginas de sol. Sei que não repousaste ainda no seio gelido da descrença.

«Combates, sim, dentro de ti, e todo o combate moral é um soffrimento, como todo o soffrimento é um direito adquirido ao respeito. Combater é procurar, procurar é querer achar. No fundo das tuas duvidas substá a crença. A duvida passa, a crença fica. Enganar-me-hei? Vejamos...»

O primoroso escriptor aformoseia nove paginas do seu apreciavel livro, dissecando com afilado escalpello de atiladissima critica a série de manifestações, que lhe impoem como conclusão: — «Camillo Castello Branco tem tido impetos terriveis de expungir na fronte lucida da sua razão esta solemne palavra — Deus —. Nunca, felizmente, o fez d'um modo sério até agora, e, se o fez um momento, arrependeu-se logo no momento seguinte, e tornou a escrevel-a respeitoso, como se vê, por exemplo, nas notas que corrigem a liberdade de algumas reflexões suas, em cartas descuidosas endereçadas a Vieira de Castro.» (1)

Seguem-se paginas de notavel erudição, que, por vezes, auctorisam a conclusão exposta; digo por vezes, porque nem sempre, como até ao reproduzido, nol-a dão como unica, como ella é, salva ligeira variante.

---

(1) Padre Senna Freitas: *Perfil de Camillo Castello Branco*, pag. 85 a 102.

Ninguem mais do que eu respeita a superior intellectualidade do sapiente auctor do livro que releio; e ninguem melhor do que eu sabe quanto muito é prezado por Camillo o illustrado sacerdote, que vale um dos mais fulgurantes ornamentos do clero portuguez; mas isto não impede, antes obriga, a meu vêr, dizer da causa o que se me impõe como necessario.

Camillo Castello Branco nunca expungiu na alma a eterna verdade da realidade de — Deus —, e vale isto affirmar, que nunca se lhe minguou crença na divindade de — Nosso Senhor Jesus Christo.

E para que não se lance á conta de menos justa observação o raciocinio feito, nem venha a pecha de leviana enfermar a asseveração, ou o attributo de apaixonada amesquinhar-lhe o quilate, apesar de ser hoje *tic* dar-se as gentes feitio de *espiritos fortes,* offereço prova extrahida da correspondencia com que o meu querido amigo me informa amiudadamente de como se lhe despedaça o corpo em já exageradamente longo padecimento:

«Ouvi lêr ha pouco a fausta noticia das minhas melhoras no *Jornal da Noite.* Fiquei inteirado; mas convença-se o meu amigo da falsidade da noticia. Não posso estar peor. Pergunta-me o meu amigo: Chegado a esse extremo de extraordinario soffrimento, porque te não matas? — Respondo: Não posso; — Deus — não quer.»

É como se manifesta mais do que strictamente deista; porque se evidenceia crente na intervenção divina

— revelação —, como Santo Agostinho: *Sic etiam tempora ipsa bellorum, sicut in ejus arbitrio est justoque judicio et misericordia, vel atterere, vel consolari genus humanum, ut alia citius, alia tardius finiantur* (1). Depois de ter escripto a série de livros, que desviaram muitos leitores da exacta linha que dá o correcto perfil religioso, vemol-o affirmar-se profundamente crente em — Deus —, embora uma vez citasse a phrase com que Diderot respondeu á de Voltaire.

Quando folheamos os seus livros vemol-o tambem a cada passo enxotar nervosamente Reville, repellir benevolamente Strauss, repudiar convencidamente Renan, e sorrir-se condolentemente de Jacolliot. Bastaria lêr uma referencia á peregrinação ao Bom Jesus do Monte, já aqui reproduzida, para o encontrarmos genuinamente christão como Bossuet o exigiria: *Qui dit un Père, dit un Fils; et qui dit un Fils, dit un égal dans la nature, et qui dit un égal dans une nature aussi parfaite que celle de — Dieu —, dit un égal en toute perfection: en sorte qu'il n'y puisse avoir de premier et de second, que par une sainte, parfaite et éternelle origine.* (2)

Em um dos seus ultimos livros, escripto e dado á estampa em 1885, encontra-se a seguinte phrase, quando se refere á irreverencia d'um titulo com que al-

---

(1) *De Civitate Dei:* L. v, cap. xxii.
(2) *Méditations sur l'Évangile.* LXX^e jour.

guem abroquelou o nome: «As chagas de Christo adoram-se, não se protegem.»

Poderão objectar-me que após se denuncía livre pensador; mas que importa se a verdade é aquella e não esta mentira d'uma philosophia que se dispensa de — Deus —?

Que importam essas manifestações, ou antes essas phrases soltas, e até desconnexas do todo da sua alma adoçada nas bonissimas crenças e doutrinas da santissima religião, que ahi resiste — imperterrita — aos embates de falsissimos sectarios mais nocivos — estes — do que são inimigos que lhe oppoem guerra aberta? Nada importam perante a critica.

Camillo Castello Branco é hoje o que era quando aos dezoito annos, e em viagem de Lisboa para o Porto, humilhou a sciencia d'um companheiro de bordo, que enchia os ocios das horas no mar, confrangendo o coração d'um ecclesiastico a quem o professor de philosophia pedia sarcasticamente a definição do que é milagre:

«Milagre é tudo isto! Milagre é essa abobada infinita onde o Senhor manda accender as tochas da sua luz de salvação, para que os nescios d'este mundo não caiam sem o reconhecer! Milagre é este lenho fugindo á morte que lhe ruge dos abysmos que elle salta, atravessando incolume os gargalos das penedias! Milagre é toda essa camada de maravilhas que embriaga o espirito que as contempla, e onde a palavra do homem desmaia, porque ellas foram o primeiro aceno de um

—Deus—todo poderoso, e esse—Deus—é o primeiro milagre da historia do Universo! (1)

Objectará a critica, ainda: Mas importam muito essas revelações que destroem as contrarias.

Á critica assim exigente, como ella deve ser—confesse-se—, pede-se-lhe que submetta ao seu processo todos os factores ponderaveis, e quando assim proceder concluirá, sem discrepancia minima, com a justa apreciação formulada: Camillo Castello Branco não é irreligioso; é um nevropatha, um hysterico, e como tal está subordinado, infelizmente para elle, a todos os phenomenos morbidos de que não póde isentar-se, e que amarguram a vida das victimas que flagellam despiedadamente.

Vejamos se deve repugnar o diagnostico: Dada como certa a theoria da hereditariedade pathologica, hoje incontestada no caso sujeito, vêmos em Moreau (de Tours) a opinião de que o estado morbido dos elementos nervosos póde ser condição essencial do genio; e, se estudarmos em Maudsley (2) encontramos a affirmação de que a epilepsia do pae póde determinar a loucura do filho, assim como a epilepsia d'este póde ser occasionada pela loucura d'aquelle.

Sem inquirir do que occorreu além do primeiro

---

(1) J. C. Vieira de Castro: *Camillo Castello Branco* (Noticia da sua vida e obras), pag. 74.

(2) *The Pathology of Mind.*

grau ancestral, e que infelizmente confirmaria, como ao diante se verá, sabemos que o pae de Camillo falleceu dementado, e esta circumstancia auctorisa a presumpção, que se impõe como certeza quando ponderamos Jorge, o homem em perpetua infantilidade, que vagueia em S. Miguel de Seide, onde as orações da mãe amantissima, e as bençãos do pae extremoso lhe são a unica alegria do seu sêr inconsciente, e da sua vida apertada nos estreitos horisontes d'um mundo que lhe termina onde lhe principia; porque, para aquelle dilecto filho dos meus queridos amigos, cuja existencia evolve melancolicamente em uma interminavel noite, que excede as frigidas e demoradas noites polares, ha sómente o vago onde se perdeu um notavel talento revelado em apreciaveis manifestações poeticas, e desenhos produzidos na rapida adolescencia de Jorge!

Que a Omnipotencia divina desça a sua infinita misericordia sobre S. Miguel de Seide, inundando de luz os olhos do pae, e a razão do filho!

A critica, implacavel como justo é que seja, ainda objectará, que a epilepsia não é precisamente a hysteria; mas o dr. Maudsley responde: «... um individuo póde soffrer uma fórma de molestia nervosa, e um outro da mesma familia poderá soffrel-a diversa; um póde ser atacado pela epilepsia, outro por nevralgia grave, ou hysteria.»

E o critico, acceitando a auctoridade de Maudsley, e persuadido de que seria injusto se formulasse a exi-

gencia de normalidade psychica, só pretendivel em circumstancias diversas, onde a vontade não seja modalisada pela causal que levou Huchard a dizer: que o traço mais caracteristico dos hystericos é a mobilidade, e que deu a Sydenham o convencimento de que a inconstancia é a consequencia fatal do caso pathologico a que estão subordinados.

Incontestavel o exposto, é contestavel a asseveração de que a alma de Camillo Castello Branco discrepou uma só vez sequer da linha traçada pelo pulso firme do padre Antonio José de Azevedo, cuja saudade ainda hoje punge o discipulo como piedosa manifestação de agradecimento; porque elle só tem, como compensação do seu atroz soffrimento, o regaço da incomparavel esposa onde recosta a cabeça atormentadissima, e a crença em—Deus—, que o santo sacerdote lhe enraizou na alma por vezes abonançada nas consolações da esperança.

Esses escriptos, ou antes essas phrases que arrastaram uns ao erro capital de supporem Camillo atheu, e que produziram duvidas em animos de outros, não são do meu prezado amigo; mas phenomenos resultantes de casos incluidos no livro de Ribot. (1)

Consente, meu querido Camillo, que assim affirme esta verdade, quem, durante entristecidas horas de noi-

---

(1) *Les maladies de la volonté.*

tes angustiosas, e de amarguradissimos dias tem velado junto d'esse teu immenso soffrer, e que póde, — sem ligeira vacillação de animo — asseverar a profunda convicção que lhe resultou de cuidadosas observações.

Restabelecida a verdade, como me cumpria, reverterei ao ponto de que um dever me desviou.

Vivia Camillo no mansissimo lar da irmã, junto do bondoso padre Antonio, quando um acaso o levou á romaria da Senhora Apparecida onde encontrou uma camponeza que lembrava Fornarina : — impressionista, como agora se diz.

Camillo nunca pensára antes em amar; viu a mocetona esbelta sorrir-lhe affavelmente, e sem perscrutar do grau nem da especie da enfermidade, que lhe assaltava o coração até alli virgem de taes molestias, acceitou descuidosamente o prodromo de futuros casos que deviam ulcerar-lhe a vida: — *Elmena* abriu o cofre d'onde posteriormente sahiram as brilhantes producções que opulentam a litteratura do paiz onde Camillo teve a infelicidade de nascer, e o descuido de viver.

Elle conta o caso assim: «Já eu tinha dado algumas voltas em roda da ermida, ao lado do rabequista que era o mais atrevido imaginador de phantasias *chulas*. *Chulas* chamam lá ao complexo do instrumental que fórma o essencial de taes festanças. Em outras partes da provincia dizem *ronda,* e *esturdia* n'outras.

«Parára a *ronda,* como visse que outra lhe sahia á frente, mais galharda, com maior sequito de moças, e

a sobr'excellencia d'um clarinete que guinchava umas deliciosas variações, algum tanto abafadas pelo retumbar do zabumba, e grilharia dos ferrinhos.

«A *ronda* a que eu ia associado não quiz ceder o passo á outra, que era de rópia e basofia. Esta, um pouco desconcertada, esteve-se momentos em conselho deliberativo; mandou as mulheres e rapazio para a retaguarda; recolheu os musicos ao centro, e cobriu a frente com quatro espadaúdos moços de pau ferrado. D'ahi a nada, as cabeças amolgadas eram mais que os paus; as rabecas iam soando pelos ares como harpas eolias; os bombos gemiam roucos ao arrebentarem; o homem do clarinete salvava-se no tôpo da serra com o inspirado instrumento, e a cantadeira, que sustentára desafio duas horas, amaldiçoava o estro fatal que a fez quinhoeira d'uma bordoada que a deslombou. Parecia o dia de juizo!

«Devo á minha presença d'espirito sahir illeso d'esta suprema provação. Estava ali perto uma pipa que os gladiadores respeitaram por não sei que prodigioso instincto. Os paus travados desensarilhavam-se, quando, ao roçarem pela pipa, o tarverneiro gritava aos cegos da ira: — *Rapazes! não me boteis a perder! Olhaide que me abrides o vinho!*

«Parecia coisa de milagre! Desandavam logo como de logar sagrado, e não respeitavam as opas dos irmãos da confraria, muitos dos quaes sahiram moídos da festa, por se metterem a pregoar pazes.

«Salvei-me, pois, encostado á pipa, onde me aco-

lhi... D'aqui presenciei o triste espectaculo de dezenas de homens esmoucados, e centenares de mulheres, velhos e creanças, ajoelhados por aquellas ladeiras, pedindo clamorosamente á Senhora Apparecida que tivesse mão d'aquelles homens que se matavam.

«Entrelembro-me de que estas supplicas aproveitaram, excepto a dois, que lá ficaram enterrados no adro da ermida... Aplacada a desordem, agradeci mentalmente á pipa aquelle como inviolavel protectorado de pavilhão inglez (vem de seu ao pintar todas as comparações com inglezes, quando cheiram a vinho) e fui procurar os destroços dos meus amigos.

«Um sacerdote de boa presença andava providenciando ácerca dos mortos e dos feridos. Com este padre, vigario da freguezia proxima, andavam duas sobrinhas, vestidas senhorilmente, com suas barretinas de palha da Italia, plumas escarlates, e vestidos brancos de mangas perdidas. Eram umas tafulas! No tocante a rosto, mais feiticeiras mulheres nunca meus olhos tinham visto, nem a minha devaneadora poesia as entrevira em sombra. Perguntou-me o padre quem era eu; e succedeu ser eu irmão de uma conhecida d'aquellas esbeltas senhoras.

«Festejaram-me com muitos cuidados pela minha segurança, e deram-me de merendar umas saborosas talhadas de salpicão, e fructa secca, tudo condimentado pelos sorrisos supra-celestiaes de uma das duas mocetonas, que a estas horas... santo — Deus — ! como isto é triste! — devem ter netos e raros vestigios

d'aquellas lustrosissimas perolas que lhes divinisavam o sorriso!

«Ao lusco-fusco, o vigario sahiu da romagem com as sobrinhas, e eu, com os meus conterraneos, caminhamos em direcção opposta para os nossos sitios. Estive largo espaço no têso d'um oiteiro em quanto os olhos alcançavam por entre o já carregado crepusculo as brancas visões que transmontavam a collina proxima. Depois que de todo em todo desciam na quebrada invisivel do oiteiro, ainda ali me fiquei vendo-as no arrebol do horisonte, e na estrella Vesper. Depois, tornado em mim pelas vozes dos meus companheiros, que já me não enxergavam, dei tento então de estar chorando. Eram as primeiras lagrimas do coração.» (1)

Foi então que, como Dante, reflectiu:

. . . .
« . . . mi son un che, quando
«Amore spira, noto: ed in quel modo
«Che detta dentro vo significando
. . . .

Assim como nos cyclos homericos os vates procuravam na mythologia os dados para as suas ficções, tambem os modernos poetas, um pouco mais terrenos talvez, os procuravam no amor: visualidades, pelos modos, indispensaveis ao verso. E assim foi que, de-

(1) Camillo Castello Branco: *Ao anoitecer da vida*. Prefacio, pag. IX a XII.

vendo sahir tolice d'onde entrou amor, como é quasi da praxe, d'aquella feita apenas explodiu uma ode! O auctor deu-a á estampa trinta e tres annos depois (1), frechando-a com facecias que são para vêr, e que deviam ser poupadas á primogenita de uma geração fidalga, como não ha outra em Portugal.

O poeta, depois de ter subido a escabrosa montanha da vida até ao dorso da serra, descortinando a amargura da aurora e as amarguras do occaso, sorriu-se da passada tristeza para chorar pelas futuras: compensações que o destino concede para retemperar animos que assim ficam robustecidos para novos martyrios. Requintes de crueldade do destino.

Mas ... quantos poemas não teria Camillo feito antes d'aquella ode? Dante endereçou um soneto a Beatriz, quando tinha nove annos; Lope de Vega versejou aos doze annos, e quando tinha vinte, já Victor Hugo havia escripto HAN D'ISLANDE. Fénelon, aos quinze annos, commovia os auditorios perante os quaes discursava, assim como Weber, aos quatorze, fazia representar a sua opera DAS WALDMÄDCHEN, e provavel é que o meu prezado amigo, como aquelles e ainda outros homens geniaes, tambem principiasse mais cedo do que suppõe no caminho da perigosa peregrinação do genio, que raras vezes deixa de prostrar o peregrino no pedragoso matagal da vida.

(1) Camillo Castello Branco: *Ao anoitecer da vida*. Prefacio, pag. XIII a XV.

Aquella ode é o primeiro trabalho litterario escripto do primeiro escriptor portuguez.

Camillo mudou pouco tempo depois para outras serras, onde vivia um excellente ecclesiastico, o padre Manoel da Lixa, que devia ensinar-lhe latim. A breve trecho disse aos condiscipulos os versos, que subiram até aos ouvidos do professor.

O bondoso padre Manoel apiedou-se do poeta, e creio que o mandou lêr a primeira satyra de Garção:

> «Coridon, Coridon, que negro fado,
> «Que frencsi te obriga a ser Poeta
> . . . .
> «Não sabes que das musas portuguezas
> «Foi sempre um hospital o capitolio?

Baldado aviso foi o movido pelo empenho louvavel! É que versos puxam versos, e como dizia Gil Vicente em caso parecido:

> «Habémoslo menester
> «Como el pan que nos mantiene»

e d'esta arte o estudante de latim veio poetando até ao soneto

A MAIOR DÔR HUMANA:

> Que immensas agonias se formaram
> Sob os olhos de — Deus — ! Sinistra hora
> Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
> Que amargas condiçoens o escravisaram!

> As mãos que um filho amado amortalharam,
> Erguidas buscam — Deus —. A Fé implora.
> E o Céo que respondeu? As mãos baixaram
> Para abraçar a filha morta agora.
>
> Depois um pai que em trevas vai sonhando,
> E apalpa as sombras d'elles onde os viu
> Nascer, florir, morrer!
> Desastre infando!
>
> Ao teu abysmo, pai, não vão confortos.
> És coração que a dôr impedreniu,
> Sepulchro vivo de dois filhos mortos. (1)

Querendo classificar esta poesia de Camillo, disse o insuspeito e primoroso poeta sr. Guerra Junqueiro: «O soneto que elle dedicou a Theophilo Braga, na occasião em que morreram os dois filhos d'este poeta, é uma verdadeira obra-prima! Na poesia portugueza devem ficar tres sonetos: o de Camões:

> «Alma minha gentil que te partiste»

o de João de Deus:

> «Foi-se-me pouco a pouco amortecendo»

e o soneto de Camillo Castello Branco.» (2)

---

(1) *Obolo ás creanças*, pag. 100, 101.
(2) *Novidades*, n.º 1230 — 20 de abril de 1888.

Aquelle que devia escrever o complemento da trilogia na poetica portugueza, pateado pelo professor, que lhe desejava melhor sorte bem merecida, e pelos condiscipulos, que não sabiam para que fosse bom fazer versos a *Elmenas* ou a *Natercias,* montava clandestinamente no Pegaso, cravava-lhe rijamente as esporas nos ilhaes e lá ia por entre fragas umas vezes, outras vezes sob abobadas floridas entreter-se escondidamente com Apollo, que lhe retribuia affectos, dando-lhe cantares que o poeta votava á saudade da *branca visão,* e das serranias que trocára por aquellas para onde fôra aprender Virgilio.

Entretanto foi precisa uma endeixa que devia realçar a lousa de uma sepultura no cemiterio de Nossa Senhora do Carmo em Villa Real, e Camillo foi sollicitado para escrevel-a. É o segundo producto litterario do meu prezado amigo (1).

Bastou para afamar de vate consummado o novel poeta, que prestes foi convidado para decidir com a penna, como se fôra a espada de Brennus, uma pendencia em que estavam periclitantes uns brios fidalgos ameaçados ridiculamente pelo proposito de um disparatado consorcio.

Camillo, que não era precisamente o celebrado chefe gaulez, se não pensou resolver o conflicto como

(1) Inedito, que publiquei no livro *Horas de lucta,* pag. 23.

Brennus, repetindo o formidavel *Væ victis,* suppoz-se o outro Camillo reivindicador das liberdades romanas sequestradas bruscamente pelo dono da referida espada, e acceitou a incumbencia commettida pelos apaniguados do rico-homem, cujo irmão tencionava queimar nas fogueiras d'um consorcio plebeu os pergaminhos de bons e alevantados fóros!

Não sei se o poeta, porque a tanto não vão os meus apontamentos, aferindo a côr do sangue pela baixeza da tendencia manifestada pelo irmão do morgado, lhe repetiu Boileau:

> «Et comment? Savez vous si quelque audacieux
> N'a point interrompu le cours de vos aïeux?»

sei que diz assim: «Deu-me soberbas uma incumbencia d'este genero!... Escrevi uma folha de almaço em quadras, que os interessados na publicidade affixaram na porta da egreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticario, que seguia as partes do morgado, lia a satyra á populaça, que ria ás escancaras. E eu do lado a rever-me na obra, e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio!

«Por um cabello que não fui então martyr do genio! A victima crucificada na porta da egreja não era das que dizem: SENHOR, *perdoai ao poeta, que não sabe as asneiras que diz!* Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento e deixar não só o fidalgo, que tam-

bem o boticario em paz. Poeta era eu só n'aquelle quadrado de dez leguas: avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberára, abafaria aquelle respiraculo da detracção inimiga.

«O padre — accrescenta Camillo — avisou-me, horas antes, da espera e da sepultura.» (1)

O terror panico devia impressional-o até repetir com Tolentino:

«Vi revoltosos carreiros
Com duro aguilhão armados;
Vi nuvens de páos alçados
Pelos cumes dos outeiros.

. . . .

«Vi os campos inundados
De gentes vagas e incertas;
Vi as estradas cobertas
De cacheiras e cajados.

. . . .»

porque ajunta com inimitavel e raro desprendimento de glorias bellicas: «Fugi com o *Magnum Lexicon* debaixo do braço, e com os ossos direitos que me aquella terra queria comer.»

Aquelles versos, que poderiamos numerar como terceiro producto litterario de Camillo Castello Branco, foram rancorosamente trincados pelo desesperado noi-

(1) Camillo Castello Branco: *Ao anoitecer da vida.* Prefacio, pag. xx.

vo, que não pôde haver entre os dentes os figados do auctor! Houve quem bisbilhoteiramente insinuou, que a noiva diluira as quadras no pingue em que nadaram seis nedios leitões servidos no valente jantar da boda, para relembrar Cleopatra; mas esta estroina rainha não misturava perolas com porcos!

É esta a melodramatica e até pouco limpa historia da que devia ser terceira lucubração litteraria, que excluo do numero pela morte ignominiosa que padeceu. Nunca se pôde obter um traslado das celebres quadras, porque o original ficou, se a bisbilhotice não mente, amalgamado nas horrendas gentes, que o misturaram aos cerdos nas tortuosas profundidades abdominaes onde os porcos entram por gosto e pela raiva os versos!

Brutal mistura com que fizeram . . .,

«Oh que não sei de nojo como o conte!»

d'uma poesia de Camillo, uma porcaria!

O poeta, escusado seria dizel-o, adivinhando a phrase de Scipião, que deixa transparecer no texto já reproduzido, montou a cavallo, e abandonou os barbaros que desossavam os leitões, e queriam desossar as musas! Procedeu historicamente, e correctamente mostrando, com summo desdem, que:

«Nos quoque gens sumus, et quoque cavalgare sabemus.»

. Volveu para casa da irmã onde foi assaltado por nova atribulação de amor, que o respectivo deus lhe preparou como sedante para calmar irritabilidades temerosas. Camillo ia pascer os rebanhos do casal, para encontrar-se com Maria do Adro, e, recordando-se do seu Virgilio, realisava-o quanto podia:

«Tityre, tu patulæ recubans sub tegmine fagi
Silvestrem tenui musam meditaris avena»

mas a irmã não dispunha da paciencia precisa para atural-o, e tres mezes depois intimou-lhe mandado de despejo!

N'aquella época, a legislação civil não era tão peremptoria como o artigo 1632.º do Codigo vigente a estipulou; mas o repellido rejeitou chicanas, e resolveu ir a Lisboa novamente com o proposito de saber para o que póde e deve servir seriamente um conselho de familia.

Não cabia no animo dos membros do conselho, porém, o esforço preciso para lhe satisfazer a curiosidade; mas Camillo foi, e como já sabia latim preferiu fazer as suas despedidas n'este idioma, exceptuando á boa rapariga que lhe substituira no coração a já indicada *branca visão* de que o leitor se recorda assim como eu.

Talvez haja quem tente malsinar-lhe a presteza da variabilidade de affectos, aliás justificada por Maudsley e outros doutores de não menos subido quilate; mas é infundado o reparo.

Sujeitando-se ás leis psychicas reguladoras da consciencia, cujo unico nervo a raros permitte simultaneas impressões, cedeu voluntariamente ao predominio d'aquellas leis e, consequentemente, só amou a Maria depois de amar Elmena. Ao mesmo tempo? Concomitantemente? Isso é que não!

Sacrificio foi este que deve ser-lhe tomado em levantada conta; porque, seguindo o processo da abstracção, ou ainda o da variação da personalidade moral, poderia amar vinte ou trinta raparigas em cada mez, que para tantas e outras tantas ou mais havia fluente verbo affectivo, riqueza de imagens suggestivas e animo para se incluir na primeira fila da cantada ala dos namorados de sempiterna memoria.

Ha poucos mezes passou o meu amigo uma horrorosa noite no meu quarto de dormir, convulsionado por nevralgias esquecidas no *Inferno* do Dante, e na madrugada seguinte recitava-me uma longa serie de quadras, entre as quaes se lê a seguinte:

> «E nenhuma se esquivava
> A me ouvir lérias de amores;
> Que eu a todas namorava
> E a todas pedia flores.
>
> «Flores só; beijos nem um (1)
> . . . . »

(1) Camillo Castello Branco: *Nostalgias*, pag. 31, 32.

mas isto não permitte que o leitor venha com taes versos lançar-me pecha de biographo menos sincero.

Este caso é posterior, muito posterior áquella época de que me occupo: a chronologia, como sentenciosamente disse um mestre de historiadores, é elemento indispensavel e ponderoso na critica da historia dos povos, e eu accrescento, na dos homens tambem.

Foi só depois da ante-percepção dos esmerados trabalhos de Bourru e de Burot, que o poeta resolveu *andar ao som d'agua*. Depois da época a que me reporto, é que elle poderia cantar, como o seu antecessor:

«No tempo que de amor viver sohia
Em varias flammas variamente ardia.»

Fique isto assim assente, com a precisão que requer circumstancia de tamanho vulto, e repitam-a os evos aos evos para que os Lumbrozos por vir, e futuros esmerilhadores de vidas alheias não andem em pancas á cata da verdade. Urge não esquecer os desaguisados occorridos á conta da Catharina que o nosso Camões cantou. Até a *desdobraram,* como agora é de uso fazer aos candidatos a deputados!

Mas eu creio que estou muito distanciado do rumo! De Camillo vim até fallar em deputados, quando nada ha mais disparatado! Seja isto dito em homenagem ao desdem que oppoz sempre á offerta do diploma com que varias vezes procuraram arregimental-o nos diver-

sos partidos, que teem trazido a patria até ao cumulo de progresso material e moral em que ella se exhibe a estranhos e justificados espantos!

Vou pois reverter ao ponto d'onde me desviei. Camillo conta assim do caso: «... Feriram todos o meu orgulho, e eu deliberei sahir sem despedir-me, excepto de Maria, que recebeu o meu adeus n'um spasmo, que, a não serem as lagrimas, tomar-se-hia por insensibilidade estupida. Demorei-me, algumas leguas distante, em casa de um parente, poucos dias. De lá fui para Lisboa, onde nunca recebi novas da aldeia. O meu conselho de familia, passados sete mezes dos ociosos quinze annos com loucuras dos trinta (1), intimou-me a sahida de Lisboa, pena de considerarem o meu estomago uma viscera inutil. Vim para o Porto estudar os preparatorios da Universidade; e, como o tempo me sobejasse, estudei anatomia.» (2)

N'esta occasião de preparatorios com que se destinava a Coimbra, levantou-se entre dois condiscipulos de Camillo uma contenda que promettia rijo e serio resultado. Imagine-se: era nada mais nada menos do que um duello!

Camillo, que depois andou por ahi açodado á procura d'elles, quiz vibrar um golpe bem merecido e cer-

---

(1) Que precoce maturação! Serve a demonstração para pôr bem em evidencia o processo austeramente critico de Camillo Castello Branco. Não se perdôa!

(2) Camillo Castello Branco: *Duas horas de leitura*, pag. 50.

teiro no insensato processo de aprimorar brios, e rompe do lado:

> «Eu canto dois heroes, cujas façanhas
> Virgilio não cantou, nem inda Homero
> . . . . »

publicando OS PUNDONORES DESAGGRAVADOS: terceira lucubração litteraria de Camillo Castello Branco.

No prefacio dos livros AO ANOITECER DA VIDA e NOTICIA DA VIDA E OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO acertadamente se attribue este poemeto ao auctor; mas dão-se-lhe protagonistas diversos d'aquelles que motivaram a gargalhada. Os genuinos heroes ainda vivem: um d'elles talvez desviado das alegrias do mundo; o outro, ao parecer acerrimo freguez do chocolate de Mathias Lopez, e mais premiado do que aquelle no *loto* da vida, vai esbrugando alegremente os annos, e, rindo das homœopathias, das allopathias, das hydrotherapias e das aerotherapias, pretende morrer muito socegadamente, como era de uso nos felizes tempos do proto-medicato. Que bons tempos aquelles! Nem havia nevropathias, nem a interminavel serie de *piastias,* que ora ha com o respectivo sequito das cafeínas, e trampolinas modernamente inventadas: havia, decidamente, muito menos molestias, e muito menos medicina. Que felizes tempos!

Nota II

No anno lectivo, em que de mãos dadas andavam em tropel as rimas com as lições das aulas de chimica, ahi pela volta de 1844, e porque não foi julgada assaz emolliente a cataplasma applicada nas erupções duellistas, que legitimaram Os Pundonores desaggravados, combinou Camillo com um condiscipulo o plano que devia amollecer por uma boa vez as irritabilidades dos animos assanhados, mergulhando-os em supino ridiculo: os dois reptaram-se! *Similia...*

Ninguem morreu; estiveram todos por um triz a finar-se como a Maria Rita! Foi um dia de juizo!

Como encontro o caso chistosamente relatado, reproduzo resumidamente a risonha noticia: «Eram os luctadores Camillo Castello Branco e Barros... Oito dias depois o largo da Torre da Marca era recinto estreito para a immensa mó de povo... Ah! Oh! Uh!

— bramiu a plebe de todas as classes alli devidamente representadas, apenas surdiu ao longe o morrião dos valentes...

«A risada descomposta da multidão provocára-a o extremo zelo dos dois inimigos no luxo das suas armaduras...

«A parte mais saliente nos dois era a casaca. Ampla golla de corrimão; as lapellas, quebradas por um vinco sexagenario, pendentes sobre o arção da sella como as orelhas do onagro, que protestava com um zurro de constipação nervosa contra o exterminio da nobre raça dos Caligulas n'uma época em que tanto cavallo se julga digno de ser consul; botões de bonito verde-gaio onde o amarello primitivo não tinha ainda recuperado os seus direitos, e aquella aba real, aba pleonasmo, aba escandalo do peralta portuense em 1828. Assim vinham estes dois meninos bifurcados em dois jumentos inalteraveis ao estimulo da espora, carregados de pistolas, punhaes, bacamartes, trabucos, béstas, terçados, pelouros, partazanas e chuços (1), quando o povo desatou a rir estrondosamente...

«Successo estranho! No momento solemne da solemnissima desforra, os dois heroes foram brutalmente aferrados pelas unhas selvagens do centurião do sr. Mendanha, e intimados para comparecerem im-

(1) Esqueceu artilheria.

mediatamente no pretorio da auctoridade. Ignominias d'esta nação. Cesar e Alexandre Magno, algemados pelo administrador do seu bairro! Os gladiadores pedem que lhes seja ao menos permittido voltar nos seus ginetes, cumplices no crime, á presença da Excellencia. Sendo assim impossivel a fuga, adheriu ao pedido o sisudo regedor, aliás austero na transcendencia dos seus mandatos.

«Camillo diz: Ainda pedia mais, sr. regedor...

«Ouvirei, responde o homem com a gravidade de Salomão á espera dos quesitos da rainha do Sabá.

«Para luzimento da nossa prosapia, continuou o duellista, erguendo a mão esquerda com as redeas sobre o coração, e guindando os calcanhares até ás orelhas da besta,—e para respeitabilidade de nossas jerarchias, seria bom que, pelo menos, ao sahir do campo da honra, partissemos *a catrapós*...

«Não podem. Eu tambem vou a passo, e levo as mãos no ar...

«Caminharam. Ia na frente o sr. Barros, terrivel como o destruidor do templo de Dagon!... Chegaram a Santa Helena.

«O *governador* bufava de raiva lá dentro... Toda a sua furia era ver a alegria de umas visinhas que elle abominava, e que se estavam já apparelhando para no soalheiro de outras visinhas regalarem de gargalhadas a historia picaresca, e chacotearem á larga a estreiteza dos aditos do seu predio.

«O homem espirra, e no auge do exaspero delibera

fallar. Bufa outra vez, e exclama: *Antão purque num suvem?*

«Camillo responde: *Porque num.*

«Torna o homem: *Suvem, suvem*...

«Redargue o poeta, fazendo-se Alexandre: *Aestuat infelix augusto in limite mundi!*

«O lorpa atordoado por uma gargalhada pausada e sonora das bisbilhoteiras malcriadas atira lá de cima com uma protervia, e galga de um pulo a escada, que custava mais a descer devagar que depressa... Tomado o folego: —*Que diabo é isto, sôs demonios?*

«Camillo Castello Branco tira o elmo da fronte incendiada, roça os paquifes por sobre o escudo, descança a mão no punho da catana, e diz pouco mais ou menos assim: «Senhor administrador, que eu muito respeito e venero no auge da sua illustre prosapia!!! Nas vossas mãos tendes, senhor, as armas de um valente (dá um pulo, e retine todo o apparelho do arsenal que lhe pesava nas costas). Aqui tens D. Quichote na audacia, e (apontando para o sr. Barros) o Sancho amigo; (Barros ia fallar) — Call-te, call-te, que não pódes, escudeiro, dizer palavra!»

«O *governador* alonga os beiços, e abaixa a cabeça fazendo menção de approvar a replica. Camillo acode com o applauso: «Reconheço n'esses couros o fidalgo da velha estirpe. Sois bello, *governador,* como o não seria a Venus vestida de macho; em fralda não haverá Suzana que te emparelhe; com as mãos no chão, a besta do sagrado livro será menos linda que tu!»

«O general dos cabos carregou o sobr'olho, e desconfiou da hyperbole, que principiava a afinar-lhe a paciencia... As gargalhadas baralharam-se no ar estridentes e descompostas.

«Dominou o tumulto um rincho da besta que sobrevivera ás cruezas da plebe furiosa. Camillo, retomando a palavra, diz: «Dobra-te áquelle gemido, alma feroz; abram-se as fontes da tua misericordia sobre a angustia d'aquella victima innocente, que está alli morrendo de fome e sêde, por alma de Julio Cesar, e sem um Virgilio que lhe pague em eclogas o sacrificio que n'outras mereceu elogio:

> «Non ulli pastos illis egere diebus
> Frigida, Daphni, boves ad flumina; nulla neque amnem
> Libavit quadrupes, nec graminis attigit herbam.»

«Brada a canalha: Apoiado, apoiado! Lá o diz a missa. É latim, é latim. E os berros echoaram pavorosos e medonhos... O sr. Mendanha aproveita o tumulto para dizer baixinho ao ouvido dos athletas: «Eu deixo-vos ir embora, mas vocês arrumem com duas gordas áquellas regateiras.»

«Camillo, sem mexer o corpo, volve a cabeça para o sr. Barros e diz: «Sancho, a ti cumpre!... *Governador,* fallae!»

«O pobre-diabo pedia que o deixassem rir á tripa forra... Com receio de estourar, fugiu para o pateo, atirou comsigo a espojar-se, e anciou um quarto d'hora

para dizer ao cabo d'ordens: «Manda embora esses pulhas...» (1)

E lá foram aos penates os dois heroes vergando ao peso da gloria conquistada *na lucta* em que tencionavam estrangular o dislate de confiar á destreza, quando não ao acaso, o que só deve ser confiado ao mais apurado criterio (2); mas assim é que ia correndo o anno lectivo até que irrompeu outro poema! — O JUIZO FINAL E O SONHO DO INFERNO, reproduzido a paginas 15 d'este volume.

Affirma o auctor, «que o escreveu para d'uma assentada dizer mal de todas as classes sociaes com que antipathisa»; mas a verdade é que só embirra com a dos patifes, apezar de ser numerosa e por isto mesmo temerosa.

Subsequentemente escreveu outro poema de maior tomo intitulado O MISERAVEL. O anno era prolifico em versos, e tambem o devia ser em RR.

Um jornal, porém, cahiu a fundo sobre o poema que promettia fallar dos assignantes que lhe engordavam a quarta pagina, e o auctor destruiu a sua obra com o mythologico appetite de Saturno! Não mais se viu!

Respectivamente a chimica não sei bem se ao

---

(1) J. C. Vieira de Castro: *Camillo Castello Branco* (Noticia de sua vida e obras).

(2) Cumpre advertir que, annos depois, Camillo se bateu em duello.

tempo discriminava correctamente o que era um solido do que fosse um liquido; mas nem por isto se lhe velou o animo para requerer prova de como é possivel saber sem aprender.

O condiscipulo Amorim apiedou-se do afoito moço; chamou-o na vespera do exame para lhe dar uma breve prelecção, e no dia seguinte Camillo assombrava os seus professores e os seus condiscipulos! É obvio: —se estudasse, reprovava os lentes.

Em anatomia, que tambem cursou, apenas o distinguiram com um R, cumprindo advertir que de bom grado acceitaria mais dois se o deixassem ir antes avigorar o coração na estancia onde Maria do Adro andava na faina da lavoura, ou a confiar ás avesinhas, entendidas e discretas confidentes, as tristezas da sua mallograda paixão.

Com pouca roupa, e um R de sobre-carga, lá foi caminho de Traz-os-Montes, deixando a meio espaço o cavallo estirado, com os peitos abertos, e ainda outras decisivas consequencias de um sôfrego e alheio amor.

Substituia a victima, e proseguindo derrota encontrou quem pôde dar-lhe noticia da que então lhe era enlevo. Soube que a Maria do Adro morreu!

«O que eu senti primeiro foi uma como cegueira momentanea. Fugiu-me a redea da mão, e apertei instinctivamente os joelhos ao sellim. Depois, saltaram-me dos olhos repentinamente as lagrimas, e ouvi, e senti no coração alguma coisa similhante a um estalo.

«Vi que as duas mulheres me contemplavam consternadas, e uma d'ellas disse á outra: «*Eu não te disse que elle era muito amigo d'ella?*»

O leitor comprehende o dizer do poeta que reproduzo, e doe-se d'aquella dôr que atribulou Camillo no começo do tirocinio de uma nova especie de amarguras, e que resumia dilacerações que atiraram á terra do — adro — com a Maria que se finára; mas ha-de haver quem não o comprehenda, e até quem solertemente supponha, que o estalo sentido e ouvido resultou do som e percussão produzidos por qualquer suspensorio que arrebentou. Ha-de haver, ha-de, leitor; porque ha muita gente que nasce feliz, e que vive contente com o coração suspenso como as calças!

«Queria ver-lhe a campa, queria que me contassem a agonia d'ella. Meu cunhado havia de sabel-a... Fui... Ao anoitecer sahi. Fui ao adro do presbyterio deserto, espreitei pelo oculo lateral da porta, vi a luz baça da lampada estirando-se nas sepulturas, imaginei á de Maria, e orei ainda. Depois, fui longe, muito longe, por devezas e charnecas, palpando a imagem d'ella nas sombras, sentando-me onde a primeira e a ultima vez lhe fallára. No dia seguinte, disse-me meu cunhado: *Sabe alguma coisa de anatomia?* — Eu fiz um exame. — *Atreve-se a ajudar-me a preparar um esqueleto?* — Poderei ajudal-o. — *Então guarde segredo, porque é preciso que meu mano padre o não saiba.*

. . . .

«Lembra-me que fuzilavam os relampagos d'uma

trovoada de agosto, quando entramos na egreja pela porta da sacristia... Ajoelhei machinalmente, e senti os sustos d'um sacrilego. Meu cunhado deu-me animo com riso desdenhoso. Abalamos a pedra tumular com o ferro do monte. Sustentamol-a no pendor com o peito. Revezamo-nos a cavar, até encontrarmos as taboas lateraes do esquife. Não consenti d'ahi em diante o uso da enxada. Tirei a terra ás mãos cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as fórmas de um corpo molle. Eu tinha a cabeça em lume: as pulsações do coração eram tão fortes que me agoniavam... Meu cunhado, vendo-me descórar, offereceu-me um vidro d'espirito, que eu não acceitei. Prosegui na exhumação, até encontrar as pontas do lenço que cobriam a face do cadaver. Segurei as quatro pontas nas mãos tremulas; tirei devagar o panno, e vi — Maria!»

Só quem viveu da vida de outrem póde conjecturar o que foi aquelle encarar com a morte!

«Permaneci quieto não sei que tempo, com os joelhos enterrados, a face pendida sobre a face morta... Ha dôres com que o homem não póde, e — Deus — quando as dá assim, permitte a lethargia, a morte passageira, a paralysia dos orgãos conductores de impressão. Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de medico, e affectou um ar de estranheza que eu antes quizera que não fosse fingida. O resto do trabalho fel-o elle. Eu sentei-me na cadeira parochial, procurando as minhas idéas que me fu-

giam em turbilhões... O cadaver fôra lançado n'um cesto. Esperamos que anoitecesse, e eu tomei uma aza do cesto, ajudando a transportal-o para uma mina sêcca na margem do rio... Meu cunhado foi chamar-me de madrugada á cama, e achou-me passeando no meu quarto.

«*Já a pé?!* — disse elle, admirado. — Ainda me não deitei. — *Como?!* — E abriu uma janella para aclarar o quarto. Observou-me, tomou-me o pulso, e mandou-me recolher á cama. Quiz resistir á ordem; mas eu mesmo senti a necessidade de cumpril-a. Não sei que tempo estive doente. Quando me ergui perguntei que remedios me tinham dado, e soube que estivera oito dias com pannos ensopados em vinagre na cabeça. Recordo-me vagamente de ouvir dizer uma vez o padre-mestre a outros: — Diz minha cunhada que muitas pessoas d'esta familia endoudeceram.» (1)

Camillo, sollicitado pelo amor da infeliz, deve ter transposto o liminar da vida infinita, e do outro viver na eternidade trouxe-nos elle as mil melodias e doloridas phrases, que afeiçoam os seus livros como paginas de corações que viveram soffrendo; porque devassou os segredos que só podem ser perscrutados além da campa, onde as paixões se desprendem de mundanalidades e se deixam sondar amplamente.

---

(1) Camillo Castello Branco: *Duas horas de leitura*, pag. 52 a 55.

As minhas notas dão-me o meu prezado amigo ainda uma outra vez salteado por identica manifestação, corroborando assim vigorosamente uma opinião já aqui formulada.

Viveu desde maio até agosto de 1845 na quasi absoluta inconsciencia da vida externa, recordando-se apenas de tomar leite, que o cunhado lhe impunha como unica refeição.

Estas condições peculiares ao hysterismo são a linha culminante de toda a alma de Camillo, avida de tormentos com que se mortifica a cada momento, e com os quaes vive quasi tão intensamente quão outros com elles morrem!

Tristissimo privilegio o da tua boa alma, meu querido amigo! Soffre, com a tua amantissima esposa, o teu viver incomportavel, esgotando vagarosamente, como é do condão das almas superiormente temperadas, esse calix de amarguras que precede a gloria!

Nota III

É singella, mas eloquentissima, a essencia d'esta Nota, que se refere ao *Communicado* reproduzido a paginas 65: singella porque se expõe em limitado numero de palavras; mas eloquentissima porque demonstra a correcta indole e o animo liberal do auctor do escripto que a motiva.

Convém informar o leitor de que a evolução politica occorrida em Portugal, quando o velho regimen foi substituido pelo regimen constitucional, arrastou na sua impetuosa corrente de reformas, avultadissimos interesses da casa paterna de Camillo, que, suggestionado por um tio — é certo —, acaudilhou defensores de principios destoantes no côro de liberdades que uma sociedade sequiosa de alforrias queria implantar no paiz, para deixal-as de verdes passarem a pôdres como ora estão; mas a breve trecho abandonou a bandeira tradicional, pondo a palavra, escriptos, e braços ao ser-

viço da causa que se lhe apresentava como satisfação do justo, porque importa a emancipação da consciencia humana.

Ainda ha poucos dias um condiscipulo de Camillo, perguntando-me pelo antigo *cabula,* contou, rindo, de quando o viu entrar em casa com chapeu alto, *frack,* e *durindana* á cinta.

Pois foi por esta época, no momento em que uma nova guerra civil infestava a patria, digna de melhor sorte do que é aquella que a despremiou na loteria das nações, que Camillo correu sério risco de ser victima do celeberrimo caceteiro conhecido pela acunha do *Olho de boi.* O leitor lembra-se do *Olho de boi?* e do *João da Carta?*

Que a terra lhes seja leve, pelo mal que já não fazem; mas que este piedoso desejo não afoite os biltres da actualidade a proseguirem nas suas obras.

Assim como umas correspondencias de Camillo publicadas no *Nacional* motivaram a aggressão, assim esta motivou o *Communicado,* que manifesta a indole arrojada, animo indomito, e a intuitiva noção do bem, com sacrificio simultaneo dos preconceitos de raça, e da obcecação pelos interesses.

E é por isto que o *Communicado,* de que o auctor se não envaidece, deve ser de preço para o leitor que preza Camillo Castello Branco no fastigio da sua gloria litteraria como na integridade moral do seu caracter apaixonado por todas as expansões que nobilitam o homem.

Nota IV

Muito de feição vem no encalço da Nota precedente a presente Nota; porque repete prova do incontestavel altruismo que se expande, como lidima expressão de generosidade de animo, da lucilante intelligencia de Camillo nas suas precoces manifestações de historiador.

No anno de 1847, ahi pelos vinte de idade, escreve Camillo Castello Branco nas columnas do *Nacional* uma serie de artigos, que fundibularam asperrimamente um afamado vulto politico, ha poucos mezes caído nas eternas sombras da morte na Foz do Douro.

E para arcar com o colosso, o novel escriptor põe a nú, com despretenciosa maneira, muitas das nossas miserias nacionaes, cobrindo-as, todavia, com premiavel amor patrio, e levanta bem a prumo a notabilidade do marquez de Pombal para lhe assentar em plena me-

moria com adjectivações novas, que posteriormente, em 1882 (1), aggrava com a phrase lancinante e notabilissima erudição que lhe deram os merecidos foros do mais distincto e do mais culto luctador que as letras patrias contam na sua legião outr'ora notavel.

Camillo realisa as delicadissimas funcções de critico historico até disputar primazia com os Mommssens, Grotius e Gervinus, a par e passo que ensina a lingua nacional com os primores dos Sousas, Bernardes, Britos e Ceitas, deixando no pó que já envolvem os livros d'estes selectos escriptores o estylo d'elles que avellou.

Carissimamente pagas, meu querido Camillo, o estupendo e desusado luxo de illuminares o vasto campo da litteratura portugueza como o illuminaste com o teu verbo potente, e a tua assombrosa lição!

É certo que o leitor vê o pulso do escriptor ainda rapaz fremir por vezes nas sessenta paginas que reproduzem o escripto de ha quasi meio seculo; mas vacillará para decidir se deve julgar fremito movido pelo despeito de vêr acabrunhada a patria, se por escassez de elementos que depois se accumularam assombrosamente no eminente escriptor.

Houve, sem duvida, essas duas emoções na consciencia do publicista de ha quasi meio seculo; porque o sentimos irado contra estranhos espoliadores, e ain-

---

(1) Camillo Castello Branco: *Perfil do Marquez de Pombal.*

da pezaroso pelos erros nacionaes, assim como o vemos divagar por vezes n'umas quasi duvidas do ponto onde deve firmar o processo critico que o encaminha na historia do seu paiz; mas o que tambem houve, e o que simultaneamente e indubitavelmente está demonstrado, foi a revelação do talento que 50 annos depois devia crear o esplendor que hoje circuita o nome de Camillo Castello Branco.

E só assim é que em 1847 podia affirmar-se como se affirmou o articulista do *Nacional,* rapaz de acanhada musculatura; mas já temeroso e por isto mais d'uma vez indicado á brutal ferocidade dos assalariados facinoras, que rachavam um homem ao dobrar d'uma esquina, com o mesmo desplante e serenidade que o rapazio usa quando escacha uma pequena melancia de vintem no tempo da fructa barata. — Bom tempo!

Então, e tambem muito antes, estalava-se ahi uma bofetada colossal porque o dono da cara se esquecera de apertar um botão do collete; hoje, porém, — oh! doçura de costumes! — ha quem infame immerecidamente outrem, que no dia seguinte aperta fervorosamente a mão esbofeteadora, e se o infamado reage espremendo entre uma lage e a sola da bota o calumniador, chamam-lhe impertinente! Trocam-se injurias com a mesma abundancia com que se distribuem cartões de visita em épocas de festas, e após cambiam-se amabilidades, *que sanam os aggravos;* mas se o injuriado não é da GRANDE SEITA, apodam-lhe como arrevezado o legitimo desforço!

Oh! nunca se foi mais... *christão*. Oh! doçura de costumes! oh! nojo!

Finalmente: o leitor dos PRINCIPIOS PARA UMA CONSEQUENCIA deve lêr o PERFIL DO MARQUEZ DE POMBAL, como necessario complemento do escorço biographico do estadista portuguez, que realisou a sua missão evolutiva por fórma que nem sempre auctorisa o dispendio de louvores na maioria dos casos atirados inconscientemente á memoria d'um homem, que muitas vezes synthetisou na sua individualidade politica muita vaidade servida pelo mais descaroavel despotismo: terrivel conjuncção que invariavelmente produz horrorosos resultados!

O marquez de Pombal poz ao serviço de boas causas uma energia rara, mas cumpre indagar dos motivos que o impelliram para saber se devemos offerecer-lhe incondicionalmente a nossa gratidão, ou se devemos depol-a algumas vezes deante das causas que o determinaram a debellar estorvos com inclassificavel dureza e repellente crueldade.

Assim se orientou Schlosser, quando escreveu do marquez de Pombal, porque assim é a Historia; o contrario é cantiga, que se repudia quando se lêem livros como o primoroso a que me refiro, em que o erudito escriptor expõe valioso peculio de factos provados para concluir mais asperamente do que deixava perceber nos PRINCIPIOS PARA UMA CONSEQUENCIA.

Nota V

O desastre que motivou as cinco doloridas paginas que o leitor vem de lêr, e que occorreu no Ponto da Gorça, cêrca das Caldas de Arêgos, e por mal governado o barco do arraes Guedes, cujo filho vinha á espadela, não assumiu as proporções indicadas, e que no momento se julgavam exactas, porque foi menor o numero das victimas.

Entre as pessoas salvas contaram-se as ex.mas filhas do extincto desembargador Osorio; um tanoeiro que perdeu a esposa na desgraça que o deixou viuvo; uma torturada mãe que arrebatou das ultimas agonias duas filhinhas estremecidas, e ainda outros naufragos arremessados de encontro á morte pela incuria contra a qual, Camillo, então no seu noviciado de escriptor publico, ergue em breves palavras clamoroso protesto de indignação, que é como que um grito de immensa dôr, no qual se condensam todos os desesperos das almas estarrecidas pela formidavel hecatombe.

Nota VI

A Nota que ata esse punhado de goivos piedosamente deixados por mão amiga sobre a campa d'um amigo, dispensaria esta outra Nota, se não conviesse arredar um pouco mais, mas só até onde o permittem considerações devidas ao infortunio, o denso crepe que vela um drama pungente.

José Niza, ramo de tronco illustre de familia portugueza, sentou praça em 1844, e morreu briosamente n'um recontro com guerrilhas que atacaram Villa Real: — morreu matando o valente que acaudilhava aquellas forças inimigas.

Se a Historia baixasse o olhar condescendente sobre os grandes heroismos que muitas vezes se manifestam nos planos inferiores das hierarchias dos que luctam, relataria assim como venho de dizer o caso, e todavia..., expondo um facto..., se não illudia o leitor, escondia-lhe o drama que determinou a tragedia.

José Niza procurou a bala que o matou como necessidade da alma cruciada pelo amor rejeitado por uma senhora de fidalga estirpe, cujo destino foi menos auspicioso, porque vive na suprema desventura, se viver póde dizer-se de quem caminha andrajosamente e inconscientemente para a morte: — São dois cadaveres: — um move-se; outro não.

Dramas temerosos que por toda a parte vão parallelos com soezes comedias!

José Niza é um dos principaes personagens do romance, que se baseia na revolução do Minho, escripto pelo abbade de Torguêda — José Maria Alves Torgo.

FIM DO I VOL. DA COLLECÇÃO